

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANTONIO CLAUDIO BORGES DIAS

COSMOVISÃO ÉTICA COMO COMPETÊNCIA TRANSVERSAL NA FORMAÇÃO E  
CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DO ENSINO RELIGIOSO DO MUNICÍPIO DE  
SÃO JOSÉ-SC

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 15/02/2023.

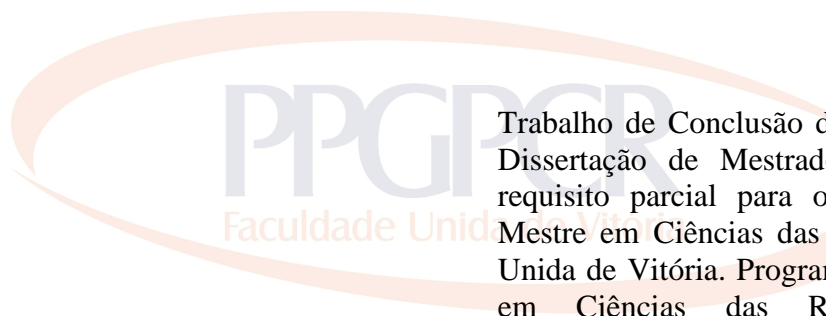
VITÓRIA-ES

2022

ANTONIO CLAUDIO BORGES DIAS

COSMOVISÃO ÉTICA COMO COMPETÊNCIA TRANSVERSAL NA FORMAÇÃO E  
CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DO ENSINO RELIGIOSO DO MUNICÍPIO DE  
SÃO JOSÉ-SC

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 15/02/2023.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências das Religiões. Área de  
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de  
atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Valdir Stephanini

VITÓRIA-ES

2022

Dias, Antonio Claudio Borges

Cosmovisão ética como competência transversal na formação e capacitação de professores (as) do Ensino Religioso no Município de São José-SC / Antonio Claudio Borges Dias. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022. ix, 115 f. ; 31 cm.

Orientador: Valdir Stephanini

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

Referências bibliográficas: f. 107-115

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Cosmovisão. 4. Ética.
  5. Valores humanos. 6. Formação de professores. 7. Itinerários temáticos. - Tese.
- I. Antonio Claudio Borges Dias. II. Faculdade Unida de Vitória, 2022. III. Título.

ANTÔNIO CLÁUDIO BORGES DIAS

COSMOVISÃO ÉTICA COMO COMPETÊNCIA TRANSVERSAL NA FORMAÇÃO E  
CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DO ENSINO RELIGIOSO  
DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ - SC

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências das Religiões. Área de  
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de  
Atuação: Religião e Espaço Público.

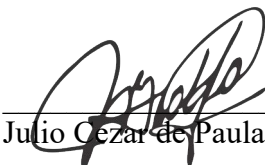
Data: 15 fev. 2023.



Valdir Stephanini, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



Francisco de Assis Souza dos Santos, Doutor em Teologia, UNIDA.



Julio César de Paula Brotto, Doutor em Teologia.



## AGRADECIMENTOS

Ao supremo autor da vida e de toda a graça concedida dia após dia para viver em observância aos seus ensinamentos. À minha família querida, que me apoia em todas as coisas, inclusive na realização deste trabalho, durante todo curso compreenderam a distância e tempos sacrificados. Ao professor Dr Valdir Stephanini, pela paciência, compreensão e sabedoria com a qual conduziu-me neste percurso mostrou a riqueza do papel da ética na vida, respeitando a diversidade, no fazer profissional e ensinou a enxergar a escola, a educação e o Ensino Religioso com outros olhos. Ao professor Dr. José Adriano Filho que com paciência verificou e pontuou dados importantes na construção deste trabalho. Ao professor Dr. Francisco de Assis como examinador teve um olhar e sugestões enriquecedoras na produção deste instrumento. Ao professor Dr. David Mesquiati de Oliveira que muito ensinou os caminhos da missão, do pluralismo, de um itinerário religioso e de uma educação interativa com diálogo inter-religioso com o mundo, com a vida e a comunidade. Estendendo esse agradecimento a todos(as) professores(as) e coordenadores(as) da Faculdade Unida, que dispuseram o privilégio de conhecer-lhes durante o curso. Agradeço aos meus colegas e amigos mestrandos, que tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos durante esta jornada de estudos. A todos o meu muito obrigado, este trabalho foi possível porque houve a torcida, o apoio e as orações de muitos.



A humanização é um processo recíproco. Para que os outros possam fazer-me humano, tenho de os fazer humanos, se para mim todas as pessoas são coisas ou animais, também eu não serei mais do que uma coisa ou um animal. Por isso, dar-se uma vida boa não pode ser muito diferente afinal de dar uma vida boa -

Fernando Savater, *Ética para meu filho*.

## RESUMO

O presente trabalho propõe efetivar a produção de itinerários temáticos com a intenção de propiciar a formação de valores humanos pautados na cosmovisão ética como competência transversal, a fim de capacitar os(as) educadores(as) do Ensino Religioso para trabalhar com a formação de valores, os quais são indispensáveis à vida e às relações estabelecidas entre as pessoas, formação essa que se faz necessária na contribuição para uma maior solidez nos programas de formação do(as) docentes do Ensino Religioso no município de São José, SC. O problema definido teve como questão: quais os referenciais éticos que poderão contribuir na construção de itinerário, reflexões e dinâmicas, tendo em vista à formação continuada dos professores(as) do Ensino Religioso? A hipótese está relacionada com a cosmovisão ética, os princípios e valores que norteiam as ações humanas e as consequências resultantes destas noções. O objetivo busca desenvolver itinerários pedagógicos no intuito de implementar o desenvolvimento da proposta formativa. A pesquisa foi desenvolvida tendo cunho bibliográfico e consistiu na etapa inicial, com a finalidade de agrupar e reunir as informações e que serviram de base na elaboração e construção da investigação e dos itinerários que se propuseram a partir do tema em questão. No ato de refletir sobre as relações do ser humano, é imprescindível entender a maneira como ele pensa, age, crê e decide. Por essa razão, faz-se necessário identificar as lentes cosmovisionais que norteiam sua ação, verificando as consequências éticas com todas as imprecisões e limitações de seu discurso. A pesquisa está estruturada em três capítulos assim distribuídos: no primeiro capítulo aborda concepções, princípios, fundamentos e cosmovisões da ética e moral humana. O segundo capítulo traz os valores humanos e visão de mundo nos modos de ser ético. O terceiro capítulo desenvolve o itinerário de dinâmicas para formação continuada dos profissionais do Ensino Religioso. A viabilização do processo do trabalho prático, ou seja, de como encaminhar metodologicamente as dinâmicas e reflexões, trabalhando com os(as) educadores(as) a partir de três pilares, do saber, do fazer e do ser, três grandes momentos, inseparáveis e imbricados um ao outro. O itinerário formativo e reconhecimento da concepção de mundo que pauta a vida, passando pela crítica e em último momento a resignificação ou reelaboração no sentido de uma nova concepção orientada e articulada, coerente à cosmovisão ética como competência transversal na formação e capacitação dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso.

Palavras-chave: Cosmovisão. Ética. Valores humanos. Formação. Itinerários temáticos.

## ABSTRACT

*The present work proposes to carry out the production of thematic itineraries with the intention of promoting the formation of human values based on the ethical worldview as a transversal competence, in order to train Religious Education educators to work with the formation of values, which are indispensable to life and to the relationships established between people, training that is necessary in contributing to greater solidity in training programs for Religious Education teachers in the municipality of São José-SC. The defined problem had the following question: what are the ethical references that can contribute to the construction of an itinerary, reflections and dynamics, with a view to the continuing education of Religious Education teachers? The hypothesis is related to the ethical worldview, the principles and values that guide human actions and the consequences resulting from these notions. The objective seeks to develop pedagogical itineraries in order to implement the development of the training proposal. The research was carried out with a bibliographic nature and consisted of the initial stage, with the purpose of grouping and gathering the information that served as a basis for the elaboration and construction of the investigation and the itineraries that were proposed from the theme in question. In the act of reflecting on the relationships of human beings, it is essential to understand the way they think, act, believe and decide. For this reason, it is necessary to identify the cosmovisional lenses that guide his action, verifying the ethical consequences with all the inaccuracies and limitations of his speech. The research is structured in three chapters, distributed as follows: the first chapter deals with conceptions, principles, foundations and worldviews of human ethics and morals. The second chapter brings human values and worldview in ways of being ethical. The third chapter develops the itinerary of dynamics for the continuing education of Religious Education professionals. The feasibility of the practical work process, that is, how to methodologically direct the dynamics and reflections, working with the educators from three pillars, of knowing, of doing and of being, three great moments, inseparable and intertwined with each other. The formative itinerary and recognition of the conception of the world that guides life, passing through criticism and, at the last moment, the resignification or re elaboration towards a new oriented and articulated conception, consistent with the ethical cosmovision as a transversal competence in the formation and qualification of educators of Religious Education.*

*Keywords: Cosmovision; Ethic; Humans values; Training; Themed itineraries.*

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
1 CONCEPÇÕES, PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E COSMOVISÃO DA ÉTICA E MORAL HUMANA.....	15
1.1 A ética nos modos de pensar, de falar e de agir .....	15
1.2 A ética nos processos formativos .....	26
1.3 Ações humanas como problema teórico-prático .....	34
1.4 A ética na perspectiva do Ensino Religioso .....	43
2 VALORES HUMANOS E VISÃO DE MUNDO NOS MODOS DE SER ÉTICO .....	51
2.1 Por uma compreensão do termo cosmovisão .....	51
2.2 Cosmovisão na compreensão do ser enquanto consciência de si .....	55
2.3 Realidade humana nos modos de ser sujeito .....	66
2.4 Cosmovisão na perspectiva ética.....	73
2.5 Cosmovisão e formação continuada dos(as) professores(as) do Ensino Religioso.....	75
3 ITINERÁRIO E DINÂMICAS PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS(AS) PROFESSORES(AS) DO COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO.....	79
3.1 Níveis da pessoa e o itinerário de reconhecimento da concepção que pauta a vida.....	79
3.2 Trajetória crítica, culminância, ressignificação e reelaboração da proposta formativa.....	82
3.3 Reflexões e dinâmicas como proposta formativa.....	83
3.4 Itinerário formativo e princípios orientadores à luz da perspectiva ética.....	85
3.5 Programa formativo - Definição e critérios.....	90
3.6 Quadro descritivo de valores e ações como proposta metodológica e formativa.....	94
CONCLUSÃO.....	102

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### FIGURAS

Figura 1: Valor do respeito.....	94
Figura 2: Valor do cuidado.....	95
Figura 3: Valor da responsabilidade.....	96
Figura 4: Valor da liberdade.....	98
Figura 5: Valor da prática cidadã .....	99

### QUADROS

Quadro 1: Passo de imersão.....	87
Quadro 2: Passo de pertencimento .....	88
Quadro 3: Passo de compromisso.....	89
Quadro 4: Passo de engajamento.....	89
Quadro 5: Itinerário formativo 1 .....	91
Quadro 6: Itinerário formativo 2 .....	91
Quadro 7: Itinerário formativo 3 .....	92
Quadro 8: Itinerário formativo 4 .....	92
Quadro 9: Itinerário formativo 5 .....	93

## INTRODUÇÃO

A motivação que instigou essa pesquisa foi o processo de como o Ensino Religioso se apresentou no percurso do fazer educação no município de São José, localizado no estado de Santa Catarina, para o qual se direciona o contexto desta pesquisa. A formação inicial do pesquisador perpassa pela filosofia e pelas artes visuais e com as quais foi levado ao programa do Ensino Religioso neste mesmo município, propuseram a busca pela formação nas Ciências das Religiões, passando pela graduação e culminando com este mestrado, como tentativa de uma melhor inserção no campo deste saber específico.

O Ensino Religioso, como área do conhecimento, visa a formação básica e integral do ser humano e o respeito à diversidade cultural e religiosa presente na sociedade brasileira. Ao considerar as contribuições dos diferentes saberes para a formação humana ao longo da história da humanidade percebe-se uma lacuna na formação ética da docência e conseqüentemente reflete negativamente nas práticas pedagógicas atuais e especificamente no processo do Ensino Religioso.

Diante disso, percebe-se a necessidade cada vez maior de profissionais qualificados e com uma formação ética, em especial para onde o contexto da pesquisa está direcionada, o município de São José, SC, o qual tem em suas diretrizes a superação das desigualdades educacionais, dando ênfase na promoção da cidadania, nos valores morais e éticos, acreditando que são fundamentais elementos de uma sociedade, que se constituem “numa produção humano histórica e culturalmente elaborada pelos sujeitos, nas e pelas interações sociais”<sup>1</sup>, e desejam o melhor para o outro, ou seja, educadores(as) que não estão só preocupados(as) com o transmitir conhecimentos, mas com a integridade e dignidade do outro, pois desde sempre a ética esteve relacionada ao sentido do bem, da virtude, do valor, da educação e da justiça. Diante desse contexto, a ética se faz necessária e transita entre as pessoas em seu dia a dia, através de suas ações, das motivações e das conseqüências dos atos humanos.

Nessa perspectiva de análise do ser humano, de suas relações e tendo como eixo o que ao longo da história se constituiu como cosmo + visão = cosmovisão, pretende-se aprofundar a relevância de uma cosmovisão pautada no ser e no agir ético, pois desse modo é possível afirmar que o pensamento humano é dinâmico e deve ser constantemente reconstruído de acordo com os avanços nas diferentes áreas do conhecimento.

---

<sup>1</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, SC (PMS). *Proposta curricular de São José*, 2000, p. 29. [online].

A proposta de ensino do município de São José, SC assumiu a diversidade como “princípio formativo e fundante do currículo escolar”<sup>2</sup>, reconhecendo que a sociedade é composta por seres humanos diversos em suas experiências de vida e em sua forma de compreender o mundo. Afirmar a diversidade como princípio educativo e formativo é fazer destes processos um meio de reformular as práticas educativas, fortalecendo e ressignificando os seus espaços para que contribuam na compreensão das diversidades e das diferenças.

Acreditando na proposta de trabalho oferecido pela Secretaria de Educação do Município de São José, SC, com a criação do espaço físico conhecido como casa do educador, onde a formação continuada dos(as) professores(as) acontece de forma sistematizada é possível a concretização dessa proposta formativa para os(as) professores(as) que atuam no Ensino Religioso, tendo essa disciplina no currículo como espaço privilegiado para a construção de uma educação mais humanizada.

Toda essa trajetória de construção e de avanços na educação, assim também, o destaque, a abertura e apoio de todos(as) aqueles(as) que estão engajados(as) na concretude de um projeto formador que tem como base o documento que estabelece a aprendizagem que devem ser desenvolvidas nas escolas de todo o Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup>, que tem a função garantidora do direito à aprendizagem assim como o desenvolvimento pleno de todos(as) educando(as).

Fundamentado nos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular e na Proposta Curricular de Santa Catarina, documento esse que é específico do estado de Santa Catarina, elenca entre outros, a cidadania, a diversidade, a cultura e a ética, categorias essas que ampliam as possibilidades de análise, investigação e problematização de seu objeto de estudo em diversos tempos e espaços. Dessa forma o município tem investido em um programa de formação continuada dos(as) professores(as), possibilitando uma reflexão da prática pedagógica cotidiana e na discussão dos referenciais teóricos que encaminhem para uma prática responsável e compromissada com uma escola pública eficiente e de qualidade.

A partir da educação é possível ajudar a construir uma sociedade fundamentada na perspectiva ética para o ser humano, organizada em função do respeito à dignidade, promotora

---

<sup>2</sup> SANTA CATARINA, *Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na Educação Básica*. Florianópolis: SED. 2014, p. 54.

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Educação. *Guia de implementação da Base Nacional Comum Curricular: orientações para o processo de implementação da BNCC*. Brasília: MEC, 2018. [online]. A BNCC define diretrizes para as redes e sistemas de ensino brasileiros para elaboração de suas propostas curriculares para a Educação Básica. No documento, constam diretrizes gerais para o estudo ético e científico das religiões no Ensino Fundamental de nove anos, numa perspectiva intercultural e de direitos humanos. O documento foi protocolado no dia 20 de dezembro de 2017 pelo Ministério da Educação.



da justiça, da liberdade, da fraternidade, da solidariedade, da participação democrática, do respeito às diferenças.

A pergunta problema a ser investigada é a seguinte: quais os referenciais teóricos que contribuíram na construção de itinerários, reflexões e dinâmicas em vista da formação de valores humanos, pautados na cosmovisão ética, direcionados à formação continuada dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso da rede de ensino do município de São José, SC?

A hipótese a ser perseguida pode ser expressa assim: se no ato de se refletir sobre as relações do ser humano é imprescindível entender a maneira como ele pensa, age, crê e decide, faz-se necessário identificar à luz da cosmovisão ética que norteia sua ação, as consequências éticas com todas as imprecisões e limitações de seu discurso, na medida em que se torna provável tentar dar um sentido ao seu agir, evitando situações que ferem a dignidade humana.

Diante disso tem-se como objetivo desenvolver através de itinerários pedagógicos, relações de implementação e desenvolvimento da proposta nas jornadas pedagógicas dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso por meio de dinâmicas e reflexões à luz da cosmovisão ética e sua transversalidade na formação e capacitação de valores, os quais são indispensáveis à vida e às relações estabelecidas entre as pessoas.

A pesquisa a ser desenvolvida tem cunho bibliográfico e consiste na etapa inicial agrupar e reunir as informações que servirão de base na elaboração e construção da investigação que se propõe a partir do tema em questão. Portanto, reconhece o valor da natureza qualitativa da investigação. Para isso, utilizam-se referenciais teóricos que possibilitaram o alicerce da compreensão do papel da ética, como ponto norteador desta pesquisa, através do pensamento aristotélico<sup>4</sup>, onde os princípios éticos são determinados pelo caráter. Analisados em uma compreensão que se desdobram nos processos educacionais e no fazer pedagógico, mais especificamente no Ensino Religioso, como espaço e lugar do debate para o fortalecimento das relações e laicidades do estado e da educação. A temática laicidade será abordada a partir das teses defendidas por Sérgio Junqueira<sup>5</sup>. Para abordar as questões relacionadas ao tema cultura

---

<sup>4</sup> Aristóteles (384-322 a.C) foi filósofo grego durante o período clássico na Grécia antiga, uma das mentes mais brilhantes de todos os tempos. Escreveu uma série de obras sobre filosofia, política, ética, metafísica e lógica. Ética a Nicômaco é a sua principal obra sobre a ética. Nela Aristóteles faz uma análise do agir humano. O projeto de Aristóteles visa restabelecer a unidade do ser humano consigo mesmo e o com o mundo, portanto, há uma cosmovisão. “Aristóteles foi o primeiro filósofo a elaborar tratados sistemáticos de Ética. O mais influente desses tratados, a Ética a Nicômaco, continua a ser reconhecido como uma das obras primas da filosofia moral, ali o autor apresenta a questão que, de seu ponto de vista, constitui a chave de toda investigação ética: Qual é o fim último de todas as atividades humanas? CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005, p. 57.

<sup>5</sup> Sérgio Rogério Azevedo Junqueira é consultor do conselho nacional de educação e UNESCO para Educação e Religião. Autor de vários livros, artigos nas seguintes áreas: educação, formação de professores, diversidade e educação religiosa, mais especificamente no Ensino Religioso. Uma de suas obras é O Ensino Religioso na BNCC

foram analisadas obras de Paul Hiebert<sup>6</sup> e Clifford Geertz<sup>7</sup>. Além do quadro teórico acima descrito, outros autores também contribuem na organização e análise de fontes bibliográficas que de alguma forma sistematizam a temática em estudo.

Diante da exposição sobre o que se pretende pesquisar, refletir e apropriar dos conhecimentos por meio da pesquisa bibliográfica com o intuito de estudar o pensamento de diferentes autores, a sua linguagem, seu contexto e compreensão de sua cosmovisão que influencia a forma na qual uma pessoa vê a Deus, a origem do mundo, a existência do mal, a realidade da vida, os valores e o destino final.

Para tanto, é necessário a concretização do método utilizando procedimentos interpretativos e qualitativos na investigação a que se propõe a pesquisa, considerando as fontes bibliográficas os conceitos e ideias a serem integrados na construção de um itinerário formativo como resultado desta pesquisa.

Afim de dar prosseguimento de forma sistemática, coerente e epistemológica na construção do itinerário formativo tendo como base a dimensão ética e sua aplicação na formação continuada dos educadores(as) do Ensino Religioso, descreve-se como serão divididos os capítulos com seus referidos temas.

O capítulo primeiro apresenta concepções, princípios, fundamentos e cosmovisões da ética humana, reflexões sobre a ética e os pressupostos do agir e do ser na perspectiva da ética como valor e realização humana, analisando criticamente os teóricos e esclarecendo as especificidades no contexto da ética e suas implicações e aplicabilidades no Ensino Religioso, afinal todos têm determinadas regras de conduta e visões de mundo que, em conjunto, costumam ser chamadas de ‘filosofia de vida’, ‘paradigmas’ ou ‘cosmovisões’. Todas essas expressões, valores e ideias estão presentes no agir e no ser ético dos sujeitos. A ética é um assunto interessante no cotidiano das pessoas, por isso se faz necessária uma reflexão para

---

- teoria e prática para o Ensino Fundamental. A BNCC propõe promover um processo de conhecimento pautado em princípios dialógicos, éticos e colaborativos na formação humana.

<sup>6</sup> Paul Gordon Hiebert (1932-2007), foi missionário e antropólogo da diversidade cultural, fazendo uma análise abrangente das culturas e cosmovisões. Um aspecto importante da função da cosmovisão, conforme pensamento de Paul Gordon Hiebert, é o fato que ela permite avaliar as experiências e ações em termos de justiça, pecado, violação, transgressão, obediência e desobediência (HIEBERT, 2016, p. 35). Nesse sentido é imprescindível não olhar para as relações que se estabelecem entre as pessoas, o comportamento ético que direciona as escolhas e o agir humano. Sua obra Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam.

<sup>7</sup> Clifford James Geertz (1926-2006) como antropólogo influente dos últimos tempos tratou a cultura como condição da existência dos seres humanos, fundamentou temas como a diversidade, pluralismo e conflito. Em sua obra A interpretação das culturas, ressalta a importância da cultura na formação pessoal, moral e intelectual do indivíduo e principalmente no desenvolvimento da sua capacidade de relação com o outro, ou seja, a cultura se caracteriza como um modelo, aproximando do conceito de cosmovisão como panorama geral que forma uma totalidade de visão.

identificar o que é o bem e o que é o mal, e quais seriam os valores fundamentais da boa convivência.

O segundo capítulo aborda os valores humanos, assim como a visão de mundo nos modos do ser ético, compreendendo a cosmovisão, sua relação com a consciência na compreensão de quem é o ser e de sua subjetividade, a partir dos sistemas de valores da atualidade que nortearão o programa de formação continuada que será desenvolvido, pois é preciso refletir sobre as relações do ser humano com o entorno e verificar as consequências destas relações. Através da ética, com todas as imprecisões e limitações do discurso ético, dará um sentido ao agir e evitará algumas situações que causam repulsa, como a falta de respeito e dignidade diante da vida. Na tentativa de trazer o debate ético e de formular perguntas sobre os juízos que cada expressão religiosa faz de suas ações, assim como todos os temas que perpassam as relações, examinando de forma crítica as teorias resgatando o sentido de ser diante das diferentes visões de mundo.

O terceiro e último capítulo traz o itinerário e dinâmicas para formação continuada dos(as) professores(as) do componente curricular Ensino Religioso, assim como apresenta os níveis da pessoa e o itinerário de reconhecimento da concepção que pauta a vida humana, ao mesmo tempo aborda a trajetória crítica, de culminância, ressignificação e reelaboração da proposta formativa, apresentando quadros reflexivos de valores e ações como proposta metodológica e formativa. A(a) educador(a) do Ensino Religioso deve possuir preocupações éticas e avaliar sempre positiva ou negativamente as condutas, refletindo criticamente sua própria trajetória, seu fazer educativo, seus princípios, métodos, suas aplicações e todas as consequências de um projeto humanizador na educação.

A proposta de desenvolver itinerário pedagógicos, contendo reflexões e dinâmicas sobre a formação de valores humanos pautados na dimensão ética, a fim de capacitar os educadores(as) do Ensino Religioso para trabalhar com a formação de valores, os quais são indispensáveis à vida e às relações estabelecidas entre as pessoas, está diretamente vinculada com a contribuição para uma maior solidez nos programas de formação do(as) docentes do Ensino Religioso no município a que se destina a proposta.

## 1 CONCEPÇÕES, PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E COSMOVISÃO DA ÉTICA E MORAL HUMANA

A proposta a ser construída neste capítulo visa trazer os fundamentos, princípios e concepções da ética e moral humana, estabelecendo a relação entre ética, cosmovisão e formação de valores e apresentar as visões de sujeito e de mundo, integrando com os fundamentos éticos. Considera-se que tanto a ética como a cosmovisão subsidiam as relações humanas. Compreende-se que a ética é parte da filosofia que estuda os princípios morais que orientam a conduta humana, ao mesmo tempo em que demonstra como a reflexão efetivada volta-se para a ação. Afinal, ela é considerada como ciência, tendo a função de analisar e julgar a moral existente, ou seja, valores, regras e costumes, o comportamento de um grupo, indivíduo e sociedade.

Ao pensar sobre o tema da ética, é necessário destacar alguns princípios que de alguma forma estejam relacionados com a consciência. A ética, ao procurar refletir as ações humanas, aborda a criticidade sobre o comportamento e ao mesmo tempo em sentido amplo é entendida como estudos da conduta humana, procurando descobrir o que está por trás do modo de ser e de agir e refletir sobre a formação continuada do(a) educador(a) do Ensino Religioso considerando a interação entre ética e cosmovisão como princípio norteador nos modos de pensar, de falar e de agir, pois essa interação é o que se pretende desenvolver na seção seguinte.

### 1.1 A ética nos modos de pensar, de falar e de agir

A ética é definida como a ciência do *ethos* e está relacionada ao comportamento humano. A palavra ética deriva da palavra grega, *ethos*, termo que remonta à retórica aristotélica e por ser tão antigo quanto atual, o significado da palavra *ethos*, pode ser traduzido como normas, costumes, moral, comportamento, tradição. No latim, a palavra *ethos* era traduzida por *mos* que tem como plural *mores*, de onde vem a palavra moral. O termo *ethos*, conforme Danilo Marcondes, é “o conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura”<sup>8</sup>. Assim também complementa Henrique Vaz<sup>9</sup> quando diz:

<sup>8</sup> MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017, p. 9.

<sup>9</sup> Henrique Cláudio Lima Vaz, jesuíta, representante e profundo conhecedor da filosofia no Brasil. Em sua obra: *Introdução à ética filosófica*, apresenta uma “ontologia do agir humano”, que trata de questões da ação humana. Nas suas investigações tomou posições a respeito do sentido transcendente da existência humana. VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 15.

A ética parte do pressuposto de uma racionalidade imanente ao *ethos* e sua tarefa como disciplina filosófica consiste essencialmente em explicar as razões do *ethos* ou em elucidar a inteligibilidade da práxis ética em suas diversas dimensões e estados.<sup>10</sup>

O conceito de ética como campo de reflexão sobre a prática humana, daquilo que é bom ou ruim, é algo característico e imanente ao ser humano, como afirma o filósofo Aristóteles: “A característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais”<sup>11</sup>.

A partir dessa ideia pode-se distinguir a ética da moral, colocando a moral no sentido da ação efetiva e constante do ser humano, ou seja, a ação humana pode ser julgada sob o ponto de vista da moral e, no entanto, a ética como ciência tem a função de analisar e julgar a moral existente, ou seja, valores, regras e costumes, o comportamento de um grupo, indivíduo e sociedade.

Um exemplo clássico de ética prática é o que o filósofo grego Sócrates fazia em Atenas, interrogando e debatendo com seus concidadãos sobre seus atos. Dialogava com ricos e pobres, cidadãos e escravos. O que importava eram as qualidades interiores de cada pessoa, condições indispensáveis ao processo de autoconhecimento. O autoconhecimento do ser humano era um dos elementos fundamentais preconizados pela educação socrática. Sócrates era considerado, conforme descreve Carlos Aricó, “uma espécie de parteiro das ideias que emergiam do diálogo”<sup>12</sup>.

Sócrates procedia conversando com políticos, sofistas, artistas e qualquer cidadão de Atenas sobre “amor”, “verdade”, “bem”, “bondade”, “conhecimento” e “sabedoria”, entre outros temas relacionados às virtudes humanas. Conforme o pensamento socrático, para praticar uma virtude, é preciso conhecê-la. Assim ele, tornava pública sua ética através dos diálogos feitos em praça pública, “Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma”<sup>13</sup>. Assim acreditava que era preciso livrar a alma do cativo do corpo para melhor entender as questões investigadas por ele. Investigar a prática humana é também investigar o que o próprio ser humano é, conforme ressalta Francisco Catão:

É preciso afirmar com força, a unidade real e ontológica do ser humano. Para fazê-lo, porém sem negar nenhum dos aspectos da realidade humana é preciso reconhecer que tudo o que é humana comporta duas esferas indispensáveis: a intimidade de ser

<sup>10</sup> VAZ. *Ética e direito*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 267.

<sup>11</sup> ARISTÓTELES. *Política*, Brasília: UNB, 1985, p.15.

<sup>12</sup> ARICÓ, Carlos Roberto. *Arqueologia da ética*. São Paulo: Ícone, 2002, p. 76.

<sup>13</sup> PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. 3. ed. Belém: UFPA, 2015, p. 15.

profundo e a esfera em que se manifestam os diversos aspectos do que sente e das atitudes que toma diante da vida de si mesmo e dos outros.<sup>14</sup>

Neste sentido, é preciso destacar o ser ético, pelo qual o ser humano se aprimora e se torna um ser de excelência ou virtuoso conhecendo a virtude, conhecendo a justiça e o bem. Portanto, a ideia de que a busca da verdade ou do conhecimento deve ser o centro de toda vida virtuosa.

Em Sócrates, como procuramos enfatizar, o mundo do invisível das ideias em si mesmo pertence à alma indestrutível, que se conserva igual a si mesma ao longo da eternidade, a origem dos comportamentos morais pertence à essência da alma, como uma realidade em si. Desta forma, deve ser considerado o bom em si, o justo em si, os virtuosos em si, próprios das almas purificadas através da negação do corpo e das suas necessidades.<sup>15</sup>

Investigar a prática humana é também investigar o que o próprio ser humano é. Neste sentido, é preciso destacar o ser ético. O ser humano se aprimora e se torna um ser excelente ou virtuoso conhecendo a virtude, conhecendo a justiça e o bem. Portanto, a ideia de que a busca da verdade ou do conhecimento deve ser o centro de toda vida virtuosa.

A ética é um assunto importante e essencial na busca do equilíbrio de uma sociedade pois ensina sobre as ações humanas, as escolhas e decisões, permitindo refletir sobre os valores da boa convivência. A moral seria o código de obrigações e de interdições que regula a vida de um grupo social. Para a ética, certo é o que atende à vida, o comportamento e o desenvolvimento saudável de toda uma existência, pois segundo Sánchez Vázquez “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”.<sup>16</sup>

É necessário refletir sobre as relações do ser humano com o entorno e verificar as consequências destas relações. A partir da ética, recorre-se à tentativa de dar sentido ao agir. Sendo a ética uma ciência, tendo a função de analisar e julgar a moral existente, ou seja, valores, regras e costumes, o comportamento de um grupo, indivíduo e sociedade. Ela, também, estuda os princípios da moral, a base e a aplicabilidade das leis; é uma atividade essencialmente racional. Existe um aspecto duplo da ética entre a consciência e a prática, segundo Aristóteles.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> CATÃO, Francisco. *Curso de Ensino Religioso escolar*. São Paulo: Letras & Letras, 1995, p. 21-22.

<sup>15</sup> ARICÓ, 2002, p. 81-82.

<sup>16</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 12.

<sup>17</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 42.

Aristóteles explica: “A excelência moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio-termo determinado pela razão. Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo”.



Em Aristóteles, a ideia de ser feliz passava pelo uso da razão e a concretude da prática, ou seja, o agir ético de tal forma que isso se tornasse uma virtude.<sup>18</sup> Hoje, no entanto, a palavra ética é muitas vezes usada em diferentes sentidos e conexões. O ético e o antiético, por exemplo, são expressões que vêm sendo usadas para indicar aprovação ou desaprovação. A ética, porém, é muito mais abrangente do que o estudo da moral ou da moral em si, ou, do estudo das leis e das leis em si; sua dinâmica e consciência são ilimitadas.

O estar no mundo e o existir humano é marcado pelo ser e atua com o outro no mundo e ao mesmo tempo atribui significação, dar sentido, a esta experiência, pela relação, o ser humano é um ser de relação. A relação autêntica desvela-se por seu caráter envolvente e significativa. Sendo o ser humano sujeito de sua própria educação, toda ação educativa deverá promover o próprio indivíduo e não ser instrumento de ajuste deste à sociedade. Será graças à consciência crítica que ele(a) assumiu cada vez mais esse papel de sujeito, escolhendo e decidindo.<sup>19</sup>

Qualquer pessoa, pelo menos vez ou outra, deve refletir eticamente sobre o que fez ou vai fazer e sobre os motivos de sua ação. Portanto, ética é a arte de escolher bem aquilo que mais convém e de viver o melhor possível. O ser humano age no mundo de acordo com valores, isto é, a partir daquilo que tem maior importância ou é prioridade para ele segundo certos códigos morais. Immanuel Kant reforça essa ideia ao dizer: "Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal"<sup>20</sup>. O filósofo pensou a ação autônoma de maneira rigorosa. Sua concepção estabelece uma relação intrínseca entre moral e virtude. O ser humano responde eticamente por seu pensar, seu falar e sua ação quando é livre, enfim, eis o desafio para se levar isso com coerência, responsabilidade e autenticidade na condução do seu próprio destino.

A relação é um conceito cognitivo, mas, sobretudo, um conceito ético. Não é possível pensar eticamente sem ter em vista a relação que está presente em todo pensamento humano. Não é possível uma ética que não leve em conta essa questão, pois ela é definitiva para a compreensão da experiência e do pensar e do agir eticamente. Segundo Zygmunt Bauman, o outro é uma parte integrante na concretização da identidade do "eu" que é "o horizonte em

<sup>18</sup> Aristóteles apresenta a seguinte explicação: "O que é próprio de cada coisa é, por natureza, o que há de melhor e de aprazível para ela; e, assim, para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais aprazível, já que a razão, mas que qualquer outra coisa, é o homem. Donde se conclui que essa vida é também a mais feliz". (2002, p. 190).

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 14.

Pensar a educação na proposta de Freire é entender que: A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela".

<sup>20</sup> KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 59.

direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu me avalio, censuro e corrijo os meus movimentos, esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí”<sup>21</sup>.

A existência da relação é tão concreta quanto abstrata, depende do ponto de vista onde se está, ou do modo, da visão com a qual se olha o mundo. A relação é, primeiramente, o que não é percebido, e é o efeito do lugar que se ocupa como ser de presença no mundo. Para David Oliveira, “Nesse processo de empoderamento, tornam-se sujeitos de transformação”<sup>22</sup>. Com isso, o reconhecimento da e pela relação que tem a certeza de que o outro é, assim como o “eu”, é uma presença.

O “outro” é o que se vê, onde a relação ainda é unilateral, mas é também o “outro” que vê os outros, ou seja, essa relação está na reciprocidade. E nesses olhares, o ser humano chegará a ser sujeito através da relação e reflexão sobre seu ambiente concreto, quanto mais ele relaciona e reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. Alinhado ao pensamento de Oliveira, é possível afirmar que o ambiente educacional necessita de um modelo que “trabalhe com a reciprocidade, que avance da perspectiva moderna que trata o outro como objeto para considerá-lo sujeito da sua própria história”<sup>23</sup>.

Uma cosmovisão ampla e abrangente fornece os elementos para trabalhar essa reciprocidade e enxergar como a humanidade se comporta na relação com o outro de maneira ética. Há uma constante manifestação do ser, por isso é necessário, no entanto, o desafio de compreender as implicações que a formação da conduta humana tem no comportamento e no comprometimento ético, de acordo com Freire:

Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.<sup>24</sup>

A realidade humana é complexa, tornando um desafio a sua formação dentro de um espaço social. O ser humano pensa, fala e age, e é nessas ações que podem ocorrer a ética na vida e em suas relações. O agir ético humano é a expressão da não neutralidade. Todavia, nem sempre existe coerência entre o pensar, o falar e o agir, o que transforma em um desafio ainda maior à formação ética.

<sup>21</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 21.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, David M. de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Ateo*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307 - 337, mai./ago. 2016, p. 315.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 329.

<sup>24</sup> FREIRE, 2007, p. 22.



A atitude ética é antes de tudo pessoal, com a qual cada indivíduo escolhe atendendo ao que é melhor para seu bem estar em um momento determinado e sem querer convencer todos os outros de que assim é melhor e mais satisfatoriamente humano viver. A ética também estuda os princípios da moral. Vázquez define ética como “a teoria ou a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”<sup>25</sup>, ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano.

A partir dessa ideia pode-se distinguir a ética da moral, colocando a moral no sentido da ação efetiva e constante do ser humano, ou seja, a ação humana pode ser julgada sob o ponto de vista da moral e, no entanto, a ética como ciência que tem a função de analisar e julgar a moral existente, ou seja, valores, regras e costumes, o comportamento de um grupo, indivíduo e sociedade.

Diante da realidade atual, em que uma espécie de mal-estar, de solidão, de insegurança, de vida menos sólida, menos convicção se instala, o Ensino Religioso tem um importante papel de mediar essa relação, pois no processo da formação integral dos sujeitos sempre contribuirá na formação do ser e do agir humano, e também será graças à consciência crítica, à resolução de questões de ordem moral, ética e que interferem diretamente na vida em sociedade que os sujeitos assumem cada vez mais esse papel de cidadão e cidadã, escolhendo e decidindo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 define como um dos pilares para a formação de um sujeito pleno “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”<sup>26</sup>.

A BNCC<sup>27</sup> indica que a área do Ensino Religioso é garantida pela Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e pela LDB, n. 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei n. 9.475/1997)<sup>28</sup>. No Estado de Santa Catarina, o Ensino Religioso está disposto na lei complementar (nº 170/1998), regulamentado pelo (decreto nº 3882/2005)<sup>29</sup>. Estes dispositivos assim estabelecem:

Cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica

<sup>25</sup> VÁZQUEZ, A. Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 12.

<sup>26</sup> BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF: Ministério da Educação Nacional, 20 dez. 1996, Art. 35, III.

<sup>27</sup> BRASIL, 2018, p. 435.

<sup>28</sup> Art 33º - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão.

<sup>29</sup> SANTA CATARINA. *Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense*. Florianópolis: SED, 2019, p. 472.

abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias de vida.<sup>30</sup>

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina, fica definido que:

Cabe à escola oportunizar a reflexão sobre os conhecimentos religiosos que se manifestam na vida social por meio de uma multiplicidade de ritos, textos, mitos, símbolos, espaços, linguagens, atitudes, valores e referenciais éticos que balizam e até determinam como o ser humano se define e se posiciona no mundo, o que permite um processo educativo que leve ao reconhecimento da diversidade religiosa, articulando conhecimentos científicos e culturais, por meio do exercício do diálogo, do estudo, da pesquisa, da reflexão e apropriação dos conhecimentos.<sup>31</sup>

A área do componente curricular “Ensino Religioso direito de todo cidadão”<sup>32</sup> têm a função de desenvolver competências e habilidades contribuindo para a compreensão das identidades a partir de relações de alteridade, visto que, “busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades” nas quais o respeito e acolhimento às diferenças de gênero, classe social, religião, raça, corporeidade como condição para relações mais justas e solidárias entre os estudantes, assim sendo, “tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade”<sup>33</sup>.

Essa área do conhecimento “trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes”, propiciando ao estudante aprimorar progressivamente sua capacidade de leitura de mundo, de modo a ampliar conhecimentos referentes às diversidades “que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz”<sup>34</sup>.

O Ensino Religioso como conhecimento dos componentes básicos “deve ser embasado sobre o fenômeno religioso”<sup>35</sup> presente nas diversas culturas como resultado da busca por respostas para os questionamentos da existência humana, os conhecimentos religiosos são parte integrante da diversidade cultural e objeto da área do Ensino Religioso, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção, aproximando-se das Ciências da Religião:

Trata-se de uma aproximação que vem enriquecida com a dinâmica transversal e multidisciplinar das ciências da religião e movida também por uma distinta

<sup>30</sup> BRASIL, 2018, p. 436.

<sup>31</sup> SANTA CATARINA, 2014, p. 147.

<sup>32</sup> JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 81.

<sup>33</sup> BNCC, 2018, p. 437.

<sup>34</sup> BNCC, 2018, p. 437.

<sup>35</sup> JUNQUEIRA, 2002, p. 41.

sensibilidade ao mundo do outro e da perspectiva dialogal, de forma a superar a dinâmica das afirmações identitárias e a buscar, com sinceridade e abertura, o respeito e o aprendizado diante do patrimônio religioso do outro.<sup>36</sup>

Dessa aproximação de acordo com a lei o Ensino Religioso na BNCC, “tem como objeto da área o conhecimento religioso produzido no âmbito das Ciências da Religião, das culturas e das tradições religiosas”<sup>37</sup>, esse modelo epistemológico e pedagógico possibilitará a aprendizagem de uma ferramenta, como aponta Junqueira, “assegurando a contextualização dos conhecimentos escolares em face das diferentes realidades” que muito auxiliará na resolução de questões relacionais na busca de uma educação humanizadora, acreditando que é possível a construção de uma sociedade mais justa e de paz entre todos, como resposta “à leitura religiosa da sociedade, ancorada na Ciência da Religião e nos novos pressupostos da educação brasileira”<sup>38</sup>.

Nesse sentido, Soares afirma que o Ensino Religioso passa a ser compreendido como “o resultado da transposição didática do conhecimento produzido pela Ciência da religião para as aulas do ensino público fundamental e médio”<sup>39</sup>.

Portanto, o Ensino Religioso permite aos estudantes uma busca por melhores caminhos para a vida, com discernimento, respeito e justiça, contribuindo com a formação ética, para que tenham uma nova visão de mundo. Assim a BNCC propõe “o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida”<sup>40</sup>.

Ao promover e despertar o compromisso de uma nova visão de mundo, o Ensino Religioso possibilita ao ser humano usar a razão para guiar sua vida, mas o ser humano não é apenas racional, pois está em constante relação com o outro e nessa experiência relacional que também é formadora de novos valores. A condição humana se expressa na constante reflexão que o ser humano faz de sua vida, de suas ações, da sociedade em que está inserido, ou seja, de sua ética.<sup>41</sup> Sendo assim, propõe “no diálogo com as demais áreas do conhecimento, contribuem para que os sujeitos tenham na escola um espaço de vivências, experiências e de socialização

<sup>36</sup> JUNQUEIRA. Educação e História do Ensino Religioso. *Pensar a Educação em Revista*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 5-26, jul./set. 2015, p. 22.

<sup>37</sup> SANTA CATARINA, 2019, p. 474.

<sup>38</sup> JUNQUEIRA, 2015, p. 12.

<sup>39</sup> SOARES, Afonso M. Ligorio. *Religião & educação: da ciência da religião ao ensino religioso*. (Coleção temas do ensino religioso). São Paulo: Paulinas, 2010, p. 18.

<sup>40</sup> BRASIL, 2018, p. 18.

<sup>41</sup> BRASIL, 2018, p. 16. Como a BNCC expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a "construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades [...] e com os desafios da sociedade contemporânea".

de seus conhecimentos, os quais são contextualizados, sistematizados, reconstruídos e reelaborados”<sup>42</sup>.

É pertinente lembrar a importância de alguns pressupostos que permeiam os processos de ensino e aprendizagem frente aos objetos de conhecimento e os desdobramentos de conteúdos feitos no chão da escola como espaço de humanização que não devem ser impostos, mas construídos por todos. Nessa perspectiva induz à concepção de um conhecimento transversal contextualizado pela realidade local, social e individual em que a escola está inserida.<sup>43</sup>

Diante do exposto, é necessário atender às necessidades e expectativas dos(as) educandos(as), fortalecendo seu interesse, engajamento e protagonismo, com vistas a garantir sua permanência e aprendizagem, buscando assegurar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores capazes de formar as novas gerações para lidar com desafios pessoais, profissionais, sociais, culturais e ambientais do presente e do futuro, considerando a intensidade e a velocidade das transformações que marcam a contemporaneidade, ou seja, uma fala coerente com a prática ética.<sup>44</sup>

A prática ética na dimensão relacional passa a ser um importante conteúdo da disciplina do Ensino Religioso quando se aborda a formação integral dos sujeitos. As pessoas determinam se uma sociedade é ética ou não, ou seja, a ética é individual e está relacionada ao ser e ao agir. Conforme o pensamento de Maria C. C. Arruda, “o comportamento ético é sempre individual, as estruturas, as instituições e a sociedade não são éticas ou antiéticas. Somente a ação humana individual é suscetível de valoração moral”<sup>45</sup>.

Na visão de Aristóteles, a moral e as virtudes são produtos do hábito, ou seja, da disposição para agir de um determinado modo, independentemente das determinações genéticas e das necessidades naturais,<sup>46</sup> “as virtudes não se engendram nem naturalmente nem contra a

<sup>42</sup> SANTA CATARINA, 2014, p. 152.

<sup>43</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Temas contemporâneos transversais na BNCC*. Brasília: CNE/CEB, 2019, p. 7. O Conselho Nacional de Educação aborda sobre a transversalidade no Parecer nº 7, de 7 de abril de 2010. “A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados e as questões da vida real” (p. 24). [online].

<sup>44</sup> MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b, p. 65.

“A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa e ensinar como se tornar um cidadão.”

<sup>45</sup> ARRUDA, Maria C. C.; WHITAKER, Maria do C.; RAMOS, José M. R. *Fundamentos de ética empresarial e econômica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 5.

<sup>46</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 35.

“É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”. A virtude não pode derivar da natureza por isso, Aristóteles mostra que o que é por natureza não pode ser mudado.

natureza, mas, porque somos naturalmente aptos a recebê-las, aperfeiçoando-nos pelo hábito”<sup>47</sup>. A virtude moral não é dada pela natureza, mas é a natureza humana que é capaz de receber e aperfeiçoar através da repetição, do exercício prático e da vivência.<sup>48</sup>

Giovanni Reale, analisando o pensamento aristotélico, afirma que “as virtudes éticas derivam em nós do hábito pela natureza, somos potencialmente capazes de formá-las e, mediante o exercício, traduzimos essa potencialidade em atualidade”<sup>49</sup>.

O conhecimento da virtude, por si só, não é suficiente para determinar positivamente o comportamento ético de uma pessoa. Assim, a noção de virtude, associada às noções do fazer e do agir, torna-se uma das questões fundamentais da educação na atualidade. “A virtude é virtude de caráter ou de força de caráter educado pela moderação para o *mesótes*<sup>50</sup>, o justo meio ou a justa medida”<sup>51</sup>.

Portanto, a virtude seria a forma mais plena da excelência moral, e esta somente seria adquirida com a prática que do ser exige uma disposição de caráter. Mas não basta ter o conhecimento é preciso praticá-lo, “segundo Aristóteles, transformar o estado de coisas é a esfera constituída pelas ações humanas”<sup>52</sup>.

A virtude aristotélica só é alcançada por meio do hábito, da constante ação do particular que se desdobra no sentido universal. Por isso, que se coloca no cotidiano a ética como horizonte. No cotidiano como campo onde se vive a cosmovisão, o lugar das experiências éticas, estéticas, religiosas e políticas. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles explica: “A excelência moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio-termo determinado pela razão”<sup>53</sup>.

Em Aristóteles, a ideia do ser virtuoso, pautado no bem e essa virtuosidade que irá diferenciar uma conduta ética de uma conduta antiética. Assim também a ideia de ser feliz passava pelo uso da razão e a concretude da prática, ou seja, o agir ético de tal forma que isso se tornasse uma virtude.<sup>54</sup>

<sup>47</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 23.

<sup>48</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 24.

“O bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com a excelência”.

<sup>49</sup> REALE, Giovanni. *Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 105.

<sup>50</sup> *Mesótes* é um termo da filosofia de Aristóteles na ética, ponto médio determinado por dois vícios: temor e covardia. É no Livro II da *Ética Nicômaco* que Aristóteles apresenta sua doutrina da virtude como um meio.

<sup>51</sup> CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 312.

<sup>52</sup> BERTI, Anélio. *Diagnóstico empresarial: teoria e prática*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 117.

<sup>53</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 42.

<sup>54</sup> FROMM, Erich. *Análise do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d], p. 30. Aristóteles entende a ética como sendo uma disciplina prática, pois está vinculada à ação humana. “A virtude consiste em assumir a responsabilidade por sua própria existência.”

O ser humano é dotado de valores e virtudes que norteiam a convivência das pessoas em sociedade que acontecem seguindo uma ordem, devendo existir regras, leis e normas que regulam o relacionamento e sirvam de orientação conduzindo os sujeitos ao campo da ética. O ser ético e o antiético, por exemplo, são expressões que vêm sendo usadas para indicar aprovação ou desaprovação. A ética, porém, é muito mais abrangente do que o estudo da moral ou da moral em si, ou, do estudo das leis e das leis em si e sua dinâmica e consciência são ilimitadas.<sup>55</sup>

A ética faz parte do elenco das ciências Práticas que, para ele, são hierarquicamente inferiores às ciências teóricas. Estas se referem ao conhecimento certo dos primeiros princípios das coisas e que não podem mudar, aquelas tratam das condutas e das metas que cada homem e a sociedade desejam e que sempre podem mudar, ‘é a filosofia das coisas humanas’, na bela expressão de Aristóteles.<sup>56</sup>

A ética, enquanto saber prático, pretende fazer com que o ser humano aja de maneira correta. A ética, portanto, se expressa no agir ético, que é também pensamento e que ganha completude na vida, na ação, na convivência. Como comenta Denis Silveira: “A ética deve estabelecer uma relação dialética entre a teoria e a prática, porque sua tarefa não é a construção de sistemas conceituais, mas de esclarecer a ação através da qual o homem busca realizar-se”<sup>57</sup>. A ética é ao mesmo tempo reflexão sobre a vida e vida pensada. É também princípio, ação, norma, deliberação, decisão e vida decidida. Aristóteles afirma categoricamente que:

É preciso cultivar primeiro a alma de quem aprende, por meio de hábitos, tornando-o capaz de gostar e sentir aversão da maneira correta, analogamente a como se prepara a terra que deve nutrir a semente, a contribuição da natureza evidentemente não depende de nós, mas, em decorrência de alguma causa divina.<sup>58</sup>

A visão aristotélica do que deve ser ensinado são as virtudes, mas tendo que considerar que a posse da excelência moral, o conhecimento é de pouco ou nenhum valor se não for praticado, ou seja, ao praticar, adquirimos o que procuramos aprender. É uma condição para o estudante tornar-se virtuoso. Para Aristóteles, “o homem, quando perfeito, é o melhor dos animais, mas é também o pior de todos quando afastado da lei e da justiça”<sup>59</sup>.

A educação para as virtudes faz com que a razão se imponha sobre as paixões e os apetites. Neste contexto diz-se que: “A educação (*paidéia*) ética resume-se, pois, em

<sup>55</sup> PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 38. “A ética comporta dois momentos convergentes: a ética da formação do homem virtuoso”. O autor ao indagar sobre a ética apresenta algo tipicamente humano.

<sup>56</sup> PEGORARO, 2007, p. 38.

<sup>57</sup> SILVEIRA, Denis. *As virtudes em Aristóteles*. p. 2. [online].

<sup>58</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 235.

<sup>59</sup> ARISTÓTELES, 2002, p.17.



hierarquizar-se o poder anímico vegetativo e sensitivo ao governo da razão”<sup>60</sup>. Portanto, ao inserir a escola nessa perspectiva educacional é possível almejar cidadãos com uma outra visão de mundo e capacidade ética coerente com as práticas do seu entorno.

Mas para isso precisa-se pensar e traçar novos processos formativos estes que serão tratados na próxima seção, que respondam às novas demandas e contribuam na formação daqueles(as) que estão inseridos no fazer pedagógico. Dessas considerações, é importante ressaltar que os processos formativos direcionados àqueles que têm a responsabilidade de preparar as novas gerações no caminho do bem, precisam ter presente o conteúdo ético e sua prática como sendo parte indissociável no processo formativo de educandos(as) e educadores(as).

Até aqui é possível perceber o quanto é necessário prosseguir em um itinerário formativo e atuante junto àqueles(as) que estão no chão das escolas, tendo como base a ética nos processos formativos.

## 1.2 A ética nos processos formativos

A ética como código de conduta e sua relação de aprovação ou desaprovação de determinadas condutas se faz presente em todas as dimensões da vida, “face da filosofia que se debruça sobre os valores que orientam nossas ações e relações na sociedade”<sup>61</sup>, na direção de um bem coletivo, como conjunto de regras, ou princípios que norteiam as ações de determinados grupos de indivíduos.

Desde Aristóteles, o exercício da virtude se relaciona com os meios, pois, a virtude está em poder do indivíduo do mesmo modo que o vício, e disso só depende do indivíduo.<sup>62</sup> A ética elaborada por Aristóteles é uma ética do bom senso. Aristóteles estabeleceu uma distinção entre moral e ética e essa distinção apontavam para uma arte da ética, considerando a ética na sua mais profunda formação de valores significativos, onde o agir ético torna-se uma busca constante de realizar racionalmente cada ser naquilo que ele deve ser, tendo a felicidade como ponto comum de toda a sociedade, segundo Reale: “O homem que deseja viver bem deve viver, sempre, segundo a razão”<sup>63</sup>.

<sup>60</sup> BITTAR, Eduardo C. B. *A justiça em Aristóteles*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 95.

<sup>61</sup> RIOS, Terezinha Azerêdo. *A dimensão ética da aula ou o nós fazemos com eles*. São Paulo: Unesp, 2010, p. 108. [online].

<sup>62</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 47.

“Por meio termo em relação a nós quero dizer aquilo que não é nem demasiado, nem muito pouco, e isto não é o único e o mesmo para todos.”

<sup>63</sup> REALE, 2007, p. 218.

O objetivo do ser humano é atingir o fim de todas as ações, que é nobre, pleno e absoluto em si mesmo, o bem supremo realizável pelo homem. A felicidade está associada ao bem, à virtude, à alma. Esse bem maior é sintetizado no conceito de *eudaimonia*,<sup>64</sup> a felicidade, não só no sentido de prazer momentâneo, mas de realização plena da virtude. Pegoraro ao abordar a ética dos grandes mestres, diz:

Os trabalhos da ética e da política visam o mesmo fim: a vida virtuosa e feliz. A felicidade, porém, não está mais somente na prática da virtude, ou somente no acúmulo dos bens, nem exclusivamente nas honras. Pelo contrário, a plenitude da existência resulta da aquisição de tudo isso de modo equilibrado.<sup>65</sup>

Desde os primeiros pensadores, a ética sempre esteve relacionada ao sentido do bem, da virtude, do valor, da educação e da justiça. A ética é um assunto interessante no cotidiano, pois seu termo transita entre as pessoas em seu dia a dia, através de suas ações, das motivações e das consequências dos atos humanos. A ética é uma reflexão necessária para identificar o que é o bem e o que é o mal, e quais seriam os valores fundamentais da boa convivência, que compõem as crenças, ideias, práticas que orientam e conduzem a vida humana.

O momento histórico está marcado profundamente pela falta de ética e esta realidade se acentua ainda mais com a perda de um sistema de valores que a sociedade vem acumulando.<sup>66</sup> Esse tema diz respeito a toda sociedade, portanto pertence a todos. Por sua importância e amplitude traz um questionamento a todas as pessoas e faz repensar o modo de ver o mundo, a cosmovisão e sua importância na vida do dia a dia.

Ser ético passa por um aprendizado e desenvolvimento daquilo que existe de mais nobre no ser humano, a forma como cada um age em sociedade, determina o que ela é como pessoa, ética ou antiética e isso implica na forma de ver o mundo. Portanto, uma maneira pessoal de ver o mundo. Por isso é papel de todos os indivíduos o empenho na construção de um mundo melhor.

Ensinar para crianças e jovens é um trabalho árduo. Ensinar uma criança e um jovem a pensar, falar e agir melhor são um desafio, pois a própria prática do dia a dia requer do(a) educador(a) estudo, mudança de visão de mundo, de postura e paciência para respeitar o

<sup>64</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 432.

*Eudaimonia*, termo aristotélico, conceituado no livro I da obra *Ética a Nicômaco*, como doutrina e concepção ética de origem grega, atividade da alma em consonância com a virtude, a busca da felicidade como fundamento da ética, não era uma prática individual, mas que estava em conformidade com todos os outros indivíduos, visando bem comum. A felicidade como finalidade para a vida humana. Assim também descreve o que é virtude: “Virtude equivale a capacidade, aptidão, e significa a habilidade, facilidade e disposição para levar a efeito determinadas ações e adequações ao homem”.

<sup>65</sup> PEGORARO, Olinto. *Ética e Justiça*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 24.

<sup>66</sup> MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 29.

Os fundamentos da ética estão em crise no mundo, de acordo com o autor. Trata-se de uma crise de religião.



processo vivido pela criança e pelo jovem. Fazer um momento diferente nos espaços tradicionais da sala de aula, muitas vezes, é ir além da preparação acadêmica do(a) educador(a), pois requer flexibilidade para vivenciar diferentes situações de forma positiva e pedagógica. Segundo Matthew Lipman:

Pensar melhor em sala de aula significa, basicamente, pensar melhor através da linguagem e isto implicava a necessidade de ensinar o raciocínio, tradicionalmente uma subdisciplina da filosofia. O raciocínio é aquele aspecto do pensamento que pode ser formulado discursivamente, submetido a critérios de avaliação (pode haver raciocínio válido e não válido) e ensinado.<sup>67</sup>

Durante o processo de ensino-aprendizagem as habilidades de não responder a todas as perguntas, mas de ser um facilitador do surgimento das perguntas dos estudantes, tanto quanto sua busca por respostas são básicas para o desenvolvimento do raciocínio, esse exercício faz parte do saber docente enquanto prática, conforme afirma Maurice Tardif: “a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões”<sup>68</sup>.

Os(as) educadores(as), de modo geral, foram ensinados a ter controle total da disciplina, das decisões e do comportamento dos alunos e alunas. Sobre esse assunto, Paulo Freire se posiciona: “A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo”<sup>69</sup>.

Transformar essa prática pedagógica do olhar, do falar, do ouvir em um saber e uma preocupação viva com relação ao próprio Eu, ao Outro e ao Mundo, eis o desafio nestes novos tempos, onde muitos(as) educadores(as) estão percebendo a importância de ajudar seus(as) educandos(as) a pensarem por si mesmos e a se tornarem mais humanos através da sensibilização da vida e de uma educação humanizadora. Assim propõe Afonso Ligorio Soares: “Educar implica uma intencionalidade em formar cidadãos informados e motivados a pensar criticamente, por isso é desejável que se proporcione um espaço em que os problemas sejam analisados e as soluções sejam propostas”<sup>70</sup>.

Por isso se faz urgente e necessário que o(a) educador(a) de Ensino Religioso tenha uma formação teórica que contemple o conhecimento necessário. Diante desse apelo é preciso repensar e remodelar os processos formativos e cultivar mais do que nunca a formação de

<sup>67</sup> LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 46.

<sup>68</sup> TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 49.

<sup>69</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 130.

<sup>70</sup> SOARES, A. M. Ligorio. Perspectivas para o Ensino Religioso: a Ciência da Religião como novo paradigma. *REVER - Revista de Estudos da Religião*. Ano 16, n. 01, p. 137-152, jan/abr., 2016, p. 144.

valores humanos pautados na cosmovisão de mundo mais fraterno, como descreve Oliveira, “por uma atitude de escuta, que possibilitasse a criação de pontes com pessoas de [outras cosmovisões], visando contribuir para a vida em seu sentido amplo”<sup>71</sup>, cabendo ao Ensino Religioso como componente curricular obrigatório contribuir por meio do estudo da cosmovisão ética e toda sua transversalidade e das filosofias de vida, na construção de atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades, na promoção da liberdade religiosa e dos direitos humanos. Reinaldo Matias Fleuri contribui com essa discussão afirmando que: “Daí a necessidade de se desenvolver uma nova perspectiva de trabalho educativo na escola pública que favoreça a formação de respeito, reciprocidade, convivência democrática entre pessoas e grupos que assumem [cosmovisões] diferentes”<sup>72</sup>.

Nesse sentido João D. Passos sinaliza que o: “Ensino Religioso é a melhor maneira de corresponder ao valor teórico, social, político e pedagógico [considerando a cosmovisão ética] para a formação do cidadão”<sup>73</sup>.

O interesse em despertar o ser humano para os valores essenciais da vida permite que através do ensino se busque valores e princípios éticos na educação, procurando formar novos hábitos, costumes e compromissos para a convivência social.

Ao mesmo tempo em que possibilita uma mudança de postura do(a) educador(a), muitas vezes autoritária, a se tornarem orientadores(as), formadores(as), e redescobrir a aventura de olhar para o mundo e compreender a vida de uma maneira mais totalizante, entendendo que a educação é compromisso desafiador. Neste sentido o Ensino Religioso deve ser uma disciplina que contextualiza e promove o conhecimento, o diálogo, discutindo a contextualização da identidade brasileira, tendo como ponto de partida a realidade local e toda herança cultural, pois toda forma de diálogo não pode partir de dogmas, doutrinas, sistematizações, códigos, mas do encontro entre seres humanos.<sup>74</sup>

Através dessa postura do(a) educador(a) é possível desenvolver práticas pedagógicas na perspectiva da interculturalidade<sup>75</sup> como explica “a interculturalidade e a ética da alteridade

<sup>71</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 332.

<sup>72</sup> FLEURI, Reinaldo Matias.; CECCHETTI, Elcio.; OLIVEIRA, Lilian B.; HARDT Lúcia S.; KOCH, Simone R. *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013, p. 75.

<sup>73</sup> PASSOS, João D. *Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas*. In: SENA, Luzia. *Ensino religioso e formação docente: ciência da religião e ensino religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 75.

<sup>74</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 308.

<sup>75</sup> DELMONDEZ, P. & PAULINO, L. H. C. Z. Sobre identidade e diferença no contexto da educação escolar indígena. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), Brasília: UnB, 2014, p. 632-641, [online]. Conceito que promove políticas e práticas que estimulam a interação, compromisso e o respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos. Para o autor, o conceito de interculturalidade é a transição, a mediação e o diálogo entre diferenças, pois concebe as sociedades como estando em constantes e intensos processos de hibridização cultural.

como fundamentos teóricos e pedagógicos, porque favorecem o reconhecimento e o respeito às histórias, as memórias, às crenças, às convicções e aos valores de diferentes culturas, tradições religiosas e filosofias de vida”<sup>76</sup> que questionem e enfrentam processos de exclusões e desigualdades, e encaminhe vivências fundamentais do conhecimento, do respeito e da convivência entre todos, apesar de todas as diferenças, como esclarece Oliveira, “Assim, às sistematizações precisam acompanhar as transformações culturais da sociedade, se quiserem continuar a serviço da humanidade.”<sup>77</sup>

Preparar o(a) educador(a) para uma postura crítica e autônoma, uma cosmovisão de mundo abrangente diante da vida, isto é, uma formação que prepare cidadãos conscientes e críticos de sua presença no mundo, é condição necessária para uma transformação do ensino, encaminhando o processo educativo na busca coletiva da verdade, na construção social do conhecimento e na melhor maneira de ver e ter consciência de sua presença no mundo. Desse modo, Hugo Assmann e Jung Mo Sung entendem que “Educar para a sensibilidade solidária pressupõe e implica em ajudar as pessoas a perceberem a complexidade da realidade e da nossa vida social, a tomarem consciência da nossa condição humana”<sup>78</sup>.

É preciso ser consciente dessa presença e deste estar no mundo, com um olhar para o humano como um ser integral em constante processo formativo. Como afirma Carlos Rodrigues Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos, pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.<sup>79</sup>

A educação pode existir imposta ou livre e vai ser sempre um espaço privilegiado e por fim, não é possível permanecer somente no campo teórico, mas partir na construção de uma proposta prática, de um modelo mediador que seja efetivo e que não poderia deixar de marcar sua existência e sua experiência na construção e formação no cotidiano da sociedade atual, assegurando o desenvolvimento integral do ser humano. É possível considerar o sentido para a educação na abordagem de Viktor Frankl que faz refletir assim: “A educação de hoje não pode

<sup>76</sup> SANTA CATARINA, 2019, p. 474.

<sup>77</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 309.

<sup>78</sup> ASSMANN, Hugo; SUNG, Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 165.

<sup>79</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.3.

reduzir-se à reprodução, unicamente do percurso das tradições; deve sim, encorajar e desenvolver a capacidade individual da tomada de decisões autênticos e independentes”<sup>80</sup>.

Para Wilhelm Dilthey “O processo individual é sustentado na vivência pela totalidade integral da vida anímica”<sup>81</sup>. Aqui se coloca uma ideia de uma compreensão na sua origem antes de qualquer coisa. “Isto determina já a natureza da compreensão de nós mesmos e dos outros”<sup>82</sup>. Nesta direção, busca-se a partir dos processos formativos atuar de maneira significativa, como afirma Nilma Lino Gomes, “A escola é uma instituição formadora não só de saberes escolares como, também, sociais e culturais, não só saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”<sup>83</sup>.

No atual cenário mundial que há pouco se instalou no país com a pandemia da Covid 19, a parceria entre família, comunidade e escolas, se tornou espaço primordial como garantidora do ensino-aprendizagem dos(as) estudantes. Nesta parceria entre escola, família e comunidade, são fortalecidos os laços de união em prol das transformações e da vivência dos valores. Uma importante reflexão traz Vera M. Candau nesse processo de se reinventar a escola:

A educação não pode ser enquadrada numa lógica unidimensional, aprisionada numa institucionalização específica. [...] O importante é seu horizonte de sentido: formar pessoas capazes de ser sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto [ético] de sociedade e humanidade.<sup>84</sup>

Conforme afirma o sociólogo Nelson Piletti, “da mesma forma que a escola, para realizar eficazmente seu trabalho, precisa estar na comunidade, esta não pode estar ausente da escola”<sup>85</sup>. Diante dessa realidade também é preciso considerar o pensamento de José Comblin que descreve: “A educação não é tudo. A experiência mostra que a conscientização se revela mais difícil do que se podia pensar. O ensino, o discurso, a educação pela palavra podem contribuir, mas não conseguem mudar radicalmente a consciência”<sup>86</sup>.

Diante da realidade atual, das descobertas científicas, da chegada das novas tecnologias, do considerável aumento na expectativa de vida e todas as modificações sofridas pela sociedade e os inúmeros obstáculos enfrentados na educação brasileira, José C. Libâneo afirma que: “os

<sup>80</sup> FRANKL Viktor. *A verdade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 84.

<sup>81</sup> DILTHEY, Wilhelm. *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Covilhã: Lusofonia, 2008, p. 48.

<sup>82</sup> DILTHEY, 2008, p. 49.

<sup>83</sup> GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Associação Brasileira de Educação e Pesquisa em Educação, set/dez, n. 021, 2000, p. 21.

<sup>84</sup> CANDAU, Vera M.(org.). *Reinventar a escola*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 13.

<sup>85</sup> PILETTI, Nelson. *Sociologia da Educação*. São Paulo: Ática. 2004, p.100.

<sup>86</sup> COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 260.

educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a uma avaliação do papel da escola e dos professores”<sup>87</sup>. Há uma carência de exercícios reflexivos nas escolas, “A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar”<sup>88</sup>.

Fica notório que Libâneo não descarta a responsabilidade social da escola e dos professores na segurança do processo ensino aprendizagem, por isso, é importante e necessário esse comprometimento com a aprendizagem e com um projeto ético.

Através da educação é possível ajudar a construir uma sociedade, com base no projeto ético para o ser humano, organizada em função do respeito à dignidade, promotora da justiça, da liberdade, da fraternidade, da solidariedade, da igualdade, da participação democrática, do respeito às diferenças e construindo caminhos em um processo dialógico. Segundo Pedro Demo: “Não se trata mais de aperfeiçoar o que existe, mas de buscar alternativa ao que existe”<sup>89</sup>.

A mediação do processo de ensino-aprendizagem tem de priorizar metodologias ativas, interativas e integradoras, valorizando e respeitando a história, os conhecimentos, as experiências de distintas cosmovisões que, direta ou indiretamente, constituem aspectos das identidades pessoais e coletivas.

A educação através do ensino, da arte de conduzir o outro por meio do conhecimento, o(a) educador(a) vai interferir na visão de mundo e da realidade dos educandos, sendo que para o filósofo Immanuel Kant “O homem é o único ser que precisa ser educado”<sup>90</sup>. A educação escolar é na atualidade um dos mais importantes componentes da formação do ser humano na sociedade.

A educação existe desde os primórdios da humanidade e o seu desenvolvimento é construído no papel de estudantes e profissionais que deixam o papel passivo frente às informações e passam a atuar como protagonista assumindo um papel ativo de sua própria aprendizagem. esses avanços traz uma aprendizagem em que o sujeito apreende uma nova visão de mundo e no compromisso ético.

O Ensino Religioso, portanto, procura fazer desta conscientização e visão de mundo o objetivo de reflexão e de atitude crítica frente à vivência dos valores individual e socialmente

<sup>87</sup> LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. (Coleção: Questões da Nossa Época, v. 67). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 7.

<sup>88</sup> LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 76.

<sup>89</sup> DEMO, Pedro. *A educação do futuro e o futuro da educação*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 171.

<sup>90</sup> KANT, Immanuel. *Über pädagogik* (Sobre a pedagogia). 2. ed. Piracicaba: Unimep, 2002, p. 444.

construídos, a educação passa a ser entendida como um meio da realização humana, preparando para a vida. Através da cosmovisão ética e pelo estudo dos valores que norteiam os comportamentos individuais, sociais e a visão da própria cultura, os(as) educandos(as) vão perceber a influência que o Ensino Religioso tem na formação ética do ser humano. Frente a isso, é preciso considerar como Geertz pensa a ética a partir da cultura:

Temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura.<sup>91</sup>

O reconhecimento e valorização da cultura e de uma educação humanizadora, é sinalizado em Junqueira: “É a cultura que que marca profundamente a maneira de ser e viver do ser humano”<sup>92</sup> Para tanto, a formação do(a) educador(a) deve ter base na arte do ensino coletivo, onde todos(as) contribuem para a construção de uma sociedade pensante, crítica e sobretudo ética.

Como afirma Moacir Gadotti: "A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista".<sup>93</sup>

A cosmovisão ética tem um papel importante na superação de toda forma de preconceito ou discriminação que atrapalha essa vivência justa e feliz para todos. Por isso é necessário cada vez mais ampliar esse olhar e aprofundar as experiências com os(as) educandos(as) no sentido de que eles(as) se tornem protagonistas dessa aprendizagem para que assim possam ser melhores cidadãos(ãs) no reconhecimento do outro e de suas diferenças.

Portanto, os princípios, as regras de conduta ou preceitos que são ensinados e vivenciados possuem uma função de mostrar o caminho de uma vida mais justa e feliz para todos. Nesse contexto David Oliveira afirma:

Todas as culturas e [cosmovisões], como grandezas históricas, têm elementos criticáveis. Não podemos tratá-las como grandezas estáticas e fechadas, mas abertas a contestações internas e externas, seja por falta de utilidade ou sentimento de

<sup>91</sup> GEERTZ, Clifford: *Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 65.

<sup>92</sup> JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; CORRÊA, R. L. T.; HOLANDA, A. M. *Aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 67.

<sup>93</sup> GADOTTI, Moacir. *Diversidade Cultural e Educação para todos*. Juiz de Fora: Graal, 1992, p. 21.



frustração dos seus membros, seja pela alteração do contexto ou encontro com outras culturas e [cosmovisões].<sup>94</sup>

Mas para que isso se concretize é necessário um novo olhar, uma nova visão de mundo em todas as dimensões, assumir uma postura dialogante em todos os espaços educativos, como propõe Hans Küng, o teólogo ecumênico em seu projeto por uma ética mundial no qual seu conteúdo precisa ser definido através do diálogo constante intercultural e inter-religioso.<sup>95</sup>

Sem o investimento a uma nova compreensão da cosmovisão, uma nova maneira de ver a realidade, sem a tomada de consciência e deste ouvir as vozes íntimas estruturantes, capazes de dirigir o rumo da existência não é possível sonhar com uma mudança. O autoconhecimento também é uma tarefa pedagógica, talvez seja a mais nobre e determinante para que de fato uma mudança aconteça, no ser e em suas relações com o outro e com o mundo.

Por fim, se a ética é construída por uma sociedade com base em valores históricos e culturais é preciso considerá-la nos processos formativos dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso, tendo em vista uma educação humanizadora, pois muitas foram as contribuições para a construção e desenvolvimento dessa perspectiva e visão de mundo, contextualizando e ajudando a solidificar, legitimar e justificar as ações humanas como manutenção da vida e de sua existência com caráter, dignidade e ética na relação de si e para com o outro, no propósito de estabelecer uma melhor compreensão de sua relação como problema de conhecimento teórico e prático que se desenvolve na subseqüente seção.

### 1.3 Ações humanas como problema teórico-prático

De acordo com Carlos F. Teixeira, “um sistema filosófico se constitui do trinômio - filosofia, cosmovisão e ética”<sup>96</sup>. Essa maneira de pensar, derivada de pressupostos aceitos, a cosmovisão como forma de enxergar as realidades, e a ética que são as ações praticadas no dia a dia; sendo que todas as três dimensões “se interagem numa relação de causa e efeito”<sup>97</sup>. Essa habilidade como o desenvolvimento da capacidade de questionar, que convence o senso comum e fundamenta grande parte dos pensamentos apresenta-se como o ato de pensar e de retomar questões abandonadas, ou dadas como resolvidas, acima dela mesma como teoria. O importante

<sup>94</sup> OLIVEIRA, David M. de. *O agir de Deus nos Andes: Diálogo e missão com os quéchuas*. 2013. 230 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013. p. 168.

<sup>95</sup> KÜNG, Hans: *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 58.

<sup>96</sup> TEIXEIRA, Carlos F. *Teologia e filosofia*. Engenheiro Coelho: Academia Teológica, 2015, p. 34.

<sup>97</sup> TEIXEIRA, 2015, p. 35.

não é só conhecer as respostas que outros deram, mas sim alcançar uma nova possibilidade de pensar tais questões.

O homem e a mulher em sua trajetória sempre buscaram explicações que justificassem sua existência, é o único ser capaz de fazer perguntas. Isso é uma questão de consciência. Conforme Mário S. Cortella, três grandes questões na vida são: Quero? Devo? Posso? O ato de sempre perguntar orienta e prepara a consciência de si mesma:

É isso que orienta a nossa conduta. Para eu responder e agir a partir dessas perguntas: querer, dever e poder, nós temos princípios, valores que nos orientam a responder. Nesse sentido, a ética são os princípios de orientação do modo como agimos e nos conduzimos na vida.<sup>98</sup>

A pergunta é um ato educativo, por este motivo o ser humano ao pensar sobre o mundo e tudo aquilo que existe à sua volta, na busca de compreender a realidade, torna-se imprescindível que se tenha presente a sua própria história e o seu percurso ao longo dos tempos na formação dos diferentes saberes.

Diante da necessidade de perguntar, é preciso considerar a formação do educador que atuará diretamente com o educando. Contudo, muitas vezes o processo formativo é deficiente e, predominantemente, teórico, não conseguindo colocar na prática o que se conheceu e estudou, isso de fato pode ser um empecilho ao processo de ensino e aprendizagem e, também, de não considerar as perguntas.

Bauman cita em um trecho Sobre educação e juventude: “O esforço para melhorar a compreensão mútua é uma fonte prolífica de criatividade humana”<sup>99</sup>, em resposta ao seu interlocutor Ricardo Mazzeo, esclarece:

A prática da comunicação intercultural é cheia de armadilhas, e as incompreensões são a regra, não a exceção, pois não existe um par de idiomas culturais que possa ser plenamente traduzido de um para o outro: para que uma mensagem seja totalmente entendida pelo receptor, precisa, de certa forma, ser ajustada a seu arcabouço mental, e, portanto, distorcida; se retiver sua forma prístina, deverá se limitar a ser apenas parcialmente compreendida. De alguma forma conseguimos, apesar de tudo, nos comunicar transculturalmente; e, o que é ainda mais importante, porque os extenuantes esforços para melhorar nossa compreensão mútua se mostraram, embora condenados (ou graças a isso), uma fonte prolífica de criatividade cultural.<sup>100</sup>

A transmissão de informações entre culturas e diante aos processos pedagógicos que sempre envolvem a socialização, saberes tácitos, práticas, trocas simbólicas, poderes, desejos,

<sup>98</sup> CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2016, p. 150.

<sup>99</sup> BAUMAN. Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013, p. 57.

<sup>100</sup> BAUMAN, 2013, p. 58-59.



sentimentos e, obviamente, mínimas condições materiais, estão os relacionamentos. Eles apontam para as diferenças entre as visões de mundo. Outra compreensão e sentido é a leitura dos tempos atuais onde cada vez mais criou-se pertencimento sem comprometimento, assim em um trecho da entrevista de Bauman expressa que:

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. [...] nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. [...] as redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia.<sup>101</sup>

Esse estado de pertencimento sem comprometer-se com o outro é um problema identitário que se intensifica pelas características da sociedade atual. O problema de identidade é um fenômeno da contemporaneidade amparado pelo desenvolvimento tecnológico, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da sociedade acarreta problemas, também gera numerosas possibilidades, perante as quais os indivíduos podem decidir e agir.

O desenvolvimento das tecnologias da comunicação possibilitou a produção de um universo quase infinito de informações. O indivíduo contemporâneo é bombardeado com informações, a maior parte das informações veiculadas com extrema velocidade não é processada adequadamente pelo indivíduo. Ele(a) não consegue se apropriar de tantas informações para compreender, refletidamente, o mundo, os acontecimentos a sua volta e a si próprio, uma cosmovisão fragmentada e sem coerência.

O mais triste e difícil é a própria condição dos refugiados como drama da atualidade, na sua perda dos direitos e da identidade, como assim descreve Hannah Arendt: “A calamidade dos que não têm direitos não decorre do fato de terem sido privados da vida, da liberdade ou da procura da felicidade, nem da igualdade perante a lei ou da liberdade de opinião [...], mas do fato de não pertencerem a qualquer comunidade.”<sup>102</sup>

Essa situação de rejeição e de não pertencimento à sociedade, de condição provisória e incerta, que empurra as pessoas para a inumanidade, para uma existência sem identidade e sem direito a reivindicações, fere os princípios humanos mais básicos. Contrariam-se direitos há muito tempo reivindicados e confirmados na Declaração dos Direitos Humanos e nas Constituições dos Estados democráticos modernos.

Chegou-se ao ponto em que é preciso desconstruir, reconstruir e ressignificar, um estado de alerta, refletir constantemente sobre o processo de formação, sobre aquilo que se ensina e como se ensina, e principalmente sobre o que se almeja ser e viver.

<sup>101</sup> QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. *El País*, 9 jan. 2016. [online].

<sup>102</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 327.

Constata-se, muitas vezes, que o como e quem ensinam, nem sempre é considerado no processo de transmissão e construção de novos saberes, e isso pode ser considerado um fator complicador de desenvolvimento e crescimento do ser humano, que acaba reduzido a uma única forma de ler e interpretar a realidade destituída de significado.

Geertz entende os significados de modo unívoco, onde se percebe um todo cultural harmônico, como se pessoas de uma mesma cultura partilhassem necessariamente os mesmos significados da mesma forma. Em suas palavras:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados.<sup>103</sup>

O significado gira em torno do referente e esse pode ser estudado no plano teológico, pedagógico, antropológico, sociológico, filosófico e da cultura, principalmente, quando o seu objeto está direcionado ao ato de compreender uma cosmovisão.

Geertz também questiona o conceito de cultura, mas para ele é importante perguntar qual a sua relevância, portanto, a cultura é composta por estruturas nas quais os indivíduos ou grupos guiam o seu comportamento, assim sendo:

A cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, como tem sido agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle-planos, receitas, regras, instruções.<sup>104</sup>

A busca pelo crescimento em termos de formação intelectual do ser humano passou a ser desejada como a mais ampla que se pudesse alcançar, assim como a ampliação da cultura como cultivo, no sentido de ser um meio onde se busca o crescimento e o exercício dos valores. Conforme Júlio Assis Simões e Emerson Giumbelli, essa ideia foi utilizada de modo usual a partir do Iluminismo onde: Cultura compreendia, então, tudo aquilo que um indivíduo deveria adquirir para se tornar uma pessoa moral e intelectual, no sentido mais pleno possível.<sup>105</sup>

Essa ideia é reproduzida até os dias de hoje, onde o conceito de cultura é muito mais amplo na forma de representação da realidade ou da própria ação das pessoas. Dessa forma, a cultura passa a ser um conjunto de regras e valores que diz como o mundo pode e deve ser classificado. Dentro dessa visão mais antropológica da ideia de cultura, Roberto DaMatta,

<sup>103</sup> GEERTZ, 1978, p. 15.

<sup>104</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 56.

<sup>105</sup> SIMÕES, Júlio Assis; GIUMBELLI, Emerson. *Cultura e alteridade*. (Coleção Explorando o Ensino). MORAES, Amaury César (coord.). p. 187- 206, Brasília: MEC, 2010, p. 188.

elaborou uma definição onde segundo ele, cultura “é um mapa, um receituário, um código, através do qual, as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”<sup>106</sup>.

Outra definição formulada por Edward Burnett Tylor em 1871, citada por Celso Castro, diz que:

Cultura ou Civilização, tomada em seu sentido mais amplo e sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume ou quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.<sup>107</sup>

A definição de Hiebert traz o aspecto antropológico: “cultura é como um conjunto de crenças e práticas que fazem sentido a um determinado povo”<sup>108</sup>. Mediante aos conceitos e estudos sobre cultura, muitas mudanças e desenvolvimento do conceito, sendo este abordado com maior ou menor interesse ao longo de toda história e conforme os interesses das pessoas e os valores observados e refletidos à luz da prática religiosa. Esses valores precisam ser compreendidos e vivenciados pela cultura que deve estar “em conformidade a ela e, ao mesmo tempo, modelando-a a eles mesmos”<sup>109</sup>.

Nessa perspectiva, ao trazer presente a trajetória filosófica do pensamento cosmovisional, é ao mesmo tempo falar de uma filosofia prática, encarnada no agir ético. A filosofia prática de nada valeria se não falasse do ser, ou seja, das pessoas enquanto seres peregrinos que são e ao mesmo tempo indivíduos concretos e muito “perdidos”, quer seja do ponto de vista da sua condição individual quanto da coletiva, como expressa a canção: Caminheiro, de Astúlio Nunes:<sup>110</sup> “Perdidos, confuso e vazio, sozinho na estrada tentando encontrar um caminho que seja o meu não importa se é duro terei que buscar”<sup>111</sup>.

Essa letra marcou [o pesquisador] decisivamente na tomada de consciência do lugar e visão do mundo assim como no processo de existência. Existência essa, que é alicerçada na cosmovisão que se tem do mundo e da vida, assim como das marcas históricas do tempo, que existencialmente são significativas, como adverte Sire “passo significativo na direção da

<sup>106</sup> DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura? Explorações: Ensaios de Sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 123.

<sup>107</sup> CASTRO, Celso. *Evolucionismo cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 69.

<sup>108</sup> HIEBERT, Paul Gordon. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 20.

<sup>109</sup> GEERTZ, 1989, p. 108.

<sup>110</sup> Foi nos anos de 1960 que a música popular religiosa começou a ganhar forma no Brasil e ganhou cada vez mais força. Astúlio Nunes é capa de 1980 “Caminheiro”, ganhador do Festival MPB Shell de melhor intérprete.

<sup>111</sup> COMEP: Caminheiro. [Locução de]: Astúlio Nunes. São Paulo: 1980, 03 min. 16s., (canção).

autoconscientização, do autoconhecimento e do auto entendimento”<sup>112</sup>. Assim como enunciou Platão, “que a vida sem esse exame não vale a pena ser vivida”<sup>113</sup>.

A partir dessas afirmações, é possível dizer que o ser humano busca conhecer a si mesmo, do mesmo modo que tenta compreender a realidade e a maneira como ela impacta suas escolhas e decisões. De fato, não se pode afastar do ser humano o fator cultural, porque ele expressa o modo como cada um se situa na realidade social.<sup>114</sup>

Dentro dessa concepção a cosmovisão é um campo que abrange as esferas teórico-práticas da vida, pois ao mesmo tempo em que ela apresenta dados lógicos, ela o significa e apresenta um processo de sistematização que pautará a leitura da realidade, dentro de uma mística como Urbano Zilles cita: “a zona de sentido da pessoa”, e que “tem a ver com o sentido último do indivíduo, da história e do mundo”<sup>115</sup>.

Como é de conhecimento que não há um conceito de cosmovisão universalmente válido para a filosofia<sup>116</sup>, pois eles são tantos quantos são os filósofos, que ao longo dos tempos contribuíram com seus pensamentos e ideias. Sire assim sintetiza a definição de Dilthey sobre cosmovisão:

[...] Dilthey concebe a cosmovisão como um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe ao mundo à sua volta e aos enigmas que ele representa.<sup>117</sup>

É possível compreender que o ser humano é dotado da capacidade de pensar logicamente. Esse pensar possibilita que ele faça indagações sinceras sobre a vida e o ato da existência.

Pensar esses conceitos, questões e a capacidade humana, é fazer uma compreensão conceitual do mundo no qual se tende dar uma visão unitária, no sentido em que estes conceitos estão interligados. Embora, para o Ensino Religioso e o seu papel, Soares, assim compreende: “No Ensino Religioso seria importante esclarecer que nenhuma resposta [...] pode ser

<sup>112</sup> SIRE, James W. *O Universo ao lado*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 21.

<sup>113</sup> PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. 3. ed. Belém: UFPA, 2015, p. 143.

<sup>114</sup> SIRE, 2004, p. 21.

<sup>115</sup> ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 6-7.

<sup>116</sup> GOHEEN, Michel W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 36 -37. “A filosofia é um sistema objetivo de pensamento.” “A cosmovisão é um complexo de sentimentos que abrange as crenças e convicções da vida e do mundo, hábitos e tendências emocionais baseados nas mesmas crenças e convicções e um sistema de propósitos que governam a ação e dão um sentido à vida.”

<sup>117</sup> SIRE, James W. *Dando nome ao elefante*. Brasília: Monergismo, 2012, p. 41.

absolutizada. Elas têm seu contexto histórico-cultural. O valor de revê-las hoje está em perceber o quanto evoluímos em nossa autocompreensão"<sup>118</sup>.

Dentro dessa visão, se compreende que a razão humana é, de certo modo, dominadora do universo, ela, por sua vez, claramente se submete a uma realidade superior. Esta realidade superior estabelece um conjunto de regras que a norteiam no ato de julgar o mundo.

A compreensão e estudo da cosmovisão é também objeto do Ensino Religioso, compreendendo um conjunto de fatos, acontecimentos, manifestações e expressões, tanto de ordem material como espiritual, e que envolvem o ser humano em sua busca e relação com o Transcendente. Busca essa que tem caráter individual e comunitário. Em suas palavras Dilthey, considera a ideia de o ser humano ter compreensão de sua origem antes de qualquer coisa, visto que, “Isto determina já a natureza da compreensão de nós mesmos e dos outros”<sup>119</sup>. Nesta direção, busca-se a partir dos processos formativos e dos diferentes saberes atuar no âmbito de instituições de ensino, de maneira ética, valorativa e significativa

Frente aos processos formativos e dos diferentes saberes que apontam para o conhecimento de uma verdade transcendente e que deve atrair, alimentar e ser motor de uma cosmovisão. É sabido que a educação constrói equidade na medida em que gera oportunidades para o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões, incluindo a espiritualidade. Como afirma Zilles, “a verdadeira vida não se descreve, experimenta-se e vive-se”<sup>120</sup>.

Este caminho da vida não pode ser trilhado pelo ser humano sozinho, mas pensar que ele está inserido num determinado contexto convivendo em sociedade com outros, no caminhar com outros é que se faz o caminho. A educação é um caminho e um processo dialético, e todo processo educacional inclui uma teoria, uma cosmovisão de mundo, de ser humano. Há diferentes formas de se conceber o fenômeno educativo. Pois assim reforça Soares:

A educação geral, fundada em conhecimentos científicos e em valores, assume o dado religioso como um elemento comum às demais áreas que compõem os currículos e como um dado histórico-cultural fundamental para as finalidades éticas inerentes à ação educacional.<sup>121</sup>

O fenômeno educativo não é uma realidade acabada que se dá a conceber de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional.

---

<sup>118</sup> SOARES, Afonso M. de Ligório. Criados para trabalhar? As questões trabalhadas entre nós e os deuses. *Diálogo: Revista de Ensino Religioso*, São Paulo: Paulinas, n. 12, p. 38-39, out. 1998.

<sup>119</sup> DILTHEY, 2008, p. 49.

<sup>120</sup> ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 17.

<sup>121</sup> SOARES, Afonso M. de Ligório. Educação e religião na escola pública: direito do educando e do educador. *Direcional Educador*, v. 72, Leitura Prima: São Paulo, out. 2011, p. 5.

Nele estão presentes tanto as dimensões humana e espiritual quanto a técnica, cognitiva, emocional, sociopolítica e cultural.

Portanto, assim descreve Lurdes Caron: “Uma escola que tem sua proposta político-pedagógica com vistas à formação integral do educando pode oportunizar que educandos e educadores façam a experiência de vida socialização de forma compartilhada”<sup>122</sup>.

Através de uma educação com práticas mais reflexivas é possível ajudar a construir uma sociedade, baseada no projeto de uma educação humanizadora. Uma sociedade em que haja cumprimento aos direitos necessários para viver dignamente. Considerando a formação plena do(a) cidadão(ã) é relevante a contribuição de Luiz C. Borin quando descreve:

Na perspectiva da formação plena do cidadão, o contexto que estabelece a redação não respeita uma formação ampla dos alunos, a qual superaria as bases instrumentais e poderia sinalizar a possibilidade de novos discursos. Considerando, então, as diversas formas de ouvir, não podemos compreender a disciplina como matéria facultativa.<sup>123</sup>

A educação na perspectiva ética é a intervenção que se faz importante para essa proposta de uma formação integral e cidadã. Assim descreve Passos:

Tal ensino, portanto, é fundado na factualidade e na relevância do preceito religioso para a vida social, fazendo parte de um projeto mais amplo que não coloca a priori a religiosidade dos sujeitos como algo a ser educado, mas, antes os próprios sujeitos independentemente de suas adesões de fé.<sup>124</sup>

A educação como formação integral alimenta os valores necessários para viver em sociedade, manifestando no outro e nos relacionamentos. Dessa forma tem um ambiente propício à formação, especificamente em um local onde o educador apresenta a orientação aos educandos(as), segundo Jan Masschelein e Maarten Simons:

A formação tem a ver com a orientação dos alunos para o mundo como ele é construído para existir no sujeito ou na matéria, e essa orientação diz respeito, principalmente, à atenção e ao interesse para com o mundo e, igualmente, à atenção e ao interesse para com a própria pessoa em relação ao mundo.<sup>125</sup>

É preciso ressaltar que o processo natural de compreensão da criança deve ser fundamentado no amor, que respeita as diferenças e ao mesmo tempo valoriza as conquistas. Em Jean-Jacques Rousseau, “a humanidade tem lugar na ordem das coisas, a infância tem o seu

<sup>122</sup> CARON, Lurdes (org.) e Equipe do GRERE. *O Ensino Religioso na nova LDB*. Histórico, exigências, documentário. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 70.

<sup>123</sup> BORIN, Luiz C., *História do ensino religioso no Brasil*. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018, p. 26.

<sup>124</sup> PASSOS, João. D. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 33.

<sup>125</sup> MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 47-48.



na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança”<sup>126</sup>. Essa mesma compreensão se dá no entendimento da cosmovisão e na formação que ocorre na atuação e o papel do Ensino Religioso efetivando a promoção e o bem-estar das novas gerações, conforme, Piorski Gandhi e Eunice Gomes:

A cosmovisão na criança cumpre um papel germinador diferenciações futuras, mas que cresce numa unidade mítica de sentidos e valorações, para que tais diferenciações, quando ocorrerem naturalmente na consciência, sejam valoradas em integridade, inteireza, alteridade, senso de participação e comunidade especialmente para que a intuição mítica da imaginação traga sua dimensão de transcendência à formação do mundo.<sup>127</sup>

É um amor que acolhe, que traz para perto, que não discrimina, mas que envolve o ser, chamando-o para perto de si. Um amor educador que considera todos os aspectos da existência humana: físico, psíquico e espiritual, na medida em que encara esse processo de forma consciente, considerando as necessidades, os interesses e as possibilidades de todos, em cada momento e etapa da vida, como se traduz nas palavras do poeta amazonense Thiago de Mello: “Porque é de infância que o mundo tem precisão”<sup>128</sup>.

Portanto nessa perspectiva de ensinamento das novas gerações a cosmovisão e sua relação com a ética nos permite pensar entender que os valores só não podem ser ensinados como devem ser vividos, e através da educação se pode colaborar na formação de uma tomada de consciência e de uma visão de mundo em consonância com a ética.

A ética envolve um saber-fazer e é exatamente entre o saber e o fazer que se desvincula de um conhecimento puramente teórico e absolutamente demonstrativo, Em Aristóteles “Toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer”<sup>129</sup>. Essa tentativa se expressa com a BNCC que entende o Ensino Religioso como promotor do processo de conhecimento, citando assim: “Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura de paz”<sup>130</sup>.

Neste aspecto é o que a proposta de itinerários e dinâmicas pretende traduzir de forma teórica e metodológica a relação da cosmovisão como um problema filosófico que direciona e

<sup>126</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 69.

<sup>127</sup> GANDHY, Piorski Aires; GOMES, Eunice Simões Lins. A cosmovisão como fundamento no ensino religioso: apontamentos da pedagogia Waldorf. *Revista Pistis Praxis., Teologia. Pastoral*. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 549-562, jul./dez. 2013, p. 554.

<sup>128</sup> MELLO, Thiago de. *Faz escuro, mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. 34.

<sup>129</sup> ARISTÓTELES, 2002, p. 3.

<sup>130</sup> BRASIL, 2018, p. 437.



os media nas questões epistemológicas do mundo e na tomada consciência se traduz em uma prática para o âmbito escolar. Nessa perspectiva será aprofundado na posterior seção a ética na perspectiva do Ensino Religioso como uma área do conhecimento.

#### 1.4 A ética na perspectiva do Ensino Religioso

Vive-se um tempo de novas realidades e novos desafios, em que tudo parece mais rápido, as relações são complexas, as ideias são múltiplas e muitas vezes são confundidas com o pluralismo que nos cerca. Diante disso, Edgar Morin reage afirmando que: "Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela necessitará de auto ética"<sup>131</sup>. Pois é preciso entender que a vida e o viver transcendem. "O Brasil passa por um momento de polarização político-religiosa que também pode ser observado em outros países da América do Sul e no mundo todo"<sup>132</sup>.

Diante desta situação, o desafio é descobrir quem se é e quais as pessoas com as quais estão se relacionando, e ainda, qual é o sentido que se dá à vida. Para isso é preciso fazer opções, pois as alternativas são muitas. O ser humano é concebido como resultado de processos que ele próprio conduz. Ele é autor da sua história e ao mesmo tempo é determinado por ela.

O século XX acabou sem que a solução dos problemas humanos fundamentais estivesse ao menos encaminhada; muitos desses problemas se tornaram, na verdade, muito mais agudos. Conflitos, desigualdades, tensões sociais, revoluções no âmbito tecnológico e das comunicações, tudo isso determina a direção que as vidas de tantas pessoas têm de seguir na sua atual relação com o mundo. Para reforçar esta ideia, é pertinente retomar a BNCC:

A ética pressupõe a compreensão da importância dos direitos humanos e de se aderir a eles de forma ativa no cotidiano, a identificação do bem comum e o estímulo ao respeito e ao acolhimento às diferenças entre pessoas e povos, tendo em vista a promoção do convívio social e o respeito universal às pessoas, ao bem público e à coletividade.<sup>133</sup>

Essa visão é apoiada pela experiência de pessoas que procuram a totalidade em seu desenvolvimento pessoal, do mesmo modo em suas relações sociais e comunitárias. Essa visão de mundo é acentuadamente contrastante com a visão da sociedade hoje, em que o relacionamento humano se tornou caracteristicamente paranóico. Portanto, Morin assim descreve: "Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de

<sup>131</sup> MORIN, 2011, p. 22.

<sup>132</sup> BROTTTO, Júlio. de P.; STEPHANINI, Valdir. Ensino Religioso: por uma prática que promova conscientização. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 106-121, 2020, p. 107. [online].

<sup>133</sup> BRASIL, 2018, p. 569.

religação; religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade é, no limite, religação com a espécie humana”<sup>134</sup>. É preciso tratar da direção ou caminho da cosmovisão e da melhor fundamentação possível que se desdobra no agir ético, ou melhor, desse agir ético enquanto forma de racionalidade e de sua legitimidade, porque é disso que depende o futuro do mundo.

Desse modo, Anísia Figueiredo manifesta seu pensamento dizendo que: “Surge a necessidade de construção, então, de um novo paradigma para o Ensino Religioso, que esteja fundamentado noutro enfoque, que melhor atenda às necessidades e às aspirações do homem e das mulheres de hoje”<sup>135</sup>. Portanto, O Ensino Religioso continua na busca por consolidação de uma identidade pedagógica, como analisa Lilian de Oliveira, Sérgio Junqueira, Luis Alves e Ernesto Keim:

O desafio de discutir a identidade pedagógica do Ensino Religioso encontra-se no fato de que, no decurso de sua história, ele nos foi concedido como elemento integrante de uma área maior como educação. Propor e discutir características pedagógicas para esse componente curricular significa analisá-la e compreendê-la segundo o conjunto de teorias e doutrinas de educação.<sup>136</sup>

No contexto do Ensino Religioso o(a) estudante é agente ativo do processo de apropriação e de ressignificação do conhecimento, por meio do qual estabelece conexões com saberes prévios, experiências pessoais e fenômenos sociais. Vivendo em uma sociedade na qual as relações são cada vez mais complexas e o agir humano, por consequência, também o é. Por isso, se faz necessário e urgente valer-se da ética, enquanto ciência prática, que procura ajudar as pessoas no discernimento no momento de suas escolhas, como descreve Lino Rampazzo:

E diante dos homens que procuram uma civilização alternativa, não tecnicista, consumista e individualista, mas baseada nos grandes valores da vida, da verdade, da bondade, da beleza, da justiça, do amor, da solidariedade, é apresentada a riqueza de alguns valores éticos, que podem contribuir para construir um mundo novo, em solidariedade com todos os homens e mulheres que procuram a justiça e a solidariedade.<sup>137</sup>

Ao longo da história sempre foi polêmica a construção dos valores humanos, parecendo humanamente obscuro como se deve proceder, apesar de o ser humano ser um animal capaz de criar uma moral que possibilite uma vida socialmente aceitável.

<sup>134</sup> MORIN, 2011, p. 21.

<sup>135</sup> FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino Religioso no Brasil: Tendências, Conquistas, Perspectivas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 113.

<sup>136</sup> OLIVEIRA, L. Blank.; JUNQUEIRA, Sérgio.; ALVES, Luiz e KEIM, Ernesto. *Ensino Religioso: no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 99.

<sup>137</sup> RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 16.

O Ensino Religioso busca construir, por meio de estudos dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. O ser humano usa a razão para guiar sua vida, não é apenas racional, mas está em constante relação com o outro e nessa experiência relacional que também é formadora de novos valores, de muitos que assumiram viver a partir dessa experiência e que muito contribuíram para a construção de uma ética cidadã responsável e coerente.

A condição humana se expressa na constante reflexão que o ser humano faz de sua vida, de suas ações, da sociedade em que está inserido, ou seja, de sua ética. A reflexão ética é necessária para identificar o que é o bem e o que é o mal, e quais seriam os valores fundamentais da boa convivência. Dentro destes conceitos sobre a ética, que tem como objetivo formar um indivíduo consciente de seus deveres e direitos dentro de uma sociedade, o Ensino Religioso tem contribuído na compreensão da ética e da própria epistemologia como condição humana e que norteiam as relações.

A ética enquanto área do conhecimento que busca entender o modo como o ser humano deve agir com base na análise da moral, dos hábitos e dos costumes de uma sociedade, Mário Bunge ao conceituar a ética como o *episteme* da moral, “ramo da filosofia que analisa conceitos morais tais como os da bondade e da verdade moral e preceitos morais tais como os da reciprocidade”<sup>138</sup>, dedicando-se racionalmente e cientificamente a compreensão e crítica da moral, seus princípios, aplicação e influências no comportamento humano. Neste sentido, a moral seria o código de obrigações e de interdições que regula a vida de um grupo social, em outras palavras, ser ético pode ser respeitar códigos de conduta.

Para a ética, certo é o que atende à vida, e o desenvolvimento saudável de toda uma existência. É necessário refletir sobre as relações do ser humano com o entorno e verificar as consequências destas relações. A partir da ética, recorre-se à tentativa de dar sentido ao agir e evitar algumas situações que causam repulsa, como a falta de respeito e dignidade. Essa reflexão, construção e socialização de conhecimentos são subsidiadas por meio da mediação do(a) professor(a), do compartilhar de experiências entre os educandos(as).

Outra perspectiva de olhar e refletir a ética poderia partir do ponto de vista do mal, como assim tão sabiamente Reale traz uma importante reflexão diante dessa ideia tão incutida nos comportamentos e na sociedade atual, desse ponto de vista o autor faz refletir: “O Princípio antiético ao Uno-Bem é provavelmente causa de mal no seu nível mais baixo: no nível sensível”<sup>139</sup>.

<sup>138</sup> BUNGE, Mario Augusto. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 130.

<sup>139</sup> REALE, Giovanni. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*, 3. ed.. São Paulo: Paulus, 2004, p. 141.

O ser humano precisa crescer e se fazer presente na desconstrução desse mal que está tão incrustado na sociedade e que circunda o mundo. Aqui cabe o papel tão relevante do(a) educador(a) do Ensino Religioso na tarefa de fazer suscitar nas crianças, adolescentes e jovens os valores e princípios éticos que alimentam e formam o bom comportamento ético.

Por conseguinte, para se atingir esse patamar do comportamento ético é preciso de muito conhecimento e sabedoria na arte de viver, o conhecimento e o ato moral são tão necessários na construção de uma excelência ética. A partir desta ideia, cabe distinguir a ética da moral, colocando a moral no sentido da ação efetiva e constante do ser humano, ou seja, a ação humana pode ser julgada sob o ponto de vista da moral. Hilton Japiassú e Danilo Marcondes falam do vocábulo *ética*, definido como: “Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral finalidade e sentido da vida humana, os fundamentos da obrigação e do dever, natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral”<sup>140</sup>.

A *ética* é considerada como ciência, tendo a função de analisar e julgar a moral existente, ou seja, valores, regras e costumes, o comportamento de um grupo, indivíduo e sociedade. Os mesmos autores citados anteriormente afirmam: “Diferente da moral, a *ética* está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las”<sup>141</sup>.

A *ética* também estuda os princípios da moral, a base e a aplicabilidade das leis, segundo o professor Emerson Garcia: “Moral, como se sabe, é algo mais fácil de ser sentido do que propriamente definido”<sup>142</sup>. Em termos kantianos “razão prática”<sup>143</sup>, é uma atividade essencialmente racional, assim como existe um aspecto duplo da *ética* entre a consciência e a prática, como afirma o filósofo Álvaro L. M. Valls: “o homem precisa converter suas melhores disposições naturais em hábitos, de acordo com a razão”<sup>144</sup>.

<sup>140</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 69.

<sup>141</sup> MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017, p. 9.

<sup>142</sup> GARCIA, Emerson. A moralidade administrativa e sua densificação. *Revista da EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 21, 2003. p. 211-234, p. 221.

<sup>143</sup> PERIN, 2009, p. 202.

É a segunda das três críticas de Immanuel Kant em sua obra *Crítica da razão prática*, na qual aborda a razão prática como possibilidade da representação de um objeto, através dela é possível a ação concreta.

PERIN, Adriano. Kant e a estratégia metodológica da crítica da razão prática. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Universidade Federal de Pelotas-RS (UFPel), n. 29, p. 201 - 225, Pelotas: 2009, p. 202. [online].

<sup>144</sup> VALLS, Álvaro Luiz. Montenegro. *O que é ética*. (Coleção Primeiros Passos, 177). São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 33.

O caminho apontado por Aristóteles é o da prática, de uma visão amplamente dinâmica. A ética, porém, é muito mais abrangente do que o estudo da moral ou da moral em si, ou, do estudo das leis e das leis em si e sua dinâmica e consciência são ilimitadas. Hoje, a palavra ética é muitas vezes usada em diferentes sentidos e conexões, o ser ético e o antiético, por exemplo, são expressões que vêm sendo usadas para indicar aprovação ou desaprovação.

As palavras ética e moral, como qualquer significado, são materialidades que remetem a significados que lhes são exteriores, segundo Gleyds S. Domingues, isso revela que “a significação é considerada um ato de expressão que se concretiza no campo da linguagem”<sup>145</sup>. A ética, portanto, se expressa no agir ético, que é também pensamento e que ganha completude na vida, na ação, na convivência. A ética é ao mesmo tempo reflexão sobre a vida e vida pensada; é também princípio e ação, norma e deliberação, decisão e vida decidida.

Portanto, a consciência ética possui um aspecto particular de observação que vai desde seu conceito, até os conflitos com as práticas sociais e profissionais. Citado por Cortella, a ética é: “o que marca a fronteira da nossa convivência é aquela perspectiva para olharmos os nossos princípios e os nossos valores para existirmos juntos, é o conjunto de seus princípios e valores que orientam a minha conduta”<sup>146</sup>.

O Ensino Religioso como contribuição para a educação é necessário fazer uso da sensibilidade e ter o discernimento que contribui para uma formação humana e cidadã, do mesmo modo didaticamente com base nos aspectos de construção e de formação para a vida de indivíduos em sua singularidade e reconhecimento da pluralidade, presente na sociedade brasileira.

É uma tarefa permanente a educação para o dever, tendo presente a consciência ética e na relação sadia com o outro, pois segundo afirma Antônio L. de Sá:

A consciência ética é um estado decorrente de mente e espírito, através do qual não só aceitamos modelos para a conduta, como efetivamos julgamentos próprios; ou ainda, nos condicionamos, mentalmente, para a realização dos fatos inspirados na conduta sadia para com nossos semelhantes em geral e os de nosso grupo em particular, e também realizamos críticas a tais condicionamentos.<sup>147</sup>

A ética em sua atuação trará uma educação comprometida, de qualidade, que forme cidadãos com princípios e valores, no respeito à vida, com ações concretas e na participação

<sup>145</sup> DOMINGUES, Gleyds S. Uma análise introdutória sobre a importância da significação no ensino bíblico. *Revista Teológica*. Curitiba, n. 36, p. 71-9, dez., 2017, p. 73.

<sup>146</sup> CORTELLA. *Qual é a tua obra?* Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 102.

<sup>147</sup> SÁ, Antônio Lopes de. *Ética profissional*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004, p. 64.

responsável da cidadania, e do bem estar de todos. Essa formação é garantidora de uma ética cidadã consciente de sua presença no mundo.

É preciso ser consciente dessa presença no mundo, com um olhar para o humano como um ser integral e em constante processo formativo. Afinal, não é possível permanecer somente no campo teórico, mas partir na construção de uma proposta prática, de um modelo mediador que seja efetivo e que não poderia deixar de marcar sua existência e sua experiência na construção e formação no cotidiano da sociedade atual, assegurando o desenvolvimento integral do ser humano.

Nesta direção, busca-se a partir dos processos formativos atuarem de maneira significativa. Não é fácil entender até que ponto a ética é determinante na vida dos indivíduos e das sociedades. O ser humano é um eterno insatisfeito com a sua situação, às vezes precisa de coragem para partir em busca do sentido da sua vida e do mundo que o cerca. Isso exige decisão, quebra de paradigmas, mudança de comportamento e rompimento com uma cosmovisão opaca, reducionista, truculenta e dogmática que foi construída pelos seres humanos.

Os princípios e os valores formados na infância ganham um papel de extrema importância na vida adulta. Pessoas que têm em sua formação ensinamentos para a cultura da paz possuem mais condições de enfrentar conflitos com equilíbrio e alegria. Pais e educadores assumem influência de destaque e são exemplos inspiradores para reforçar os bons comportamentos adquiridos na infância e corrigir os aprendizados negativos. A participação do jovem em trabalhos voluntários, campanhas de doação, grupos de reflexão e projetos comunitários auxilia para a formação de cidadãos multiplicadores da paz e construtores de um mundo melhor.

Ao considerar que se formar cidadão é, antes de tudo, responsabilizar-se pela dinâmica das relações em que se está envolvido, é de extrema importância que as crianças e jovens tenham, na família, na igreja, na escola, a experiência de criar regras coletivamente e acompanhar seu cumprimento, com foco para a autorregulação comportamental.

Não se deve omitir a responsabilidade da história sobre problemas individuais e sociais de hoje e, também não sendo o bastante para conhecer e compreender este mundo e o ser humano na contemporaneidade. Neste processo, é preciso estar aberto para que outras potencialidades se manifestem, sem perder a centralidade da cosmovisão, assim como afirma James W. Sire: “todos têm uma cosmovisão”<sup>148</sup>, mesmo que isso minimamente aconteça de

---

<sup>148</sup> SIRE, 2004, p. 20.



forma inconsciente, resta saber qual a cosmovisão pela qual as pessoas enxergam as coisas, a realidade e o mundo.

Uma cosmovisão que acredita que todos os seres humanos são capazes de aprender continuamente, isto possibilita entender a educação como contínua, integral e integradora que principia com o momento do sujeito e o acompanha em toda a sua existência.

Nessa perspectiva o itinerário e dinâmicas para a formação continuada de valores humanos pautados na perspectiva ética direcionado aos educadores(as) do ensino básico, não está finalizado em si, mas oferece a oportunidade para que evolua, multiplique e possibilite a continuidade do processo de construção e solidificação de uma cosmovisão ética. Que seja um instrumento conhecido por todos(as) professores(as) do Ensino Religioso e que forneça os meios adequados para a formação e o engajamento de muitos que acreditam numa visão de um mundo onde há um princípio, um meio e uma finalidade.

A formação é um processo, um caminho, um itinerário que se estende por toda vida. O processo formativo do ser humano implica a formação da moralidade e do agir ético, orientando as ações em sintonia com o universo, ao bem viver, à responsabilidade social e ao convívio fraterno, justo e solidário, implica o desenvolvimento da capacidade de discernir e de escolher o bem diante das situações concretas do cotidiano.

Os princípios da formação continuada dos(as) educadores(as) articulam entre si um conjunto de dimensões indispensáveis ao processo formativo, como a ética e os valores que precisam ser aprofundados e internalizados, como criatura portadora de um projeto de dignidade, de felicidade e de plena realização para si, para os outros, para o universo, para que assim, solidifique a experiência fundamentada nos valores. Diante disso, Moacir Gadotti compreende esse pensamento como um projeto.

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projeto significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente.<sup>149</sup>

Em um esforço único que se desdobrou em diferentes etapas, o projeto formacional tem o objetivo de desenvolver roteiros pedagógicos, contendo dinâmicas sobre a formação de valores humanos pautados na ética. Para essa realização é importante ter clareza da pessoa como ser e sujeito de relação. A visão que se entende do sujeito como um ser constitutivamente relacional que está aberto ao transcendente, portador de potencialidades, de autonomia e de liberdade e, simultaneamente frágil e dependente do outro para construir-se e realizar-se.

<sup>149</sup> GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 57.



A busca em construir certos saberes da docência e as pretensões que se quer chegar no contexto da formação humana, motiva a demarcar algumas competências que se deseja mobilizar no âmbito do trabalho educativo. Essas competências giram em torno do agir, do pensar e do ser ético.

Busca-se a partir do trabalho educativo, propiciar aos(as) educadores(as) do Ensino Religioso momentos de reflexão, debates e socialização de estudos e experiências vivenciadas, propondo a dimensão ética mediada por dinâmicas nas possibilidades do pensar, do falar e do agir.

Ainda se requer que atue no plano de ressignificar os conhecimentos e as vivências, por meio do processo dialógico, superando conflitos diante das diferentes visões de mundo; possibilitando novas experiências no fazer pedagógico e descrevendo as etapas que serão desenvolvidas nas dinâmicas, destacando seus momentos de articulação com os fundamentos e os valores éticos.

É um desafio concluir, sem ter um ponto final, pois são muitas as interrogações diante do exposto, em que a ética faz parte do dia a dia e está presente em todas as relações e nos mais diferentes atos humanos e que de alguma forma e grau diferente interferem e desafia no ato de formar sujeitos éticos. Esse é um dos compromissos do Ensino Religioso promover atos humanos que estejam de acordo com o agir ético.

Na atualidade a ética abrange uma vasta área, podendo estar relacionada com os mais diversos ambientes, e na atualidade os mais diferentes tipos de relações, ou seja, ela está presente na vida de cada um. Também se percebe que as questões éticas estão cada vez mais visíveis e discutidas no cenário brasileiro.

Por isso, fica nítido que não se pode negligenciar a ética na formação dos sujeitos onde acredita-se que ter ética é ter consciência ou caráter, ter valores e princípios fundamentados nas convicções e particularidades de cada ser. É necessário que o Ensino Religioso se articule com outras áreas do conhecimento para que se torne elo desta pedagogia humanizadora e emancipadora na formação de pessoas crítica, reflexiva de sua condição enquanto ser.

Com o Ensino Religioso se almeja uma convivência social mais pacífica e justa para todos, seja através das atitudes coletivas ou individuais, um agir de acordo com a ética e com a moral, pois só assim o ser ético pode se tornar realidade entre todos. Aspirando que estas ideias sirvam de base para as próximas reflexões que vai discorrer no segundo capítulo trazendo uma abordagem dos valores humanos, visão de mundo nos modos de ser ético, para uma melhor compreensão da cosmovisão no processo de humanização, avivando a consciência ética dos sujeitos envolvidos no processo da formação continuada.

## 2 VALORES HUMANOS E VISÃO DE MUNDO NOS MODOS DE SER ÉTICO

O processo de reflexão sobre os valores humanos à luz da visão de ser e de mundo, considerando as ações humanas como problema filosófico teórico-prático desafiando a pensar e elaborar itinerário com dinâmicas para a formação continuada dos(as) professores(as) do Ensino Religioso, em um caráter dialético exigindo novos momentos de confirmação e superação transformando em suporte para um olhar na perspectiva ética cada vez mais qualificada.

O presente capítulo traz uma abordagem sobre os valores humanos entendendo a visão do ser e do mundo, em uma perspectiva mais ampla de compreensão da realidade, considerando a construção de novos saberes e práticas frente à proposta da pesquisa que pauta na cosmovisão ética como competência transversal na formação e capacitação de professores(as) do Ensino Religioso. Além disso, pretende-se trazer uma abordagem sobre o ser e a visão de mundo, numa visão ampla dentro da perspectiva ética dos sujeitos diante das diferentes cosmovisões de sociedade, da cultura e da educação, assim como, uma visão pluralista do Ensino Religioso na perspectiva mais de compreensão da realidade, considerando o ser ético e as suas subjetividades que de algum modo interferem na formação humana integral, tendo como foco a capacitação daqueles que tem o compromisso na construção de novos saberes e práticas frente à proposta da pesquisa enquanto perspectiva ética como competência transversal nas capacitações dos(as) professores(as) do Ensino Religioso.

Tais valores representam a base para a escolha de conteúdo do Ensino Religioso na perspectiva da cosmovisão ética, para tanto é preciso uma compreensão mais apurada do termo cosmovisão como concepção norteadora da vivência ética, tema que será aprofundado na próxima seção.

### 2.1 Por uma compreensão do termo cosmovisão

O entendimento sobre a palavra cosmovisão possibilita ao ser humano perceber o grau de influência que ela alcança na realidade social. Afinal, é na presença de uma cosmovisão que se pode identificar a maneira como o ser humano tece leituras interpretativas e que pautam seus posicionamentos, suas escolhas e decisões. A cosmovisão em termos gerais é conhecida e compreendida como “visão de mundo”.

Na tentativa de refletir sobre o conceito de cosmovisão, palavra traduzida do alemão *weltanschauung*<sup>150</sup> (*welt*: mundo e *schauen*: olhar), que significa o modo de ver e entender o mundo, as relações humanas e os papéis dos indivíduos na sociedade, apontando para uma direção modelando as atitudes do ser humano diante do mundo.<sup>151</sup> Sobre tal reflexão, Sire diz que “operamos dentro de um esquema de pensamentos e ações”<sup>152</sup>. Ou seja, toda cosmovisão desempenha tanto uma função conceitual como prática.

A função conceitual de uma cosmovisão é prover um referencial pelo qual todo fato e toda ideia possam ser adequadas ou fazer sentido, ou seja, ter e manter-se coerente. Em contrapartida a função prática de uma cosmovisão, é proporcionar direção na vida, ajudando a formular metas, escolhendo os meios, esboçando planos e ao mesmo tempo avaliando todo o processo, pois a forma como se percebe a realidade é fortemente influenciada pelas crenças, e que tem como "lentes" a própria cultura.

Um aspecto importante da função da cosmovisão, conforme pensamento de Hiebert, é o fato que ela permite avaliar as experiências e ações em termos de justiça, pecado, violação, transgressão, obediência e desobediência.<sup>153</sup> Nesse sentido é imprescindível não olhar para as relações que se estabelecem entre as pessoas, o comportamento ético que direciona as escolhas e o agir humano. Uma das características do ser humano é o fato de ele poder fazer escolhas diante das circunstâncias e da cultura em que está inserido. “Cultura é como um conjunto de crenças e práticas que fazem sentido a um determinado povo”<sup>154</sup>.

O autor citado compreende também que, “embora os seres humanos vejam o mundo de forma diferente uns dos outros, todos vivem no mesmo mundo e todos devem lidar com certos elementos universais da cosmovisão”<sup>155</sup>. A cultura é o que dá unidade a certo grupo de pessoas que divide os mesmos usos e costumes, os mesmos valores. Os valores pautados na cosmovisão ética constituem uma das formas em que se fundamenta um projeto de vida, transformador das relações que se estabelecem na vida em sociedade.

É preciso que se identifique e se conheça os pressupostos que norteiam uma cosmovisão, para que fique explícito a razão impulsiona o agir, sentir, crer, fazer e ser de cada indivíduo.

<sup>150</sup> FERREIRA, Aurélio. B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1794.

<sup>151</sup> NAUGLE, David K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília: Monergismo, 2017, p. 23. Cosmovisão na forma original em alemão, *weltanschauung*. Essa palavra alemã é adotada regularmente em diversas línguas para expressar um conjunto ordenado de valores, crenças, impressões, sentimentos e concepções de natureza intuitiva a respeito da época e mundo em que se vive.

<sup>152</sup> SIRE, 2004, p. 20.

<sup>153</sup> HIEBERT, 2016, p. 35.

<sup>154</sup> HEBERT, 2016, p. 20.

<sup>155</sup> HIEBERT, 2016, p. 23.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, “nossa cosmovisão fortalece nossas crenças fundamentais com reforços emocionais para que elas não sejam facilmente destruídas”<sup>156</sup>.

A cosmovisão funcionaria como o modo de ver e de pensar a si mesma, como se importa e se posiciona diante do mundo. Portanto, essa visão, abrange a totalidade das coisas, tudo que diz respeito à vida. Dentro dessa construção de pensamentos, a cosmovisão passa a ser o que se acredita, como afirma Darrow L. Miller:

A cosmovisão está profundamente assentada nos recessos da mente. Cada pessoa e cultura têm uma cosmovisão. Se é inconsciente, foi recebida através da aculturação ou socialização. Se é consciente, a pessoa examinou criticamente suas suposições e consequências.<sup>157</sup>

Surgem aqui dois aspectos que podem ser considerados em uma cosmovisão: os aspectos inconsciente e consciente. Esses aspectos possibilitam compreender o porquê pessoas agem de uma maneira, sem ter a noção do seu ato-fazer-pensar-agir-creer. Por outro lado, ele também ajuda a identificar os motivos das pessoas responderem assertivamente diante de situações problema. Observa-se, que a cosmovisão implica na vida do ser humano, sendo, portanto, expressa por meio da cultura e, também, do ato de reflexão sobre a sua existência.

Hiebert faz um alerta sobre o que a cosmovisão carrega “uma visão fundamental e abrangente da realidade compartilhada por pessoas de uma mesma cultura”<sup>158</sup>, o que se pode inferir que nela se faz presente a questão identitária e que se torna uma digital de cada grupo social.

Hiebert sinaliza que a cosmovisão é como ponte entre a realidade crítica e o modo de olhar para o mundo: “A cosmovisão das pessoas entra em crise quando há um abismo entre sua cosmovisão e sua experiência de realidade”<sup>159</sup>, ou seja, se estabelece um confronto da pessoa com as questões existenciais, por isso o desafio de viver cada vez mais direcionado para uma experiência fundamentada em uma experiência de fé.

A cosmovisão é um conceito tão antigo quanto à existência humana, mas como afirma Sire “é um compromisso, uma orientação do coração, que pode ser apresentado como uma estória ou um conjunto de pressuposições e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos”<sup>160</sup>. Esse é um dado que revela o aspecto consciente sobre a ação de uma cosmovisão na vida. Demonstra, ainda, que as escolhas e decisões humanas são pautadas na sua

<sup>156</sup> HIEBERT, 2016, p. 35.

<sup>157</sup> MILLER, Darrow L. *Discipulando nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003, p. 35.

<sup>158</sup> HIEBERT, 2016, p. 95.

<sup>159</sup> HIEBERT, 2016, p. 36.

<sup>160</sup> SIRE, 2012, p. 179.

leitura de realidade e na forma que elas interpretam os fatos, os fenômenos, quer sejam eles naturais ou sobrenaturais.

Hoje se vive novas realidades e a necessidade de aprender é cada vez maior, pois muitas são as alternativas que se fazem presentes no contexto de diferentes cosmovisões. Os problemas são outros, as relações são afetadas e os desafios em resgatar o ser ético se intensificam.

Os problemas do ser humano civilizado têm raízes antigas, as estruturas sociais e as relações interpessoais sofrem bruscas transformações com os primeiros passos gigantescos dados pela sociedade humana. Relações humanas críticas vão sendo agravadas, os indivíduos interagem recíproca, mas destrutivamente, e suas ideias deformadas vão propiciando o surgimento de processos sociais cada vez mais deturpados, em termos de interesses autenticamente humanos.

As contribuições para a aplicação da BNCC, no que tange a visão de mundo ou cosmovisão está na proposta do Ensino Religioso enquanto área do conhecimento, disseminando informações sobre as diferentes visões e manifestações que se expressam em diferentes segmentos e movimentos religiosos, o objetivo do Ensino Religioso não é a doutrinação, mas a proposta de reflexões sobre fundamentos, costumes, visão de mundo e valores das diferentes expressões existentes na sociedade e da imagem que o ser humano tem de si mesmo, explorando de modo interdisciplinar, estimulando o diálogo e o respeito, valores tão necessário para uma vivência ética. Um dos fundamentos do Ensino Religioso, conforme Ferreira Sá ao citar:

A criação de condições para cada educando(a) construir sua identidade, para saber acolher, conhecer, conviver e aprender a ser, valorizando e respeitando o outro, superando preconceitos que desvalorizam qualquer experiência religiosa, tendo como referência os princípios [éticos], estéticos da sensibilidade e da criatividade.<sup>161</sup>

Cabe, então, resgatar a imagem que o ser humano tem de si, no sentido de que possa agir, amar, fazer e pensar em consonância à luz da cosmovisão ética. Por isso, compete trabalhar ou desenvolver um projeto de ação que visa a valorização do ser humano na busca da plenitude e da vivência ética. Nesta ação Passos assim considera que há “uma dimensão humana a ser educada, o princípio fundante e o objetivo fundamental do Ensino Religioso”.<sup>162</sup>

Pode-se ir além do campo disciplinar demarcado pelo Ensino Religioso, pois é verificável no contexto da escola uma multiplicidade de confessionalidade, respeitando sempre a base nacional do currículo.

<sup>161</sup> SÁ, Arnaldo Vicente Ferreira de. *Os Fundamentos do Ensino Religioso*. São Paulo: Egus, 2015, p. 58.

<sup>162</sup> PASSOS, 2007, p. 65-66.

A partir da cosmovisão ética evidenciada no modo como a realidade é interpretada, é preciso entender que a vida e o viver transcendem, e essa é uma ação necessária para se ir além. Diante desta situação, o desafio é descobrir quem se é e quais as pessoas com as quais estão se relacionando, e ainda, qual é o sentido que se dá à vida. Como afirma Jorge V. Arregui, “A questão sobre o sentido da vida, não é uma questão teórica, mas prática”<sup>163</sup>.

A vida é como um projeto a construir, e para construir um projeto de vida coerente com si mesmo e com o mundo em que vive demanda prática e persistência, para isso é preciso fazer opções, pois as alternativas são muitas. Diante desse projeto a construir, Fleuri propõe: “entender e promover lenta e prolongadamente a formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados que orientem a vida das pessoas”<sup>164</sup>.

No dia a dia não se é capaz, nem mesmo se tem tempo ou ânimo para pensar ética e filosoficamente na questão da relação, questão essa, onde os valores são expressos. Em geral, se é lançado nas relações sem saber como são construídas. Quando se pensa em ética, obrigatoriamente se coloca o tema da relação com o outro e nessa relação se estabelece regras, normas para uma melhor experiência da convivência humana que passa pela visão que se tem do mundo e da compreensão de si e do outro, é o que será refletido na próxima seção.

## 2.2 Cosmovisão na compreensão do ser enquanto consciência de si

A relação da cosmovisão com a consciência precisa ser enfatizada, visto ser ela um aspecto para a compreensão do ato da existência humana. A consciência é entendida como um fenômeno ligado à mente, em que ocorrem diversos processos psíquicos, especialmente o conhecimento. Portanto, nada mais caracteriza o ser humano do que a consciência, pois é ela que permite estar no mundo com algum saber, como citado por Pierre T. de Chardin: “O animal sabe. Mas, certamente, ele não sabe que sabe. Em relação a ele, por sermos reflexivos, não somos apenas diferentes, mas outros. Não só simples mudança de grau, mas mudança de estado”<sup>165</sup>.

A humanização faz parte da espécie humana, de onde emergem questões elementares, como: O que é ser humano? Quais seriam as marcas fundamentais da humanidade? O que os

<sup>163</sup> ARREGUI, Jorge V. *Acción y sentido en Wittgenstein*. Espanha: Ediciones Universidad de Navarra, 1984, p. 102.

<sup>164</sup> FLEURI, 2013, p. 67.

<sup>165</sup> CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 187. Teilhard de Chardin, em sua obra apresenta uma cosmovisão que pode ser atualizada e inserida dentro da visão científica atual, que também evolui para uma visão mais ampla do universo e da vida.



distingue de outras espécies animais? Quais as suas qualidades específicas? Na tensão sempre crescente da vida cotidiana, se perde o contato consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o próprio criador.

A consciência se estabelece com muito trabalho e na relação com os outros, “uma energia radial, que o atrai na direção de um estado cada vez mais complexo e centrado, para frente”<sup>166</sup>. Na visão de Chardin, ela não está pronta, mas em constante evolução e nessa evolução, os sujeitos contribuem com a obra da criação.

A ação de construir a consciência sobre si contribui para as ações conscientes que nascem da construção própria de cada sujeito consciente e que se percebe como tal em seus processos de compreensão da vida, de sua capacidade de amar e de seu lugar no mundo, assim ele afirma: “O nosso poder de amar se desenvolve até abarcar a totalidade [da vida]”<sup>167</sup>. Mas para isso é necessário uma “nova” consciência que signifique o jeito de compreender a vida.

Uma tomada de consciência significa um novo pensamento, e ela é chave para uma nova civilização. “Não só a consciência se torna coextensiva ao Universo, mas também o Universo ganha equilíbrio e consistência, sob forma de Pensamento, sobre um pólo de interiorização suprema”<sup>168</sup>.

É só pela consciência, que se realiza a interpretação dos significados do mundo, o sentido e as ações dos sujeitos. A realidade está presente como fenômeno e a consciência como ponte que objetivamente procura conhecer algo, assim pode “dar o passo fora de si para o outro”<sup>169</sup>.

Toda consciência é a consciência de algo, por isso há uma mudança de comportamento do modo de ver o mundo. Eis uma possibilidade de pensar a consciência e sua função, de acordo com documento expresso pela CNBB:

O ser humano se descobre não como dono do mundo e dos outros, mas como responsável perante eles (responsável = chamado a dar uma resposta à voz ou apelo da consciência). O ser humano descobre o que revela a imensa dignidade de que é portador.<sup>170</sup>

<sup>166</sup> CHARDIN, 1987, p. 46.

<sup>167</sup> CHARDIN, 1987, p. 292.

<sup>168</sup> CHARDIN, 1987, p. 343.

<sup>169</sup> CHARDIN, 1987, p. 320.

<sup>170</sup> CNBB, *Ética: pessoa e sociedade*. Doc. 50, n.71. O documento é fruto da 31ª Assembleia Geral da CNBB, ocorreu de 28 de abril a 7 de maio de 1993 em Itaici-SP. Na ocasião preparou o documento *Ética: pessoa e sociedade*, no qual expôs suas preocupações com os assuntos relativos à moralidade pública, como esforço para oferecer resposta ao que os religiosos chamam de “crise ética”, uma tentativa de superação do mal-estar que se havia instalado no cenário político brasileiro após os escândalos de corrupção que marcou o fim do governo de Fernando Collor de Melo.



O documento da CNBB expressa a responsabilidade do ser humano diante de seus atos, pois não apenas o torna consciente, mas corresponsável por suas escolhas e decisões. É isso que o torna portador de uma dignidade. Essa consciência é a que move os relacionamentos, ao mesmo tempo em que se define como um limitador da ação humana.

Isso demonstra que as ações conscientes nascem da construção própria de cada ser consciente, que se percebe como tal em seus processos de vida e de profissão, denominado por Sire de “vida consciente”, sendo que só, “os humanos são os únicos seres conscientes”<sup>171</sup>.

Conforme o pensamento de Marilena Chauí, a consciência garantida pelo pensamento é a manifestação dessa capacidade humana para conhecer, para saber que conhece, ter um conhecimento das coisas e de si e uma reflexão sobre esse conhecimento.<sup>172</sup>

Assim, ao refazer os percursos dessa trajetória, faz-se necessário revisitar as memórias e os espaços, práticas e descobertas que compuseram a história marcada do ser humano pela inspiração, criatividade e sabedoria, isso tudo promovendo em resultados de construção de pensamentos e de alargamento da compreensão. Essas experiências construídas refletem aquilo que o ser humano é hoje.

Conhecer o espaço que o cerca e todas as peculiaridades que o compõem, permite ao sujeito ter clareza de decisões e postura diante dos problemas que porventura possam surgir, além de manter uma consciência e um provável domínio na prevenção de dificuldades futuras surgidas ou provocadas, em virtude de atitudes mal planejadas. A busca de sentido é um dado essencial da condição de ser humano.

Portanto, o que dignifica o ser humano, não é propriamente possuir uma consciência, mas saber e dela fazer uso. Diante disto, faz-se necessário saber que as partes compõem o todo e que cada indivíduo é peça fundamental na articulação entre sociedade, cultura e educação, na medida em que se sente parte dele e desenvolve uma visão mais comprometida com a vida, constituindo-se como ser consciente de seu lugar no mundo, como afirma Morin “Cada um contém a multiplicidade e inúmeras potencialidades mesmo permanecendo um indivíduo sujeito único”<sup>173</sup>.

A potencialidade humana de amar e de transcendência, enquanto características antropológicas, transculturais e transtemporais, que se encarna em cada cultura de forma específica, podendo constituir-se tanto em forças progressistas como regressivas das pessoas e de cada cultura. Todas essas forças constituem no grande projeto do ser humano, como afirma

<sup>171</sup> SIRE, 2004, p. 104.

<sup>172</sup> CHAUI. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 130.

<sup>173</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 95.

Ivo C. Juliatto, “O projeto inacabado do homem pode encontrar sentido numa experiência vital que ultrapassa a simples condição material e imanente da existência”.<sup>174</sup> Logo, sendo um projeto, o ser humano precisa tomar consciência de sua realidade.

Aqui se estabelece uma preocupação na formação dos sujeitos de um modo temático e reflexivo, utilizando desse processo de construção de ideias para exercitar a capacidade reflexiva, formando a visão de educação e de sociedade, ou seja, uma visão de educação que visa uma prática social em sua tarefa de realizar o processo de formação da pessoa como um todo, compreendendo que cada uma se humaniza na medida em que se apropria do saber acumulado; e uma visão de sociedade como condição de possibilidade da existência humana, como resultado de uma relação que pode ser superada tendo em vista uma sociedade mais justa.

Também se percebe que a ética é campo de reflexão sobre a prática humana, logo, para pensar uma ideia de reflexão como uma operação da consciência que sirva de princípio e exercício reflexivo, pois assim exige da consciência uma postura autônoma de dispor de si mesmo para compreensão do mundo e de sua realidade. Assim também acontece com a cosmovisão que passa pelo exercício reflexivo de pensar o que já foi pensado de um modo que se propõe a pensar sobre si e seu mundo, numa constante relação consigo e com o outro.

Reconhecer a importância do convívio com o outro permite, assim, a reflexão e o diálogo sobre os modos de se relacionar a partir disso, é possível fazer escolhas que promovam uma melhoria no bem-estar com o outro, a fim de que cada relação sirva de insumo para a construção de sociedades mais justas e gentis com o diferente.

O homem super socializado, que atingiu um patamar científico e tecnológico, com alto nível de consciência e liberdade, essa “super pessoa” em Chardin, não é o autômato com que se defronta nos dias de hoje. Com a reflexão tudo muda, assim declara Chardin:

Com a ‘pessoa’ dotada pela ‘personalização’ de um poder indefinido de evolução elementar, o ramo cessa de envolver no seu conjunto anônimo as promessas exclusivas do futuro, a célula tornou-se ‘alguém’. Após o grão da Matéria, após o grão da Vida, eis o ‘grão do pensamento’ enfim constituído.<sup>175</sup>

O existir humano é marcado pela identidade do ser, em uma abertura ao mundo, atuando direta e indiretamente com o outro no mundo, em uma relação recíproca com o outro e com o mundo, ao mesmo tempo em que atribui significação e dá sentido a esta experiência. A cosmovisão apresenta essa relação e experiência por uma melhor compreensão do ser.

<sup>174</sup> JULIATTO, C. Ivo. *O horizonte da educação: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida*. Curitiba: Champagnat, 2009, p. 32.

<sup>175</sup> CHARDIN, 1987, p. 180.

Há um convite a ouvir a voz do ser, uma voz escondida na realidade do mundo que cerca a humanidade e diante dele o mundo cabe a compreensão que é construída a partir da visão ou cosmovisão como a capacidade de resposta à plena abertura para a experiência do maravilhar-se diante da vida e do mundo que é um mistério a ser sondado no seu mais íntimo sentido. “A convocação é um apelo, algo que se aceita, que se assume, como um convite urgente, como uma responsabilidade, ela nunca pode ser entendida como obrigação, mas em nome de sentir-se experimentando a vida”<sup>176</sup>. Com esse chamamento, em uma atitude de admiração não carregando consigo a pretensão do utilitarismo, mas de um admirar que o conduz à realidade.

O maravilhamento não tem qualquer finalidade utilitarista, mas é uma tensão naturalmente humana para a verdade. No fundo, poderíamos dizer ainda que o objeto da filosofia é a verdade: não cada uma das verdades, que são objetos espirituais parciais, mas a verdade em sua totalidade.<sup>177</sup>

Do outro lado, há o desencantamento que se dá através da desconexão do ser com ele mesmo, com o outro e com o mundo. Aprender a viver, conhecer e a fazer de forma integrada, através da experiência viva e com discernimento continua sendo uma arte a ser devidamente aplicada e aperfeiçoada. Para tal aperfeiçoamento, precisa compreender a cosmovisão que cada ser tem de si e do mundo. Assim afirma Muniz Sodré: “Todo indivíduo percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, de um corpo que lhe é próprio e que se resume em última instância, a seu corpo”<sup>178</sup>.

O processo de reflexão sobre a visão de mundo e os modos de ser de cada sujeito, tem uma direção e propósito que desafia a pensar e revisitar a cosmovisão em uma perspectiva dialética, visto que quando se identifica e se reconhece os pressupostos que norteiam uma cosmovisão, fica claro a razão que impulsiona o agir, sentir, crer, fazer e ser de cada indivíduo.

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos.<sup>179</sup>

Quando se orienta o coração para aprender, não apenas para conhecer o mundo exterior e para nele atuar, sobretudo para aprender a estar no mundo, navegar ao encontro de si mesmo e florescer como seres humanos, mais conscientes de seu lugar no mundo. Para tanto, é preciso

<sup>176</sup> TIBURI, Márcia. *Filosofia prática*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 193.

<sup>177</sup> MORRA, Gianfranco. *Filosofia para todos*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 22.

<sup>178</sup> SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p. 68.

<sup>179</sup> SIRE, 2004, p.122.

dizer que a cosmovisão traz como pressuposto reflexões teórico-práticas, como garante a BNCC: “o respeito à vida e à dignidade humana, o tratamento igualitário das pessoas, a liberdade de consciência, crença e convicções, e os direitos individuais e coletivos”<sup>180</sup>, temáticas que se desdobram, direcionando cada sujeito a defender os padrões em que acredita, pois todos têm um propósito.

Além disso, a BNCC destaca a importância de um ensino com contribuições multiculturais: “O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural”<sup>181</sup>. Ou seja, a cosmovisão parte de uma consciência simbólica que tem um papel diante da sociedade, da cultura, da educação e no plano formacional de ordenamento da vida e do mundo, como descreve Nancy Pearcey: “Ninguém pode viver sem um senso de propósito e direção, um senso de que a vida tem significado como parte da história cósmica”<sup>182</sup>.

Sendo assim, é necessário examinar-se sempre, tomando a consciência no processo de reflexão sobre a visão de ser e de mundo, a qual desafia a pensar e revisitar as diferentes cosmovisões em um caráter dialético exigindo novos momentos de confirmação e superação transformando-se em suporte para um olhar cada vez mais qualificado frente à sociedade, à cultura e à educação.

Uma visão de sociedade enxergando como condição de possibilidade da existência humana, mas no decorrer da história dividida entre uma pequena parte de homens e mulheres que tendo o poder econômico detêm também o poder político, social e cultural, e, outra parte, constituída sempre pela maioria, oprimida, alienada, explorada, realidade essa que possibilita enxergar não como naturalmente dado, e, sim como uma situação resultante de uma determinada correlação de forças que pode ser alterada, superada, transformada na superação das diferenças étnicas e culturais.

Uma visão de cultura que a enxerga como patrimônio histórico-social acumulado pela humanidade no decorrer do processo civilizatório, nas mais diferentes formas de vida, de poder transformar, ver e entender que todo homem e mulher têm direito ao conhecimento e os artefatos tecnológicos resultantes da aplicação prática destes conhecimentos promovendo um olhar que reverta o processo de apropriação privada deste patrimônio, que exclui a maioria dos

---

<sup>180</sup> BRASIL, 2018, p. 437.

<sup>181</sup> BRASIL, 2018, p. 436.

<sup>182</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo do seu cativeiro cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 61.

homens e mulheres e os priva de compreender o mundo apropriando desse patrimônio histórico e socialmente acumulado como condição para uma humanização que passa pela educação.

Uma visão de educação que a enxerga como prática social, a tarefa de realizar o processo de formação integral do ser, sendo necessários a cada momento histórico, compreendendo que cada homem e mulher se humanizam na medida em que se apropria do patrimônio histórico-cultural acumulado. Com esse olhar, entende-se que ela pode contraditoriamente servir à reprodução, alienação, ou servir à transformação, emancipação individual e coletiva, ela pode fazer nascer em cada ser o homem e mulher que ele(a) pode ser. Nesse contexto educacional cabe ressaltar que o Ensino Religioso em um dado histórico-cultural e próprio da ética e da educação agrega um elemento comum às demais áreas do conhecimento e do currículo escolar.

No plano formacional, não se pode permanecer somente no campo teórico, mas parte na construção de uma prática, de um modelo mediador, que seja efetivo e que não poderia demarcar sua existência e sua experiência na construção e inserção no cotidiano da sociedade em que se vive, assegurando o desenvolvimento integral do ser humano. E isso significa dizer que há uma prática capaz de potencializar por meio do ensino e da aprendizagem a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna, fundamentada em valores que transcendem e que são para toda vida.

Com seu pensamento, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços. Essa capacidade é o que nós chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai para além daquilo que é dado. Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito.<sup>183</sup>

Diante dessa visão de ser humano, Zilles informa que é natural do ser humano se ver relacionado e determinado por algo maior e superior a ele mesmo.<sup>184</sup> E como fazer no campo educacional quando é necessário ter uma orientação onde se quer chegar. Cabe aqui a cada educador(a) fazer a escolha de um currículo comprometido com essa cosmovisão ética que possa trazer a mudança de uma visão distante da realidade.

O currículo sempre esteve presente no processo cultural, político ou do próprio ponto de vista do sujeito e de como concebe o seu mundo, ou seja, todos(as) são portadores de conhecimentos e de saberes gerados pela criação cultural na construção da existência humana. Esses conteúdos, conhecimentos e saberes são frutos da experiência do viver cultural. Por isso, é preciso pensar e ter um olhar crítico para esse conhecimento que é distribuído de forma desigual entre as diferentes classes sociais e econômicas da sociedade, cabendo uma profunda

<sup>183</sup> BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, contracapa, [n.p].

<sup>184</sup> ZILLES, 2009, p. 6.

reflexão sobre o processo e modo de fazer a educação apesar de todo avanço científico e tecnológico.

Através de uma proposta pedagógica que leva em consideração a realidade da escola e assume um papel transformador dessa realidade e com ela se compromete na construção de um mundo melhor e mais igual para todos, “pois não exclui ninguém”, assim afirmando que é necessário “Pensar e gerar um mundo aberto”, como afirma o Papa Francisco em sua terceira encíclica *Fratelli tutti*.<sup>185</sup>

O papel do(a) educador(a) está envolvido em um ato político, os(as) educadores(as) do Ensino Religioso não teriam como separar totalmente sua atividade educacional das diferentes reações dos sistemas institucionais e das formas de consciência que dominam. É preciso repensar o papel da educação versus a estrutura econômica, assim como o conhecimento versus o poder, um impacta, interfere e confronta o outro e vice-versa, pois cada aspecto deve ser situado em uma relação maior onde se possa rever a formação do(a) educador(a) e debater o espaço educativo, a escola como instituição, que está para além dos muros e paredes, como fundamenta Cortella:

Essa qualidade social, por sua vez, carece de uma tradução em qualidade de ensino e, assim, a formação do educador necessita abranger o elemento técnico de especialização em uma área do saber (e a capacitação contínua) e também a dimensão pedagógica da capacidade de ensinar; a discussão sobre tal dimensão envolve ainda temas mais amplos como a democratização da relação professor/aluno, a democratização da relação dos educadores entre si e com as instâncias dirigentes, a gestão democrática englobando e, por fim, como objeto político/social mais equânime, a democratização do saber.<sup>186</sup>

No processo de democratização dessas relações se faz necessário situar as formas de conhecimento, onde todos possam conversar e encontrar as soluções para os problemas vigentes de uma sociedade, respeitando os saberes e o papel do(a) próprio(a) educador(a) do Ensino Religioso frente aos desafios de transformar por meio de seus conhecimentos a realidade, levando em conta as suas subjetividades e o seu lugar de fala, a partir desse lugar e com quais práticas reflexivas se dispõe a construir, na escola atual, os conhecimentos e saberes. Tudo isso está sujeito a uma interpretação de seus respectivos lugares em uma sociedade complexa, estratificada e desigual.

O currículo sempre esteve presente no processo cultural, político ou do próprio ponto de vista do sujeito e de como concebe o seu mundo, ou seja, todos são portadores de

<sup>185</sup> FRANCISCO, Papa. *Fratelli tutti*. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. doc. 210. São Paulo: Paulinas, 2020, FT, 89.

<sup>186</sup> CORTELLA, Mário Sérgio. *Escola e conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 15.



conhecimentos e de saberes gerados pela criação cultural na construção da existência humana. Ao contrário desse discurso, Wolfgang Gruen faz sua crítica a não adesão desse pensamento dizendo que: “não contribui para uma valorização do Ensino Religioso e, pelo contrário, prejudica-o na medida em que dissocia dos projetos educacionais”<sup>187</sup>.

Esses conteúdos, conhecimentos e saberes são frutos da experiência do viver cultural e de suas manifestações que adentram nas escolas com as pessoas que as vivenciam e isso como um ato político ele não está isolado e sim faz parte de um grupo ou de um processo muito maior, nestes tempos sombrios em que um rastro de marcas deixadas pela pandemia é possível extrair alguma lição, como citado: “Esse impacto constitui-se também numa oportunidade para a revisão de determinadas práticas”<sup>188</sup>.

Dentro dessa temática e reflexão o Ensino Religioso precisa ser levado na integração desse discurso e diálogo com a educação, como narra Francinne Kerkhoff:

Este ensino escolar tem sua base e justifica como componente curricular porque busca uma abordagem científica no processo ensino-aprendizagem que possibilita mecanismos para decodificação de valores e tradição dentro de um discurso com fundamentação teórica e regras metodológicas com base na fundamentação científica.<sup>189</sup>

Entre muitas práticas um papel facilitador no trabalho do(a) professor(a) de Ensino Religioso é o de que se vive em um ambiente didático que trouxe para os espaços e diálogos em todas as disciplinas o vocabulário do compromisso com a formação da consciência crítica, compreendendo que cada uma delas, dentro de suas especificidades tem um importante compromisso com a formação ética-cidadã. Um campo fecundo da educação, como mostra Freire com propriedade “a prática docente crítica, implicante do pensar certo envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”<sup>190</sup>. Frente a isso, percebe-se a necessidade cada vez mais de investir na formação dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso que de forma direta lidam com conceitos que formam as consciências de adolescentes e jovens que estão inseridos em diferentes realidades.

O Ensino Religioso tem contribuído para a valorização dos conhecimentos. O conhecimento religioso está inserido no universo cultural e social, e de conteúdo, pois não se

<sup>187</sup> GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 67.

<sup>188</sup> BROTTTO, Julio C. de P.; STEPHANINI, Valdir. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 12, n. 1, p. 61-79. 2021, p.77. [online].

<sup>189</sup> KERKHOFF, Francinne de O. *Ensino Religioso no Brasil: tensões e desafios da diversidade entre formação, história e prática profissional*. 2016, 121 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC Lages, SC, 2016, p. 74. [online].

<sup>190</sup> FREIRE, 2002, p. 43.



pode negar aos(as) estudantes o acesso ao conhecimento religioso, bem como a compreensão de seu mundo, ou seja, esse é um direito de todos. Desse mesmo modo complementa Maria José Lopes Silva ao afirmar que: “Ensino de religiões, estudo de diversidades, exercícios de alteridade: estes sim podem ser conteúdos trabalhados na escola pública”<sup>191</sup>.

Esse ensino se torna o desafio na direção de uma educação humanizadora do ponto de vista religioso, assim aborda o autor na *Fratelli tutti*, de uma fraternidade universal e amizade social, “sonhar como uma única humanidade”, essa prática “oferecem uma contribuição valiosa na construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade”<sup>192</sup>.

Por meio de seus estudos objetiva-se a construção de uma sociedade mais democrática que respeita a diversidade do pensamento humano, pois segundo Abdruschin Rocha, “nosso mundo é plural não apenas porque abarca fenômenos distintos e contrários uns aos outros, mas principalmente porque aglutina ‘matrizes’ distintas e contrárias, por sua vez, se materializam numa pluralidade de manifestações”<sup>193</sup>.

Por isso, a escola pública é parte da sociedade, e deve partilhar valores culturais com compromisso, compreensão e expectativas de novas aprendizagens, oxalá que as escolas públicas de todo país acolha com responsabilidade e diálogo de tornar possível uma educação onde ninguém fique para trás desse processo de apropriação dos conhecimentos.

O Ensino Religioso possui um rol de objetos de conhecimento sobre a forma como as organizações religiosas se utilizam das mídias e suas tecnologias. E, a inclusão das tecnologias de informação nas abordagens metodológicas da área contribui para que os conhecimentos sejam significativos e façam sentido na realidade dos(as) educandos(as), possibilitando o uso conscientes das mídias, evitando a difusão de ideias preconceituosas ou informações falsas.

Dito isso não se pode deixar de mencionar o que Pedro Ruedell esclareceu ao mencionar e reafirmar o que já foi legislado na Constituição de 1934 (artigo 154), quando se deu a reintrodução do Ensino Religioso com caráter facultativo e multiconfessional: “O Ensino Religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais”<sup>194</sup>.

<sup>191</sup> SILVA, Maria José Lopes. As exclusões e a educação. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da, SANTOS, Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004, p. 140.

<sup>192</sup> FRANCISCO, 2020, s/p, n. 271.

<sup>193</sup> ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Revelação e vulnerabilidade: caminhos para uma hermenêutica da revelação a partir da presença-ausência*. 2015. 250 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015, p. 36.

<sup>194</sup> RUEDELL, Pedro. *Trajetória do Ensino Religioso no Brasil e no Rio Grande do Sul: legislação e prática*. Porto Alegre: Sulina; Canoas: Unilasalle, 2005, p. 105.

Tem-se dado um salto no compromisso na esfera do Ensino Religioso no Brasil. A BNCC reafirma e amplia esse compromisso orientando o papel da educação e do ensino em uma visão totalizante, como esclarece o documento citado: “Deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e não linearidade desse desenvolvimento, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto”<sup>195</sup>.

O Ensino Religioso pode contribuir para a formação de indivíduos mais humanos, "enquanto educa valores éticos e humanos".<sup>196</sup> O Ensino Religioso busca mostrar os valores éticos dentro de cada cultura, com esse fim, os(as) educadores(as) do Ensino Religioso e ao mesmo tempo sendo formadores(as) de opiniões precisam encontrar maneiras que sejam mais verdadeiramente democráticas do que os próprios ideais de democracia, sendo esse o grande desafio que se faz necessário nessa árdua tarefa de formação das consciências dos sujeitos, promovendo o pensamento e apontando para um novo modelo de fazer educação que sirva a todos com a possibilidade de construir um olhar mais crítico diante da realidade vigente.

Por meio do Ensino Religioso é possível criar experiências educativas que fazem a diferença e possibilitem aos sujeitos a lançar-se como voluntários para uma luta sem tréguas para eliminar os sinais de morte impostos pelos modelos ideológicos com as armas da justiça, do respeito à vida, dos direitos humanos, da independência e liberdade, sem perder de vista a democracia, a ética, a solidariedade, a inclusão social e por fim a esperança de uma nova visão e compreensão do ser e de sua subjetividade.

Ressaltando a necessidade e importância da formação dos(as) professores(as) do Ensino Religioso como disciplina integrante do currículo escolar no Ensino Fundamental das escolas públicas e as diferentes subjetividades que norteiam a ação e relação do ser humano com o mundo marcado pela diversidade e diferentes expressões religiosas dando a devida importância ao modo de ser no mundo.

A realidade humana e todas as suas manifestações que será abordado na seção seguinte a partir dos pressupostos teóricos que norteiam o Ensino Religioso que tem como abordagem a realidade humana e suas dimensões nos modos de ser.

---

<sup>195</sup>BNCC, 2018, p. 14.

<sup>196</sup> ALVES, Vicente Paulo. *A religião e o seu ensino: Práticas de ensino e relação interpessoal com os alunos*. Brasília: Universa, 2004, p. 19.

### 2.3 Realidade humana nos modos de ser sujeito

É a partir da realidade da vida, do comportamento e de uma investigação sobre a sua própria identidade que o ser humano percebe e descobre a si mesmo, conhecimento este, orientador da conduta, saber ético importante na vida do ser humano. O Ensino Religioso como um aprendizado e preparação para a vida traz este compromisso formativo.

O componente curricular do Ensino Religioso deve questionar como é percebida na sociedade atual a subjetividade individual e coletiva. Sendo a subjetividade o espaço íntimo de cada indivíduo e ao mesmo tempo sua relação interna e externa para com o mundo, através da ação do trabalho, pois é através dela que se constrói os espaços relacionais.

A realidade humana é complexa, tornando-se um desafio, e o existir humano é marcado pelas dimensões que perpassam as relações dos seres humanos na sociedade. Três dimensões, física, psíquica e espiritual que norteiam o desenvolvimento da existência humana, que acontecem nas relações do eu, do outro e do mundo, criando sentido e convertendo o mundo em um lugar melhor, como descreve Antonio Meneghetti:

O Eu deve aprender a conjugar essa dupla moral: a moral profunda da vida em si mesmo, para si mesmo defronte da vida e a moral de um indivíduo cívico em relação aos outros, que observam as mesmas leis, os mesmos deveres que ela vive.<sup>197</sup>

Meneghetti leva em consideração a integralidade<sup>198</sup> da pessoa em sua formação. Além desse aspecto e que também faz parte dessa integralidade, o ser humano também foi constituído de moralidade. Ele, o ser, compreende os conceitos e sua aplicabilidade em situações reais, demonstrando que as ações conscientes nascem da construção própria de cada ser, que se percebe como sujeitos em seus processos de vida e de profissão, denominado por Sire de “vida consciente”.

Essa percepção do sujeito em sua integralidade considera e se insere todos os aspectos da vida na compreensão dos fenômenos e ações da vida cotidiana executados de modo consciente. É só pela consciência, categoria da mente presente em cada pessoa, que visa descrever como uma ideia aparece na consciência, em que se realiza a interpretação dos significados do mundo, o sentido dos fenômenos e as ações dos sujeitos. As ideias surgem das

<sup>197</sup> MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia ontopsicológica*. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Universitária, 2014, p. 197.

<sup>198</sup> A integralidade corresponde ao ser em toda sua complexidade, considerando as particularidades de cada um; na filosofia este conceito foi desenvolvido pelo filósofo Morin, onde foca não no problema, mas na solução, para esse autor é preciso: “operar uma reorganização profunda dos princípios que comandam a inteligibilidade.” MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000, 163.

relações. Uma pessoa que observa os fatos, os acontecimentos, a natureza, as conversas, as descobertas e faz relações entre elas produz ideias. Ou seja, a realidade está presente ou se mostra como fenômeno. Portanto, é importante compreender como a consciência se dirige a essa realidade, de como a consciência revisita a história, de como se pode pensar algo hoje e que pode impactar o futuro.

Ao refazer os percursos dessa trajetória, faz-se necessário revisitar as memórias e os espaços, práticas e descobertas que compuseram a história marcada do ser humano pela inspiração, criatividade e sabedoria, isso tudo promovendo resultados de construção de pensamentos e de alargamento da compreensão de uma nova maneira de ver o mundo. “O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”<sup>199</sup>.

O processo reflexivo dos sujeitos em sua integralidade tem diante de si outro desafio, os de um novo mundo em que as percepções mudam assim como as perspectivas são outras e os valores também o são. Nesse processo, essas experiências construídas em vivências e compartilhadas, acabam por refletir naquilo que o ser humano é hoje, mas não estando pronto e acabado, e sim em abertura para o novo, em constante construção, e “incessantemente reconstruído”<sup>200</sup>.

A pessoa hoje vive em um mundo marcado por uma diversidade enorme de propostas e possibilidades de organização social, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Toda essa gama de possibilidades independe do existir humano, porém outra parte só existe em função do próprio ser humano.

O ato de o ser humano se perceber externo ao universo e ao mesmo tempo parte integrante do mesmo, deve-se ao modo da pessoa estabelecer uma relação dialógica que se dá por meio da linguagem e conhecimento que ao longo dos tempos foram se adequando, conectando, interferindo e transformando e humanizando o mundo. Tais conhecimentos se centram nas potencialidades criativas e nas qualidades que fazem da pessoa um ser humano: sua consciência sensível e inteligente, e também consciência no sentido moral, do senso de responsabilidade, sua imaginação e seu poder de simbolização e associação livre, sua permanente busca de significados, sua capacidade de empatia, de amizade e de real amor, sua generosidade, em suma, sua vida espiritual.

---

<sup>199</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 25.

<sup>200</sup> VAZ. *Escritos de filosofia II - ética e cultura*. Rio de Janeiro: Loyola, 1995, p. 13.

Hoje, vivendo um tempo de expectativas, de perplexidades, de crises de concepções e de paradigmas, mas que segue sendo um momento novo e rico de possibilidades, mais do que nunca, precisamos entender e compreender o tempo hoje, e é assim, discernindo, refletindo, contextualizando, que o ser humano busca refletir sobre a importância de se perceber diante do mundo que o cerca.

A pessoa na tentativa de olhar para o mundo levanta questionamentos sobre sua identidade, sua origem e procedência. Ela inquirir assim: Quem sou eu? O que me define? De onde vim? Para onde vou? Quem é Deus? O que dá sentido à vida? Todas essas questões são uma busca de construir e desconstruir a forma de interpretar o mundo e todas as áreas da vida, pois não se pode evitar algumas respostas para tais questões. O ato de questionar é próprio do ser humano e envolve sua relação com o mundo na tentativa de compreender a vida. Não se pode condenar ou subtrair da vida humana tais perguntas.

A ecologia profunda faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas. Ela questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.<sup>201</sup>

A pergunta é um ato educativo, por este motivo o ser humano ao pensar sobre o mundo e tudo aquilo que existe à sua volta, na busca de compreender a realidade, torna-se imprescindível que se tenha presente a sua própria história e o seu percurso ao longo dos tempos na formação dos diferentes saberes.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz.<sup>202</sup>

Freire entende que o ser humano é um ser em processo e por isso traz a ideia de humanização do ser humano como base de seu projeto de educação libertadora. Portanto, não teria sentido se os(as) educandos(as) se limitarem a receber repasses de informações e aprenderem a reproduzir conhecimentos estáticos e acabados, assim como aprendem concepções e verdades absolutas que engessam o processo de ação e reflexão diante do mundo e sua própria existência.

<sup>201</sup> CAPRA, 2006, p. 26.

<sup>202</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 137.

De nada adiantaria se a educação não fosse para tirar o ser da condição em que se encontra para transportá-lo para outra realidade, que valorize as relações, as emoções e as particularidades de cada ser. Diante da necessidade de perguntar, e dessa boa parte da problemática do ensino, é preciso considerar a formação do(a) educador(a) que atuará diretamente com o(a) educando(a) que neste âmbito da pesquisa estará direcionada ao professor(a) do Ensino Religioso, pois assim confirma Junqueira:

A formação dos docentes para o Ensino Religioso assumiu os mesmos passos e o trâmites previstos em legislação para a formação de profissionais das demais áreas de conhecimento, assegurando aos seus egressos os direitos concernentes aos profissionais da educação e disponibilizando a sociedade brasileira uma formação para a cidadania que integra o estudo do fenômeno religioso na pluralidade cultural, buscando o pleno desenvolvimento de seus educandos.<sup>203</sup>

Contudo, muitas vezes o processo formativo é deficiente e, predominantemente, teórico, não conseguindo colocar na prática o que se conheceu e estudou isso de fato pode ser um empecilho ao processo de ensino e aprendizagem. Rever essa perspectiva de ensinar estritamente conteudista, para um ensino notadamente crítico e metodologicamente articulado é um desafio.

Por meio de uma nova visão de aprendizagem tem a possibilidade de se desenvolver nas crianças e jovens diferentes saberes. Mas como fazer isso? Por meio de uma prática pautada na vivência social, cultural e política, contribuindo para o exercício crítico, criativo e criterioso de uma consciência cidadã.

Uma consciência dada pela importância hoje ao conhecimento, em todos os setores da vida humana, afirma que vivemos na era do conhecimento, na sociedade do conhecimento, sobretudo em consequência da informatização e do processo tecnológico em que a realidade se insere. O conhecimento está na capacidade criadora e inovadora do ser humano e de fato, já ingressou-se na era do conhecimento, filosoficamente falando e mesmo admitindo que grande parte da população esteja excluída e nestes últimos anos com a pandemia isso se descortinou em um processo acelerado. Porém o que se percebe é que predomina a difusão de dados de informações e não de conhecimento.

Diante dessas mudanças a sociedade tem um novo jeito de se organizar e muitos questionamentos despertaram interesses na compreensão do papel da escola e do ensino na sociedade atual. Alguns questionamentos se fazem necessário, qual a importância da transversalidade no entendimento do mundo e o componente curricular Ensino Religioso, qual

---

<sup>203</sup> JUNQUEIRA. Formação do professor de Ensino Religioso: Um processo em construção no contexto brasileiro. *REVER, Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, jun. 2010, p. 62-84, p. 69.



a tarefa e responsabilidade na formação dos sujeitos, levando em consideração a diversidade de expressões e de fé, que conteúdos são mais importantes e significativos para que os(as) educando(as) possam se tornar éticos e ter postura e consciência de si e de seu mundo?

Na sociedade hoje, a escola deveria ser a “bússola” para a navegação por esse mar de conhecimentos, superando a visão utilitarista de somente oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deveria sim, oferecer uma informação mais integradora e emancipatória.

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.<sup>204</sup>

É possível perceber na citação que o(a) professor(a) deve se posicionar de maneira diferente, nunca neutra, assim sendo, existem possibilidades de mudanças no processo de ensinar pois exige também saber escutar, como Freire também diz: “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições, precise de falar a ele”<sup>205</sup>.

Frente aos processos pedagógicos que envolvem a socialização, saberes tácitos, práticas, trocas simbólicas, poderes, desejos, sentimentos e, claro, mínimas condições materiais, estão os relacionamentos, são eles que apontam para as diferenças entre as visões de mundo. Constata-se, muitas vezes, que o como e quem ensinam, nem sempre é considerado no processo de transmissão e construção de novos saberes, e isso pode ser considerado um fator complicador de desenvolvimento e crescimento do ser humano, que acaba reduzido a uma única forma de ler e interpretar a realidade destituída de significado.

O significado gira em torno do referente e esse pode ser estudado no plano teológico, pedagógico e filosófico, principalmente, quando o seu objeto está direcionado ao ato de compreender uma cosmovisão. A cosmovisão é um campo que abrange as esferas teórico-práticas da vida, pois ao mesmo tempo em que ela apresenta dados lógicos, ela os significa e apresenta um processo de sistematização que pautará a leitura da realidade.

A existência humana não pode ser compreendida fora do contexto dessas manifestações dos valores que fazem parte da realidade humana. Ao mesmo tempo em que os homens e mulheres tomam conhecimento da existência e da diversidade do mundo e nessa relação entre o sujeito e o mundo que se dá a construção da ética. Ao olhar para o ser humano como um ser

<sup>204</sup> FREIRE, 1996, p. 112.

<sup>205</sup> FREIRE, 1996, p. 113.

de ação e relação e que está inserido em um mundo marcado pela diversidade, precisa remeter ao berço da cultura, a Grécia antiga, especialmente nos aspectos e fundamentos éticos na formação dos sujeitos.

A maior parte da herança cultural é constituída por um conjunto de informações que foram acumuladas ao longo dos tempos e que influenciaram a visão de mundo. O ser humano estabelece uma linguagem e um conhecimento através dos quais ele aprende o mundo. Para pensar, uma visão de mundo é necessária tendo como referência a visão holística do homem e mulher, um todo integrado que abrange os aspectos: físico, psíquico e espiritual.

Dentro dessa visão totalitária e mesmo que exista uma possibilidade infinita de existência, o homem e a mulher estão sujeitos às limitações presentes em seu campo simbólico: momento histórico cultural no qual se encontra. A vida cotidiana é recheada de ideias, valores, concepções sobre determinados temas e fatos, e estes orientam as atitudes e comportamentos. A experiência da moralidade é comum a todas as pessoas, em todas as sociedades, contudo, nem todos são capazes de desenvolver a crítica do conteúdo da moral e isto é uma tarefa que cabe à ética.

A ética, numa abordagem de sentido religioso, assim como também a religião, está no centro da vida dos sujeitos e determina, quase sempre, seu comportamento e o enfoque por meio do qual os sujeitos veem o seu mundo.

É por uma religião que o ser humano se define no mundo e para com seus semelhantes. É a religião que empresta um sentido e constitui para seus fiéis uma fonte real de informações. Ela funciona como um modelo para o mundo e, ao mesmo tempo, como modelo do mundo. Ela é, pois, para seus crentes, o modelo de ações e de explicação, porque fornece uma resposta às três ameaças que pesam sobre toda a vida humana: o sofrimento, a ignorância e a injustiça.<sup>206</sup>

Considerando a finalidade fundamental da educação a de transmissão dos saberes e ao mesmo tempo defrontando diante de uma grande diversidade cultural, é preciso levar em consideração a questão do que deve ser ensinado de acordo com a matriz curricular sabendo que o currículo é um conjunto de atividades intencionais que visam à formação humana. Diante do fato relevante que é a vida em sociedade se torna um grande motivo na busca de compreensão de quais saberes que são importantes em um determinado contexto. “O desafio é formar, informando e resgatando num processo de acompanhamento permanente, um educador que tece seu fio para apropriação de sua história, pensamento, teoria e prática”<sup>207</sup>.

<sup>206</sup> MESLIN, Michel. *A experiência humana da divina: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 21.

<sup>207</sup> WEFORT, Madalena Freire. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 9.

É evidente que a abordagem pedagógica do componente curricular Ensino Religioso deve considerar os conhecimentos da área, e levar em consideração a formação ética do(a) aluno(a) mesmo diante de uma ampliação desses conhecimentos, onde diversas culturas, filosofias, cosmovisões e tradições religiosas perpassam em seus planejamentos, é fundamental ressaltar que nenhuma crença deve ser privilegiada, ao mesmo tempo que não se trata de uma área do conhecimento a ser aprendida mediante memorização, e nem uma atividade espiritual que possa viver de forma independente. Tudo isso é relevante para que a relação ensino e aprendizagem com as demais áreas do conhecimento sejam bem alinhadas.

Os(As) defensores(as) e estudiosos(as) do Ensino Religioso mesmo diante das expectativas que se apresentam em relação aos conteúdos argumentam na direção de uma formação integral dos sujeitos, ao mesmo tempo em que se trabalha com as expectativas dos educandos quanto aos conteúdos, já que o Ensino Religioso tem um estoque de temas conceituais relevantes e problemas fundamentais para o exercício formativo dos sujeitos.

Ao trazer presente a formação dos sujeitos como um desafio e temática frente a didática do Ensino Religioso, “Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada”<sup>208</sup>, pois de um lado os temas que prendem natural e demasiadamente a atenção dos(as) educandos(as); e por outro lado, muito facilmente o tratamento desses temas ficam nos lugares do senso comum. É preciso trazer esses conhecimentos dentro das diferentes visões de mundo, pois grande parte dos temas do Ensino Religioso cria no(a) aluno(a) um envolvimento pessoal, afetivo, isso é bom; mas esse tipo de engajamento pessoal pode prejudicar a atenção dele(a) ao processo argumentativo e formativo. Por isso, o papel do(a) professor(a) de Ensino Religioso é ter como critério para a seleção dos conceitos instrumentais a serem examinados que é dado pelo tipo de tema ou problema em discussão e buscar um ponto ideal de envolvimento e estranhamento, ao mesmo tempo.

Dentro de suas especificidades o Ensino Religioso tem um importante compromisso com a formação ética-cidadã valorizando as práticas sociais, morais e o envolvimento das motivações, emoções e das subjetividades na busca de uma formação humana e ética. Os conceitos e instrumentos que se têm como papel facilitador no trabalho do(a) professor(a) de Ensino Religioso.

A escola enquanto projeto político e pedagógico em um ambiente didático, que trouxe para os espaços e diálogos em todas as disciplinas e de modo particular o Ensino Religioso, o

---

<sup>208</sup>BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 2, de 22 de dezembro de 2017, p.19-20. [online].

vocabulário do compromisso com a formação da consciência crítica e de sujeitos éticos. Desse modo, a próxima seção propõe prosseguir na investigação da cosmovisão na perspectiva ética, tão importante quanto as outras dimensões da vida humana.

#### 2.4 Cosmovisão na perspectiva ética

Toda ética é orientada por uma cosmovisão, que forma de modo significativo o despertar para os valores essenciais da vida numa constante reflexão diante dos seus atos.

Na cosmovisão dos gregos antigos acreditava-se ser possível encaminhar cada membro da cidade em direção ao bem maior e que uma vez alcançado, estaria realizando o todo, a *areté*, a virtude, expressão do ideal educativo, um ideal de excelência humana. Nesta perspectiva, a noção de virtude, visa responder à questão de como tornar os homens melhores, como afirma Vaz "excelência ou perfeição resultante no agente da posse do bem ou bens que nele realizam melhor sua capacidade de ser bom"<sup>209</sup>.

Dentro desse conjunto ordenado de valores e ideal educativo está a cosmovisão como totalidade da forma de ver o mundo, ou a percepção de mundo de maneira única e particular. A cosmovisão influencia profundamente o modo de as pessoas verem o mundo e viverem as suas vidas.<sup>210</sup> O entendimento da cosmovisão ultrapassa o campo racional e se presentifica na prática. "Cosmovisão são pressuposições e estruturas cognitivas, afetivas e avaliativas fundamentais que um grupo adota em relação à natureza da realidade e que utiliza para organizar sua vida"<sup>211</sup>.

Para muitos pensadores, as cosmovisões são uma resposta para o problema existencial e epistemológico do mundo e que permite conceber uma resposta para as questões existenciais. Um mundo onde reina a harmonia, não é um mundo caótico, é ordenado.

Defende-se que o ser humano chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto, quanto mais ele refletir sobre a realidade e sobre a sua própria situação concreta, isso porque, sua atuação torna-se progressiva e gradualmente consciente por estar comprometido em intervir na realidade para mudá-la.

Para olhar e compreender a vida, é que se fala da transcendência dela mesma e, em muitas ocasiões e nas mais diferentes situações da vida o ser humano encontra-se diante do transcendente como sendo o mais, o maior, que faz superar até os sem sentidos da vida e toda

<sup>209</sup> VAZ, 2006, p. 119.

<sup>210</sup> HIEBERT, 2016, p. 23.

<sup>211</sup> HIEBERT, 2016, p. 31.

e qualquer ideia que tenha ou imagina. Há uma constante manifestação do ser. É necessário, no entanto, o enfrentamento e o desafio da sedução de seu mistério. O ser humano se potencializa e se harmoniza no encontro de si mesmo e no encontro com o outro, sendo consciente dessa presença e deste estar no mundo, com um olhar para o humano como um ser integral e em constante processo formativo.

É preciso dizer que a cosmovisão traz como pressuposto reflexões teórico-práticas que se desdobram em um olhar para dentro de si mesmo, alimentado pela fé e direcionando cada sujeito a defender os padrões que são basilares no seu sistema de crenças. A leitura da cosmovisão traz alternativa e uma reflexão sobre sua aplicabilidade para os contextos da vida em tempos atuais.

No interior de uma cosmovisão, ainda é possível perceber a dimensão da integralidade do ser humano, ou ter uma noção fragmentada e compartimentalizada. E isso com certeza irá interferir na maneira como a formação se desenvolverá. A partir da visão do ser humano no âmbito de uma cosmovisão é possível fragmentá-lo ou considerá-lo como uma pessoa integral. O ser humano é limitado e ele depende de um criador para existir. Dessa limitação compreende-se a necessidade da formação continuada para se alcançar a integralidade da pessoa.

Essa integralidade exige um conjunto de valores significativos que pautem as decisões e ações, ou seja, uma consciência entre discussão e prática, uma dialogicidade<sup>212</sup> que prima por um diálogo autêntico com outras formas de ver o mundo, pois assim descreve Walter O. Kohan: “Pensar juntos requer um conjunto de ações: perguntar, ler, dialogar. Para isso necessitamos esperar, escutar, estar atentos ao que nos rodeia, ao mundo, ao que os outros pensam, ao que nós pensamos”<sup>213</sup>.

Para Dilthey o cerne de qualquer cosmovisão é a própria vida, pois ao olhar para a vida, nota a grandeza e multiplicidade de visões de mundo.

A análise de Dilthey finca-se nos pressupostos da sua filosofia de vida. É própria da vida manifestar-se e objetivar-se em símbolos, suscitar mundos, pois todo o dentro busca expressão não fora. Eis porque ela surge como a raiz última da multividência (*Weltanschauung*).<sup>214</sup>

<sup>212</sup> A teoria dialógica é um termo abordado na pedagogia de Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, onde sinaliza o poder da palavra na sua efetivação diante dos perigos de muitos discursos que descaracterizam a atuação transformadora da educação. “A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.” FREIRE, 2002, p. 60.

<sup>213</sup> KOHAN, Walter O. ¿Para qué hacer filosofía con niñas y niños en América? *Iberoamericana*, v. XXXV, n. 2, jul./dez. 2013, p. 6.

<sup>214</sup> DILTHEY, 2008, p. 1.

O ser humano experimenta e vivencia o mundo, observando, escutando, tateando e provando o que encontra em seu caminho. O sentido que cada um atribui a suas experiências é singular, pessoal e intransferível, e estar abertos a ouvir a experiência do outro pode ajudar a escolher como viver. Valorizar as experiências pessoais é um processo que deve coexistir com a valorização das experiências nas relações humanas.

O convívio e as trocas de experiências que podem, inclusive, dar novos significados e interpretações à memória e aos hábitos, questionando-os, aperfeiçoando-os ou modificando-os, em um processo de formação permanente tendo como contribuição itinerário e dinâmicas para a formação continuada dos(as) educadores(as) do componente curricular Ensino Religioso tendo em vista os valores humanos pautados na ética.

As escolas devem, então, assumir que precisam ensinar valores. A formação continuada dos(as) professores(as) do Ensino Religioso, tema abordado na seção seguinte, é o primeiro passo na direção do processo ensino-aprendizagem que considera a realidade e o cotidiano de cada sujeito.

## 2.5 Cosmvisão e formação continuada dos(as) professores(as) do Ensino Religioso

A pessoa chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto, quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mas se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. O Ensino Religioso fornece os elementos para enxergar como a humanidade se comporta entre o sagrado e o profano. Há uma constante manifestação do Ser, por isso é necessário, no entanto, o desafio de compreender as implicações que o sagrado tem na formação da conduta humana.

O ser humano usa a razão para guiar sua vida. O ser humano não é apenas racional, mas está em constante relação com o outro e nessa experiência relacional que também é formadora de novos valores. A condição humana se expressa na constante reflexão que o ser humano faz de sua vida, de suas ações, da sociedade em que está inserido, ou seja, de sua cultura e de sua ética.

A própria capacidade de afetar-se diante do outro e do entorno é construída e reelaborada culturalmente. Ao mesmo tempo em que os seres humanos imersos num ambiente cultural, dela se apropriam, não apenas se enriquece com o que nela está dado, pois a própria cultura é reelaborada pela atuação; e em interação produz novas orientações a todo curso do desenvolvimento cultural.



A maneira de ver o mundo e de pensar varia em cada indivíduo de acordo com a cultura. Portanto, é preciso ser consciente dessa presença e deste estar no mundo, com um olhar para o humano como um ser integral em constante processo formativo. Afinal, não é possível permanecer somente no campo teórico, mas partir na construção de uma proposta prática, de um modelo mediador que seja efetivo e que não poderia deixar de marcar sua existência e sua experiência na construção e formação no cotidiano da sociedade atual, assegurando o desenvolvimento integral do ser humano.

A educação através do Ensino Religioso vai interferir na visão de mundo e da realidade dos(as) educandos(as), “são capazes de apresentar sua visão de mundo como uma forma “natural” de entender e operar na sociedade.[...]”, nas palavras de Luís A. Gandin<sup>215</sup>. Ao ter o conhecimento e a compreensão do sentido do ser humano como um ser religioso e que através do estudo das religiões ou da experiência religiosa de diferentes povos e culturas que também apresentam diferentes visões de mundo, possam compreender que a crença em um poder superior resulta em uma mudança de comportamento, uma postura moral, diante da sociedade.

Assim, o estudo da ética como conjunto de regras morais que visam o bem da comunidade, a religião também impõe uma conduta ética, estabelecendo os limites das ações de seus membros. Através do Ensino Religioso os(as) educandos(as) vão perceber a influência que esse componente curricular têm na formação ética do ser humano. Portanto, os princípios, as regras de conduta ou preceitos que são ensinados e vivenciados em cada experiência e manifestação religiosa possuem uma função de mostrar o caminho de uma vida mais justa e feliz para todos.

O Ensino Religioso tem como objetivo a superação de toda forma de preconceito ou discriminação que atrapalham essa vivência justa e feliz para todos. Por isso é necessário cada vez mais ampliar esse olhar e aprofundar as experiências com os(as) educandos(as) no sentido de que eles(as) se tornem protagonistas dessa aprendizagem para que assim possam ser melhores cidadãos(ãs) no reconhecimento do outro e de suas diferenças, nesse sentido o espaço da sala de aula deve ser um espaço democrático e ecumênico onde todos têm o direito a voz e todas as manifestações devem ser acolhidas e respeitadas.

Diante de todas as particularidades que cada expressão religiosa manifesta, é necessário um novo olhar, uma nova visão ou cosmovisão do(a) professor(a) do Ensino Religioso para que mantenha uma mente aberta, para que assim, possam encontrar as similaridades e os

---

<sup>215</sup> GANDIN, Luís Armando. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. In: REGO, Teresa Cristina. *Currículo e política pública educacional*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 23-49. (Coleção Pedagogia Contemporânea), p. 36.

denominadores comuns em todas essas manifestações. Nesse sentido é importante manter sempre o diálogo aberto, tolerante, compreensivo e de respeito com as diferentes expressões da comunidade local e de toda a gente como declara Stephanini: “Em função desta necessidade, o ser humano procura constantemente se relacionar com outras pessoas em busca de comunhão”<sup>216</sup>.

Essa comunhão não será possível sem o investimento a uma nova compreensão da cosmovisão, uma nova maneira de ver a realidade, sem a tomada de consciência e deste ouvir as vozes íntimas estruturantes, capazes de dirigir o rumo da existência não é possível sonhar com uma mudança.

O autoconhecimento também é uma tarefa pedagógica, talvez seja a mais nobre e determinante para que de fato uma mudança aconteça, no ser e em suas relações com o outro e com o mundo, para se construir uma verdadeira comunhão. Essa proposta deveria ser promovida por todo sistema educacional conforme cita Susan Bello:

[...] o sistema educacional deveria estar interessado em expandir o autoconhecimento e o potencial em seus estudantes e atuar como uma ponte, incorporando o aprendizado emocional ao sistema, do primeiro grau até a educação adulta. Precisamos ajudar as pessoas a serem espontâneas e autênticas, ajudá-las a definir seus pensamentos limitadores, suas subpersonalidades, aprender como reconhecer e comunicar seus medos, seus verdadeiros sentimentos e o desejo de seus corações.<sup>217</sup>

A vida adequada para um ser humano é uma vida em que se age não somente conforme o raciocínio, significando as ações proferidas, é preciso distinguir o querer e os deveres que podem ser extraídos do próprio exercício de pensar, mas com todas as potencialidades do ser, desenvolvendo de forma positiva nas escolas, mas para isso é preciso investir na formação de educadores(as).

O sentido que cada um atribui a suas experiências é singular, único, pessoal e intransferível, e sempre abertos a ouvir a experiência do outro, mesmo que a isso se resista, pois sempre se procura simplificar as coisas, é uma tentativa constante na tentativa de mudanças no modo de ver a vida e mundo.

É próprio do ser humano experimentar e vivenciar o mundo, abrir mais a mente, proporcionando uma reflexão diante de si mesmo, do outro e do mundo. Isso faz com que as

<sup>216</sup> STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial?* Um estudo pastoral sobre Pequenos Grupos em Igrejas Batistas do Estado do Espírito Santo. 2016, 326 f. Tese (Doutorado) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, p. 53. [online].

<sup>217</sup> BELLO, Susan. *Pintando sua alma: métodos para desenvolver a personalidade criativa*. Brasília: UnB, 1998, p. 63.

peças questionem, critiquem, não aceitem qualquer coisa só porque alguém acha que se deve aceitar.

É nesse convívio e nas trocas de experiências que podem, inclusive, dar novos significados e interpretações à memória e aos hábitos. Abrir os horizontes, ampliar seus conhecimentos, possibilita inúmeras opções de soluções de problemas, tomando suas decisões mais livres e serenas, aumentando sua capacidade de compreensão no decorrer da vida., pois o poder de reflexão aumenta e seu olhar diante da vida e do mundo ganha consistência, questionando-os, aperfeiçoando-os ou modificando-os, em um processo de formação permanente tendo presente a perspectiva ética como competência transversal.

Pensar a partir de agora no que é possível fazer para a concretude de tantas ideias, fundamentações, e pensar de modo mais profundo e da praticidade dessas ideias, mesmo se tratando de temas tão sério não precisa ser tético ao abordar, mas trazer certa leveza, até porque se trata da pessoa a construir seu próprio itinerário formacional.

Diante disso, o terceiro e último capítulo, como um espaço de ação e interação, de criação e recriação, conduz-nos ao processo da construção de uma proposta formativa por meio do itinerário e dinâmicas, trazendo presente a compreensão conceitual do mundo, elegendo a perspectiva ética com coerência diante da realidade do fazer pedagógico dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso.

### 3 ITINERÁRIO E DINÂMICAS PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS(AS) PROFESSORES(AS) DO COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO

O terceiro e último capítulo traz a tessitura de uma abordagem em construção direcionada à formação continuada dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso, o itinerário pedagógico, recheado de reflexões e dinâmicas na tentativa de compreensão e aprofundamento dos valores humanos, fomentando uma maior dinamicidade no trabalho desenvolvido pelos(as) professores(as) nos espaços de suas escolas, tendo presente toda caminhada formacional e as contribuições traçadas neste projeto.

Ao considerar as contribuições dos saberes cosmovisional, filosófico e religioso para a formação humana, percebe-se uma lacuna na formação ética da docência e, conseqüentemente, ela se reflete no ensino e nas práticas pedagógicas desenvolvidas. Diante disto, é preciso eleger como base a dimensão ética, mas não apenas nos discursos, mas em uma profunda relação com os educandos e que ultrapassa o campo apenas profissional e abarca o todo, cognitivo, emocional, afetivo. É o que propõe Maurice Tardif e Claude Lessard, nessa perspectiva relacional e reflexiva do fazer docente “com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos”<sup>218</sup>.

Neste capítulo discorre-se sobre a construção de uma proposta de formação continuada para os(as) educadores(as) do componente curricular Ensino Religioso trazendo um itinerário formativo, os princípios orientadores que passam pela trajetória crítica, culminância, resignificação e reelaboração da proposta formativa. A seção subsequente postula a necessidade de uma compreensão integral da pessoa, considerando os diferentes níveis como pilares interligados na proposta formativa.

#### 3.1 Níveis da pessoa e o itinerário de reconhecimento da concepção que pauta a vida

A formação é um processo permanente de aprendizagem para crescer no amor, tornando-se cada vez mais humano através do dom de si mesmo aos outros. A formação na perspectiva da cosmovisão ética se baseia em uma rica tradição de reflexão. Seu conteúdo e abordagens são fundamentados em uma visão integral da pessoa humana, baseada na antropologia filosófica.

<sup>218</sup> TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 141.

Na compreensão da pessoa humana é preciso considerar que há uma experiência corporal, uma dimensão física na pessoa. Estas características e suas consequências são conhecidas, bem como as possibilidades e limites decorrentes da idade, da saúde, etc. Ela tem suas leis e sua importância no conjunto da pessoa, a corresponsabilidade, a liberdade pessoal, bem como o sentido transcendente da vida repercute na forma pela qual se trata e valoriza o corpo.

No processo de comunicação usa-se mais o nível psíquico, ou seja, a capacidade de perceber, sentir, compreender, querer, julgar, interagir, criar senso coletivo, esta dimensão humana tem abrangência maior que a física, e se orienta muito pelo significado dos conteúdos envolvidos, sejam eles ideias, valores, pessoas ou relacionamentos. Existe uma conexão entre o sentimento geral e o sentido global da vida, e as formas pelas quais as pessoas usam e vivem a sua dimensão psíquica. Neste nível se situa o processo de liberdade, de escolhas éticas, participação, integração e consciência.

Quando se olha a pessoa a partir do sentido existencial último, entra-se em contato com a dimensão espiritual, que existe e que caracteriza a realidade humana, esta dimensão inclui a busca de um sentido para a vida dentro de uma vivência religiosa, pois faz parte da natureza humana. Tudo, em última análise, tem a ver com o nível espiritual. Como explica Paulo Dullius, em que esta aproximação orienta, direta ou indiretamente, a saúde global da pessoa e dos grupos. Este nível determina a qualidade dos conteúdos dos outros dois níveis, bem como a forma de configuração deles. Por isso, uma intervenção profunda nele tem repercussões mais fortes nos outros dois do que se viesse de um deles.

A dimensão espiritual é uma constituição humana. Existe como constituição, mas precisa se desenvolver dentro da autenticidade de sua existência. Como se refere ao conjunto da vida, concretizá-la pelo cultivo da vida, pelos valores transcendentes, pelas opções existenciais, pelas associações de estado de vida, pelo relacionamento com Deus, pelo sentido geral da vida.<sup>219</sup>

A formação abrange o conjunto e cada um dos diferentes aspectos da pessoa. Enfatiza mais alguns aspectos do que outros, dependendo isto da cosmovisão assumida. A formação considera a pessoa em si mesma e em seus relacionamentos. Tem presente a continuidade, a realidade da não-plenitude, a possibilidade e a necessidade de sempre crescer mais. Tem presente tanto as experiências positivas quanto as negativas.

Diante disso, decorrem alguns conteúdos como a construção da pessoa dentro de uma identidade a partir de certos referenciais duradouros, os valores; a qualidade e a quantidade dos

<sup>219</sup> DULLIUS, Paulo. Nossa vida como irmãos. *RELAL, revista lassalista eletrônica*, 2017, p. 7. [online].

relacionamentos a serem criados, reforçados ou corrigidos; a realidade circundante em suas múltiplas manifestações. Esses conteúdos da formação podem ser expressos como objetivos, como metas ou como programas.

A ideia original de educação se aproxima do conceito de formação, enquanto processo de desenvolvimento da originalidade de cada qual acrescido das experiências acumuladas da cultura, e da realidade atual, em vista de uma presença mais significativa na sociedade do presente e do futuro. A experiência religiosa está mais ligada aos aspectos estruturais da pessoa que aos elementos, externos e passageiros, conforme Antônio G. Mendonça ao escrever em seu artigo citando teses de Benjamin Constant autor da obra *De la Religión*, “o sentimento religioso não é um acidente ou uma circunstância, mas uma lei fundamental da natureza humana. O homem é um animal religioso. Ser religioso é sua essência”<sup>220</sup>.

Sentimento e dimensão essencial na formação do ser humano que se manifesta de forma plural. A BNCC contempla a dimensão religiosa nos processos educativos, pois, além de ser inerente à vida humana e social, deve ser estudada como uma área do conhecimento, que é o Ensino Religioso, de acordo com esta área tal “[...] conhecimento com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar as filosofias seculares de vida” serão estudados a partir de pressupostos ético e científicos, sem privilegiar nenhuma crença.<sup>221</sup>

Os aprofundamentos dessas reflexões devem ter continuidade nas formações de grupos que promovam novas experiências de realização de inventário com referenciais éticos, pressupondo que esses novos grupos para os quais esses referenciais façam sentido. A formação é entendida como uma resposta prática a diferentes situações da vida real.

O sentido do termo “referência”, etimologicamente, vem do verbo latino *referre*, que significa “levar”, “transferir”, “remeter”. Isto pressupõe uma relação entre dois termos, um movimento em determinada direção. Referência evoca a ideia de um ponto de apoio ou de encontro, base, e por extensão uma verdade consensualmente aceita ou uma autoridade coletivamente reconhecida.

Esse processo sempre foi e continua sendo uma fonte de inspiração para todos que assumem viver de modo com a cosmovisão. Tudo começa com uma série de escolhas imperceptíveis que acabam a um envolvimento mais intencional, proporcionando um sentido de unidade, pertença, identidade e crescimento. O contexto pessoal único de cada um deve ser sempre respeitado e reconhecido no processo de formação.

<sup>220</sup> MENDONÇA, Antônio G. Fenomenologia da Experiência Religiosa. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 65-89, 1999, p. 70.

<sup>221</sup> BRASIL, 2018, p. 437.



Discutir e debater as questões da pessoa e todo seu entorno diante da proposta formativa é refletido na seguinte seção, numa trajetória que perpassa pela crítica, culminância e reelaboração em um processo de construção permanente.

### 3.2 Trajetória crítica, culminância, ressignificação e reelaboração da proposta formativa

O ser humano está cada vez mais submetido às mais diversas formas de reducionismos, basta olhar como a sociedade contemporânea se comporta. É grave e lamentável o cativo a que boa parte das pessoas se submetem. A necessidade de compreender a cosmovisão que orienta e influencia a trajetória de vida de cada um é importante o seu conhecimento e tudo aquilo que ela abarca, pois é ela a cosmovisão que fundamenta a prática de vida.

Resgatar. Restaurar. Recuperar. Retornar. Renovar. Ressuscitar. Não é por acaso que cada uma dessas palavras inicia com o prefixo “RE”, que significa o retorno a uma condição original que foi deteriorada, arruinada ou perdida e é preciso redimir-se. É preciso incorporá-las nessa nova visão de ver o mundo. De acordo com Maurício Abdalla, “Atualmente, o grande crime da humanidade é o da exclusão social. Por todos os lados reinam fome crônica, aumento das doenças antes erradicadas, depredação dos recursos limitados da natureza e um ambiente geral de violência, de opressão e de guerra”<sup>222</sup>.

Diante de tudo é possível sonhar com um novo tempo e uma nova perspectiva, pois assim analisa Zilles o “Projeto Ethos Mundial” de Hans Küng:

Com o projeto ethos mundial, cria-se um espaço para o encontro de pessoas de diferentes culturas, religiões e origem étnica, coisa necessária e urgente no mundo globalizado. Por isso o projeto tem sua importância, pois tenta relacionar a força da ética das religiões com uma meta comum para a sobrevivência de todos.<sup>223</sup>

A compreensão do ser humano por trás de sua aprendizagem, assumindo o papel de protagonista e de seu próprio conhecimento, entendendo que todas as suas motivações e a sua cosmovisão servem de base na compreensão do seu processo de conhecimento e superação de todas as barreiras que dificultam sua apropriação.

Traçar uma trajetória na perspectiva ética dentro da cosmovisão tendo em vista a formação integral possibilitando um novo fazer pedagógico garantindo a continuidade da

<sup>222</sup> ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 14.

<sup>223</sup> ZILLES, Urbano. Projeto de uma ética mundial. *Telecomunicação*. Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 223-229, jun. 2007, p. 227-228.

formação como compromisso ético vital para o(a) educador(a) que necessita estabelecer consigo mesmo e com seu entorno.

A formação integral e continuada na perspectiva ética dentro da cosmovisão constitui um processo que implica em uma reflexão permanente. O(A) educador(a) do componente curricular Ensino Religioso enquanto sujeito que transforma e ao mesmo tempo é transformado pela mentalidade e prática.

O ser humano é um ser que deseja permanentemente, por isso muitos dos comportamentos humanos podem ser explicados segundo as necessidades que as pessoas experimentam. As ações e os desejos das pessoas determinam o que é importante e modelam seus comportamentos. Todos(as) foram criados para a comunhão, o ser humano chega à plenitude através do dom de si e da solidariedade com os outros. A cosmovisão possibilita ao ser humano o salto para uma vivência mais plena da vida e uma possibilidade de ser mais.

O ser humano está insatisfeito com a sua situação, desafiado pelo contexto, é necessário empreender na caminhada rumo a um projeto maior. Assim como o mundo está em constante mudança o ser humano em seu conjunto de aptidões e comportamentos também necessita estar em constante formação, pois o processo de formação exige uma mudança de mentalidade e novos conhecimentos, habilidades, atitudes, esse tripé que se traduz nos níveis saber, fazer e ser, proposta que deve ser permeada pela excelência dos três níveis.

Esses três pilares são necessários no exercício da vida no ser, no fazer e no pensar eticamente com excelência em cada ser, como jovem, educando(a), educador(a), profissional, pais e como ser humano que é, ao desenvolver suas habilidades promovem a vida. Para tanto, todos(as) são convidados(as) a se dispor refletindo sobre si mesmos em um processo dinamizador que favoreça o diálogo e o conhecimento de si, é o que se almeja na próxima seção.

### 3.3 Reflexões e dinâmicas como proposta formativa

A formação pessoal é o processo de reflexão sobre as experiências que convidam e desafiam a continuar a caminhada para o desenvolvimento humano integral. O trabalho de formação pressupõe uma compreensão do que significa ser pessoa, a formação não deve ser reduzida à aquisição de conhecimentos e competências, por mais importantes que sejam. No seu nível mais profundo, trata-se de moldar o caráter e o sentido do objetivo, de descobrir o que tem valor último e de procurar viver uma vida consistente e coerente.

O acompanhamento implica percorrer o caminho juntos, compartilhando a sabedoria e as percepções aprendidas ao longo do itinerário formativo, onde cada educador(a) discerne e

depois as conduz para fora, ao mundo exterior, da prática pedagógica que necessita desse carisma e missão.

Embora complexa, culturalmente consciente e sensível, a planificação da formação não é uma tarefa impossível. O desenvolvimento contínuo de uma formação de elevada qualidade e orientada pela experiência, incentivando a reflexão e o debate sobre o contexto cultural específico em que a formação acontece.

A formação tem uma dimensão comunitária, sendo que a vida em comunidade é um processo de formação nos caminhos do amor, as pessoas se tornam plenamente humanas quando se esforçam para cumprir suas funções e responsabilidades na comunidade, quando encontram a aceitação ou lutam contra a rejeição, quando encontram a afirmação ou lidam com a traição, quando se esforçam para perdoar e buscar o perdão, quando estendem a mão aos outros em solidariedade e serviço.

A formação ajuda as pessoas a crescer em liberdade, ajudando-as a desenvolver o seu caráter, a sua espiritualidade e a sua capacidade de discernimento. Na cosmovisão a formação em liberdade implica o cultivo das virtudes. As virtudes se desenvolvem no contexto de relações que desafiam as pessoas a viverem de uma forma responsável, justa e amorosa.

Disso tudo, é possível construir um projeto de formação continuada aos professores(as) do Ensino Religioso tendo como objetivo estimular a aplicação de um Ensino Religioso mais humanizador a partir de referenciais científicos tendo em perspectiva um olhar cosmovisional ético com vista a melhorar as ações relacionadas ao processo do ensino e aprendizagem, sensibilizando professores(as), alunos(as) sobre a importância do papel do Ensino Religioso, de acordo com o já citado artigo 33 da LDB/96.

Todas essas ideias construídas devem estar alinhadas com a BNCC, que almeja que professores(as) possam ter condições de ensinar cada vez melhor. Para que assim aconteça estabelece alguns critérios como:

A formação continuada não deve ser um evento único ou isolado. A formação continuada é mais eficaz com materiais alinhados ao referencial curricular ou à BNCC. A formação continuada deve se apoiar nas competências e práticas pedagógicas, deve proporcionar ao professor desenvolver as competências gerais por meio da vivência profissional, deve reconhecer e valorizar as experiências dos professores, ajudando a transformar sua prática, deve ensinar o professor a refletir sobre sua prática, deve identificar os desafios de aprendizagem dos professores para priorizar o que será trabalhado, deve estabelecer um ciclo permanente de diagnóstico, ação e monitoramento e avaliação.<sup>224</sup>

<sup>224</sup> Movimento Pela Base. *Critério da Formação Continuada* dos referenciais curriculares alinhados à BNCC. [s. d.] p. 5-15. [online].

Ampliar estes critérios fazendo ecoar nos mais remotos grupos de educadores(as) para que de fato possa se estabelecer uma formação do(a) professor(a) com base na arte do ensino de forma contínua e que ao mesmo tempo suscite o interesse, a curiosidade e a autonomia deste aprendiz, tornando-o(a) cada vez mais protagonista, facilitador(a), mediador(a) do processo de construção do conhecimento visando a contribuição de uma sociedade reflexiva, crítica e pensante.

A propositiva da próxima seção traz o itinerário formativo e os princípios tendo presente a cosmovisão ética, explicitados em diferentes passos com questões abrangentes em torno da pessoa sistematizando seu processo de possibilidades no conhecimento de si mesmos.

### 3.4 Itinerário formativo e princípios orientadores à luz da perspectiva ética

A formação implica modelos de pensamento, teorias, valores, sentimentos, expectativas, que constituem a linguagem de cada época. Todos, nas suas histórias e contextos pessoais únicos, estão empenhados num processo formativo ao decorrer da vida. As experiências e os encontros ajudam a dar sentido à existência e ao ministério, e facilitam o desenvolvimento humano contínuo nos diversos campos da existência, como o físico, afetivo, cognitivo, social e religioso. Conforme Domingues, o desenvolvimento humano é um caminhar contínuo que:

Influencia a formação humana e a qual a perspectiva ética assumida neste processo educativo, uma vez que a proposta educacional não apenas delinea os rumos do processo ensino e aprendizagem, mas elenca princípios e objetivos a serem perseguidos em prol da finalidade eleita.<sup>225</sup>

Essas experiências e encontros formativos desenrolam-se de forma dinâmica, em resposta às realidades internas e externas de cada pessoa. O autoconhecimento e a aceitação pessoal são elementos cada vez mais significativos num itinerário formativo. Embora o percurso de cada pessoa seja único, a experiência humana partilhada tem demonstrado que certas trajetórias são comuns a muitas pessoas. Cada um empreende uma itinerância pessoal, ao mesmo tempo em que se junta a outros, num caminho semelhante em direção ao destino comum. O que impacta de forma duradoura num itinerário são aqueles pontos de vista ao longo do caminho e que convidam o caminhante a parar, contemplar e deixar-se transformar por aquilo que vê e vive. Haja vista que também há os que se consideram autossuficientes e perfeitos, dispensando qualquer processo formativo.

<sup>225</sup> DOMINGUES. A proposta da cosmovisão cristã, a formação humana e a ética no processo formativo. *Revista Eletrônica do Curso de Teologia*, Curitiba, n. 4, out. 2014, p. 3. [online].

A educação na perspectiva da cosmovisão ética está preocupada com uma formação integral de todos(as). A abordagem de valores é fundamental para a consolidação de uma moral colaborativa e solidária, influenciando em todos os aspectos da vida humana. Nessa perspectiva, a educação como um direito e serviço essencial deve promover a formação como um processo humanizador contínuo e de inserção na realidade do mundo, contribuindo na formação cidadã, promovendo a transformação social e a melhoria da qualidade de vida de homens e mulheres.

Essa proposta e visão de educação deve estar inserida, conforme Aloísio Lorscheider: “Essa inserção nas realidades do mundo caracteriza a novidade do seu agir”.<sup>226</sup> A educação como ferramenta que ao desenvolver um saber e um agir traz avanços significativos na construção de uma nova visão de mundo mais humano e fraterno.

Agir a favor de si e de um mundo fraterno construindo uma trajetória formativa que se realiza num diálogo constante entre o percurso pessoal, com suas características únicas, e o itinerário proposto no projeto formacional na perspectiva da cosmovisão ética. A comunidade local é o contexto no qual esse diálogo se realiza e, é também a garantia de que o itinerário proposto se concretize. Esse processo requer um esforço pessoal, é preciso também iniciar essa caminhada de crescimento para a vida pautada em um plano formativo. Para esse processo segue a proposta de itinerário formativo com os principais pontos que cada pessoa deve ter atenção para consigo mesmo e para com o outro em um processo dialógico e dinâmico.

A seguir os componentes-chaves como parte de um programa de formação integral que estão inter-relacionados e oferecem às pessoas envolvidas na formação uma maneira rica de entender e crescer na sua experiência de itinerário formativo, que pode se dar através de um acolhimento e acompanhamento mediado pelo roteiro que conduzam à reflexão pessoal para uma progressão interna dos sujeitos envolvidos nesse processo de itinerário formativo.

Educadores e educadoras do componente curricular Ensino Religioso, este instrumento muito auxiliará na assimilação dos princípios que norteiam o vosso trabalho, como amadurecimento da espiritualidade e a cosmovisão pedagógica assumida na perspectiva ética por meio da vivência e de suas práticas pedagógicas.

Este instrumento não está fechado em si mesmo, mas está aberto como alternativa de um esforço a superar a escassez na formação continuada dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso, na construção do processo e solidificação da atuação conjunta e partilhada de toda a comunidade educativa, que no diálogo, na pesquisa e na criticidade, como aponta Freire, “na formação continuada permanente dos(as) professores(as), o momento fundamental é o da

---

<sup>226</sup> LORSCHIEDER, Aloísio. Apresentação. In GONÇALVES, Paulo. S. L.; BOMBONATTO, Vera. I. (org.). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, [n. p].

reflexão crítica sobre a prática”<sup>227</sup>, essa dialogicidade e criticidade deve ser de toda a comunidade educativa comprometida com o projeto de formação continuada.

A expectativa quanto a esse instrumento formativo é que se torne um subsídio a mais na formação e engajamento, seja conhecido por todos os educadores e educadoras do componente curricular Ensino Religioso. A importância da formação continuada e sua relação com o trabalho docente, trazendo presente as situações problemas, dificuldades do fazer pedagógico dos(as) professores(as) do Ensino Religioso.

Frente a isso está a importância do(a) professor(a) do Ensino Religioso adquirir conhecimentos formadores, pois é no dia a dia da prática pedagógica que muitas situações conflitantes se apresentam, por isso é imprescindível que os(as) educadores(as) estejam motivados e preparados na sua função de mediador, ao mesmo tempo que eles(as) se tornem um referencial no processo humanizador da educação. A formação continuada é um ato que requer planejamento, tempo, organização, disponibilidade e entrega na construção do itinerário rumo ao crescimento pessoal e profissional.

Os quadros formativos estão desenhados com a intenção de garantir uma melhor sistematização e compreensão dos espaços formativos que poderão acontecer em diferentes frentes de possibilidades de diálogo, reflexões, orientações, partilhas de experiências e saberes, planejamentos e construções de itinerários docentes.

Quadro 1: Passo de imersão<sup>228</sup>

<p><b>PROCESSO DE INSERÇÃO</b> - desapegar-se</p> <p>O empenho, a renúncia de si mesma e atos éticos cheios de propósito são o caminho para o progresso de uma nova cosmovisão de mundo.</p> <p>Ver com os olhos da cosmovisão ética. A vida ganha sentido quando se abandona um olhar superficial. Viver de forma relevante é assumir dia após dia um olhar de mundo renovado.</p> <p>A atuação dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso significa muito mais que um contrato formal de trabalho, mas expressa a sua inserção na comunidade educativa, de forma ampla e profunda, de vivência, engajamento e comprometimento em um projeto de valores que se expressam no dia a dia de cada um(a).</p>
---

A BNCC é um bom documento de imersão, pois tem seu programa bem definido para integração dos conteúdos e sua efetivação. “[...] para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental”<sup>229</sup>.

<sup>227</sup> FREIRE, 2002, p. 39.

<sup>228</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador. Adaptado de TARDIF, 2014, p. 68-69.

<sup>229</sup> BRASIL, 2018, p. 8.



Os campos de experiências reconhecem que a imersão dos aprendentes em práticas sociais e culturais criativas e interativas promove aprendizagens significativas.

A partir deste quadro objetiva-se apresentar um espaço essencial de autorreflexão, este é o momento de conectar consigo mesmo, olhar para si e entender sobre si. Uma imersão onde possa experimentar processos de vivências em uma inserção na sua realidade, tendo um olhar na perspectiva da cosmovisão ética, para uma convivência saudável com o universo, consigo mesmo e com o próximo.

Quadro 2: Passo de pertencimento<sup>230</sup>

SENTIDO DE PERTENÇA do “eu” ao “nós” - De ser um(a) participante a identificar-se com a cosmovisão.  
 A quem você pertence? Escola - Família - Comunidade.  
 Uma comunidade educativa para o desenvolvimento de um caráter renovado para viver na fraternidade e na ética. A identidade institucional que caracteriza a comunidade escolar educativa comprometida, participando de suas funções específicas, de uma proposta pedagógica movida pela cosmovisão ética.  
 Sentir-se feliz em estar nesta comunidade escolar educativa.

A BNCC pode ajudar a escola a se tornar um espaço criativo durante toda a escolaridade. “[...] os alunos expressam percepções simples, mas bem definidas, de sua vida familiar, seus grupos e seus espaços de convivência”<sup>231</sup>.

A empatia, o diálogo e a colaboração são competências fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos. Os(As) professores(as) passam a colaborar e ter atitudes mais empáticas com seus(as) alunos(as), conseguem identificar os interesses e necessidades de cada um(a) e personalizam os processos de aprendizagem para que faça mais sentido para os(as) alunos(as), sem deixar nenhum deles(as) para trás.

Conforme Rafael O. Teixeira, em sua pesquisa Sentimento de pertença à escola, “[...] a necessidade de uma maior ligação da escola com o exterior, surgindo também como uma inovação nas formas de relacionamento”<sup>232</sup>.

Neste quadro trabalha-se com a sensibilização ao tema evidenciado a importância de pertencimento como instrumento de crescimento pessoal e ao mesmo tempo coletivo, aprimorando as suas relações como ligação psicológica entre todos(as) que desfrutam de uma mesma realidade na partilha das experiências e vivências éticas.

<sup>230</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador. Adaptado de TEIXEIRA, Rafael Oliveira. *Sentimento de pertença à escola, sentimento psicológico de comunidade e expectativas educacionais*. Lisboa: ISPA, 2019, p. 14; 33. [online].

<sup>231</sup> BRASIL, 2018, p. 354.

<sup>232</sup> TEIXEIRA, 2019, p. 14.

Quadro 3: Passo de compromisso<sup>233</sup>**COMPROMISSO DA PROFISSÃO À VOCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO CARÁTER.**

De um compromisso profissional à descoberta do projeto pessoal de vida na árdua missão educativa. O(A) educador(a) do Ensino Religioso tem o compromisso de crescimento em liberdade e dignidade, de uma formação movida pela transcendência e pela atenção à pobreza, não só na sua dimensão material, mas nas dimensões espiritual e existencial.

A BNCC propõe mais do que uma mudança no que se ensina, mas principalmente uma mudança mais profunda em como oportunizar processos de aprendizagem. “É preciso oferecer oportunidade para que eles, de fato, evoluem-se em processos de aprendizagem nos quais possam vivenciar momentos de investigação que lhes possibilitem exercitar e ampliar sua curiosidade, [...]”<sup>234</sup>.

O quadro, aqui, enfatiza a necessidade do compromisso na formação do caráter a partir do projeto pessoal e de um olhar cosmovisional regado pela fé para se olhar para além do simples fazer pedagógico, fazer sim dessa experiência profissional um valor que vai além de si mesmo.

Quadro 4: Passo de engajamento<sup>235</sup>**CORRESPONSABILIDADE E SABEDORIA**

De serem guiados pela comunidade a guiar a comunidade educativa.

Solidariedade e cuidado do mundo através da educação.

Da ética do discurso à ética da responsabilidade.

Da posição de poder ao testemunho do serviço e da autoridade institucional para a autoridade da sabedoria.

O pensar como aperfeiçoamento de um modo de ser e agir é uma das atividades mais antigas e mais profundas da humanidade.

A BNCC indica que a educação básica no Brasil deve estabelecer o desenvolvimento integral dos(as) estudantes, nas suas dimensões física, intelectual, social, emocional e cultural. “está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, [...]”<sup>236</sup>

<sup>233</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador. Adaptado de X ANPED SUL. *O caráter arquetípico da vocação: (re)pensando as nossas escolhas a partir do imaginário e da (auto)formação humana*. José A. Celório e Lúcia M. V. Peres. Florianópolis, 2014, p. 4. [online].

<sup>234</sup> BRASIL, 2018, p. 331.

<sup>235</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador. Adaptado de

AQUINO, José Moacir de. *Educação, emancipação e corresponsabilidade em Karl Otto Apel*. São Paulo: Departamento de Educação, 2017, p. 44. [online].

<sup>236</sup> BRASIL, 2018, p. 7.

O quadro aborda a importância do engajamento e responsabilidade efetivados no trabalho com os valores a fim de que haja espaço de socialização das ideias, compartilhamento de experiências e vivências, encorajamento recíproco e o estabelecimento do diálogo franco, aberto e sensível ao outro.

Os quadros abrangem questões essenciais diante da proposta aqui trabalhada. A cosmovisão ética é a força que aprofunda valores e princípios que superam, resistem e testemunham o amor mútuo e a alegria no fazer pedagógico de tantos educadores(as).

A responsabilidade que se faz necessária em todo itinerário construído no caminhar com o objetivo de consolidação, aprofundamento e ampliação na formação daqueles que seguem na eficácia e coerência com o fazer pedagógico. Na vida há muitas provas, muitas ilusões, mas é preciso cultivar a responsabilidade como garantia da manutenção, resistência, firmeza e possibilidade de um empenho a ser assumido com coragem e perseverança.

### 3.5 Programa formativo - Definição e critérios

Processo de formação integral destinado aos(as) educadores(as) do componente curricular Ensino Religioso, constituindo-se num processo de formação humana e profissional que visa sintonizar os educadores(as) com a cosmovisão de mundo na perspectiva ética, mantendo para todos a reflexão e a partilha da caminhada docente.

A proposta é dialogar com a formação nas escolas, permitindo refletir de modo específico o contexto de cada escola, proporcionando elementos para pensar a estruturação das atividades formativas que serão desenvolvidas na casa do educador, casa de apoio aos professores(as) da rede de ensino do município de São José-SC, em períodos de jornadas pedagógicas e outros encontros formativos ao longo do ano letivo e definidos no calendário escolar.

A totalidade abrangente da cosmovisão deve ser pensada, experienciada e vivida com base nos pressupostos e valores éticos. Nesse sentido, se insere o campo e a dimensão ética da vida na construção de uma nova realidade que perpassa as relações. Portanto, a cosmovisão como integradora desse olhar para a realidade abarca todo o entendimento do mundo e da vida.

Assumir essa visão integradora é querer olhar a realidade de outro ponto de vista, na medida em que se têm as ferramentas necessárias para tomar decisões e fazer escolhas. Por assim dizer, sustenta-se que a cosmovisão ética orienta a vida humana, ela sintetiza o compromisso prático como tarefa de todos que decidem viver de maneira ética na convivência

com o outro e no compromisso com a vida. Frente a isso, percebe-se que a ética e suas bases valorativas e morais fazem parte de toda a dimensão da vida humana.

Ainda é preciso dizer que a cosmovisão ética traz como pressuposto reflexões teórico-práticas que se desdobram os itinerários a seguir em um olhar para dentro de si mesmo e direcionando cada sujeito a defender os padrões que são basilares na sua visão de mundo.

No itinerário reflexivo formativo os passos estão relacionados a situações de vida, a projetos assumidos, ao respeito à situação atual e passada, permitindo que o(a) educador(a) do Ensino Religioso configure e reconfigure sua identidade como pessoa e profissional, dando prosseguimento à sua formação para responder aos novos horizontes e desafios que surgem na vida.

Quadro 5: Itinerário formativo 1<sup>237</sup>

Recordar seu percurso de formação até aqui. Você pode identificar uma experiência de formação que impactou fortemente o seu crescimento pessoal? Que elementos e experiências contribuíram para a sua eficácia? Do mesmo modo, você pode identificar uma experiência de formação que tenha promovido um resultado positivo e eficaz para você? Que elementos ou experiências falharam ou foram malsucedidas? Quais são os maiores desafios para uma formação eficaz no seu contexto particular?

O mundo está mudando mais rapidamente do que nunca, a BNCC prioriza as vivências nas construções da aprendizagem. “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria [de cada disciplina]”.<sup>238</sup>

O crescimento é um processo lento, difícil que exige esforço, coragem e determinação. A prática itinerante traz à tona as potencialidades do(a) aprendente muitas vezes ignoradas ou adormecidas. Refletir sobre o processo de formação é mais que necessário para o fortalecimento e o amadurecimento na formação continuada.

Quadro 6: Itinerário formativo 2<sup>239</sup>

Com os olhos fixos, compreendendo o sentido da vida.  
A pessoa, na sua totalidade e na sua identidade familiar e cultural, é o centro do processo formativo.  
Como você localizaria a sua comunidade escolar dentro de vários contextos culturais? Por quê?  
Como você pode tentar assegurar abertura e apreciação desta diversidade à medida que você desenvolve, implementa e avalia o seu percurso formativo?

<sup>237</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

<sup>238</sup> BRASIL, 2018, p. 9.

<sup>239</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

A BNCC prevê o exercício da empatia, do diálogo e da resolução de conflitos pelo “Agir pessoal e coletivo”<sup>240</sup>. Assim como também: “Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo [...]”<sup>241</sup>.

O sentido de ser pessoa e toda a totalidade da vida, pertencimento a uma cultura, uma comunidade escolar e todas as experiências que marcam a realidade, são os combustíveis que alimentam a trajetória formacional.

Quadro 7: Itinerário formativo 3<sup>242</sup>

As potencialidades humanas de amor, de criação e de transcendência, enquanto características antropológicas, transculturais e transtemporais, que encontram em cada cultura de forma específica, podendo constituir-se tanto em forças progressivas como regressivas das pessoas e de cada cultura.

Que aspectos da sua caminhada formativa o ajudaram a integrar missão com o seu desenvolvimento e crescimento pessoal?

Que intuições emergem quando você examina suas experiências formativas atuais no contexto da formação como um itinerário?

A BNCC traz orientações para a aplicação de um currículo concebido a partir do contexto e da realidade local. “Esse processo de reflexão sobre o que cada jovem quer ser no futuro, e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social”<sup>243</sup>.

É preciso acordar para que aflorem suas potencialidades, colocando-se a caminho, abandonando a velha percepção e assumindo um novo olhar, uma nova percepção de mundo, porque essa nova percepção posiciona o ser humano em uma nova rota itinerante.

Quadro 8: Itinerário formativo 4<sup>244</sup>

Que ponto básico do itinerário formativo você pode reconhecer em sua própria trajetória formativa?

Que programa de formação podem ajudar você a cruzar os pontos indicados?

Quem ou o que tem sido mais útil para o seu crescimento nos componentes-chave descritos acima?

O que pode ajudar outros integrantes a crescer em cada um dos componentes-chave?

A BNCC articula os campos de experiências como novos direitos essenciais para a aprendizagem dos(as) estudantes, “ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz

<sup>240</sup> BRASIL, 2018, p. 10.

<sup>241</sup> BRASIL, 2018, p. 10.

<sup>242</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

<sup>243</sup> BRASIL, 2018, p. 62.

<sup>244</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo [...]”<sup>245</sup>

Sistematizar a reflexão proporcionando um maior aprofundamento, entendendo e refletindo sobre as características que perpassam todos os aspectos da vida, constituindo-se em força motivacional, no compartilhamento com o outro(a), na certeza de estar e seguir junto na trajetória formativa.

Quadro 9: Itinerário formativo 5<sup>246</sup>

Quais as implicações para a formação a partir do ponto de vista de que nos tornamos mais humanos através de um dom livre no amor?  
 Como é que a formação para relações saudáveis pode contribuir para programas de formação integral?  
 Como construir um novo modo de ser humano?  
 Como oferecer referenciais e paradigmas que efetivamente possibilitem o fluir da vida para todos(as)?

A BNCC é um processo de construção coletiva que envolve o campo curricular, é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da educação básica. “[...] para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a [instituição e a família] são essenciais”<sup>247</sup>.

Refletir sobre as implicações, afetamentos e turbulências que podem tirar do prumo da caminhada, retornando em si e de suas qualidades, de suas relações e de um modo novo de ser tendo presente a visão ética da vida e do mundo.

O crescimento, esse processo exigem decisão, ousadia, coragem e persistência. A trajetória itinerante desenvolve aspectos de organização da comunidade escolar, do fazer pedagógico considerando a formação humana e as potencialidades do educador(a) do Ensino Religioso ressignificando a percepção de mundo e posicionando o ser humano em uma nova rota.

“Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações”<sup>248</sup>. A partir destes quadros, é possível estabelecer uma proposta formativa a ser desenvolvido no âmbito das escolas da rede municipal de ensino de São José-SC, reconhecendo que o trabalho educativo envolve toda comunidade escolar, “com o objetivo

<sup>245</sup> BRASIL, 2018, p. 36.

<sup>246</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

<sup>247</sup> BRASIL, 2018, p. 37.

<sup>248</sup> BRASIL, 2018, p. 61.




de consolidar, aprofundar e ampliar a formação [...] em consonância com os princípios da justiça, da ética e da ciência”.<sup>249</sup>

Consistindo no uso de estratégias pautadas no respeito, seriedade, comprometimento, planejamento e responsabilidade com a ação pedagógica a ser efetivada, a habilidade (EF69LP44) consiste em: “Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo. [...]”<sup>250</sup>. Isso possibilitará que cada educador(a) compreenda o seu papel diante da realidade e que atitudes precisa desenvolver para que possa viver relacionamentos saudáveis e significativos.

### 3.6 Quadro descritivo de valores e ações como proposta metodológica e formativa

Figura 1: Valor do respeito<sup>251</sup>

1. Valor a ser trabalhado: Respeito



2. Objetivo do roteiro: Criar um ambiente de escuta respeitosa e de segurança para que os(as) participantes se sintam confortáveis para se expressarem e perceberem que o tema proposto contribui para o desenvolvimento pessoal, profissional e comunitário.

3. Dinâmica de sensibilização: O respeito deve ser cultivado desde a infância para que se enraíze como um bem cultural da humanidade.

4. Conteúdo reflexivo: Socializando e respeitando as diferenças. Com o respeito se transmite afeto, amor e união. Respeitar é um ato de obediência e faz bem para o coração.

5. Estratégia metodológica: Fomentar entre os(as) participantes um contexto em que todos se sintam seguros e confiantes para expressarem as suas percepções sobre a ideia do cuidado. Recomenda-se trabalhar a exploração inicial dessa palavra por meio de pesquisa de seu significado. É importante estimular desde o início as relações de respeito entre todos. Lembrar de que o respeito também implica empatia.

6. Produção e criatividade: Igual ou diferente. Jogo das semelhanças e diferenças. Você se considera bom em que? Socializando.

7. Avaliação: Respeito, cuidado e zelo com o outro. Observar os combinados, as ações do dia a dia, convivência entre colegas de trabalho e compromissos assumidos

<sup>249</sup> BRASIL, 2018, p. 471.

<sup>250</sup> BRASIL, 2018, p. 157.

<sup>251</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

Vetor para download gratuito. *Ilustração de aperto de mão*, PNG. [online].

8. Aprendizagens efetivadas: O respeito e a abertura de espírito de uns para com os outros é o ponto fundamental para o novo mundo que se almeja. Todos(as) hoje são convidados a respeitar as opiniões contrárias, pois as diferenças são criativas, criam tensão, e na resolução de uma tensão cria-se o progresso das pessoas e do mundo.

9. Autoavaliação: Que atitudes de respeito e de valorização do pensamento diverso devem ter início nas relações familiares, na vida comunitária, para depois expandir-se pela convivência na grande comunidade humana?

A convivência e o respeito à diversidade como dimensão fundamental para criar uma comunidade escolar acolhedora. A BNCC não é só o alicerce para o futuro do(a) estudante, mas um elemento essencial para os seres humanos e cidadãos. “A BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza”<sup>252</sup>.

Este é um valor que fundamenta a vida em sociedade. O respeito acontece em diferentes níveis de relações, permitindo que a pessoa possa reconhecer e valorizar as qualidades e potencialidades do outro.

Figura 2: Valor do cuidado<sup>253</sup>

1. Valor a ser trabalhado: Cuidado



2. Objetivo do roteiro: Reconhecer o valor do(a) outro(a) e transformar a condição ambiental, física, moral e espiritual em que está inserido, mantendo o cuidado de si e dos outros.

<sup>252</sup> BRASIL. 2017, p. 219.

<sup>253</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

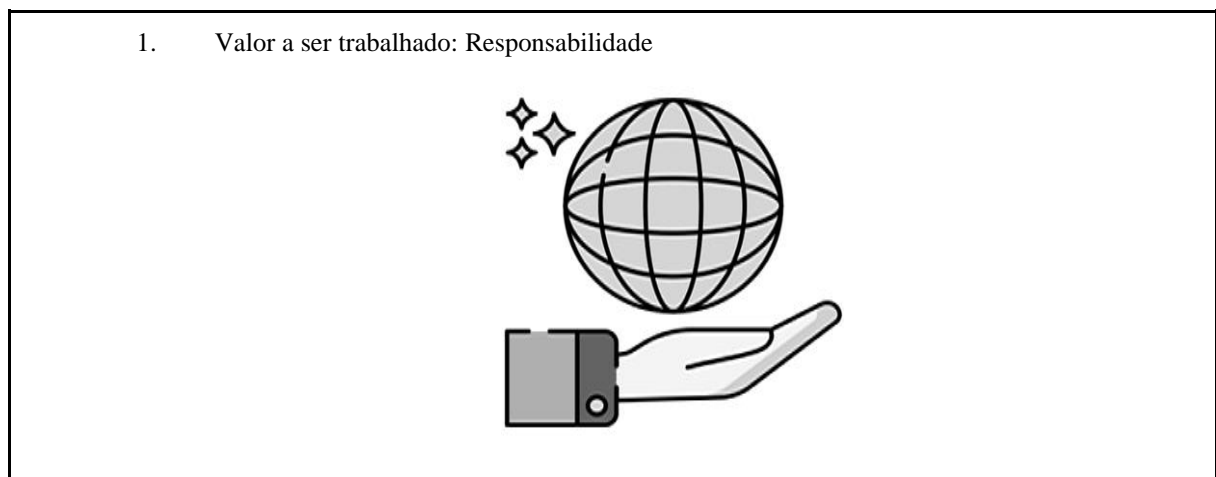
Vetor no Vecteezy 3353045. *Silhueta de mão recebendo com o planeta Terra*. [online].

3. Dinâmica de sensibilização: O ser humano é o bem mais precioso que necessita ser cuidado, protegido, defendido, preservado. A vida espiritual consiste e supõe uma atenção às pessoas e aos acontecimentos de cada dia que vão revelando o sagrado presente na existência, é a arte da relação consigo mesmo e com tudo que o cerca.
4. Conteúdo reflexivo: A vida se mede pelo grau de consciência, espiritualidade e pelo trabalho que consiste em mantermos vigilantes como “lâmpadas acesas”.
5. Estratégia metodológica: Em dupla, caminhe pelo espaço escolar com outra pessoa, sendo que um dos dois estará com os olhos vendados. Um será o condutor. Caminhando dentro e fora do espaço da sala durante 10 minutos. Ao retornar para o local, repita a caminhada trocando de função: quem era o condutor passa a ser conduzido. Após todos(as) realizarem a caminhada e a experiência, momento para partilha dos sentimentos vivenciados na experiência.
6. Produção e criatividade: Conversar e expressar como faz para ter o cuidado: dos seus olhos; dos seus ouvidos; da sua boca; das suas mãos; dos seus pés; do seu coração.
7. Avaliação: Fazer um concurso com a frase mais interessante. Ver um brinde significativo para ser dado ao(a) vencedor(a).
8. Aprendizagens efetivadas: Criação de pequenos hábitos onde possa melhorar sua saúde física e mental: cuidando de si mesmo, cuidando do seu corpo, orando e lendo. Aquele(a) que ama e cuida aprende a ser feliz com muito mais facilidade do que aquele(a) que domina e explora.
9. Autoavaliação: O respeito pela vida humana desde o princípio até seu fim é essencial, é um desafio para a humanidade, em relação ao qual devemos estar muito mobilizados. Em sua vida há espaço para temas como o cuidado da criação e a vida e a dignidade humana? Que todos(as) possam descobrir a importância do autocuidado e do cuidado com os outros, sobretudo dos que sofrem, para que possam ter uma vida melhor.

O cuidado está pautado na necessidade do outro. A BNCC traz os eixos em: “eu”, no “outro” e em “nós”. “A percepção das diferentes alteridades possibilita a distinção entre o “eu” e o “outro”, “nós” e “eles”<sup>254</sup>, além do cuidado com o outro ressalta-se a importância da interação com o outro.

A estratégia do cuidado colocado como valor e princípio, muda a percepção de mundo e recoloca uma postura que agrega a ética em todas as práticas da vida com proteção e admiração possibilitando a melhoria de vida e de mais vida para todos(as).

Figura 3: Valor da responsabilidade<sup>255</sup>



<sup>254</sup> BRASIL. 2018, p. 438.

<sup>255</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022. Digital Marketing. *Responsabilidade Social*. Elemento Digital. [online].

2. Objetivo do roteiro: Buscar uma atitude mística é se deixar desafiar com o novo e o desafiante da formação.
3. Dinâmica de sensibilização: Senso de responsabilidade pelo aprendizado.
4. Conteúdo reflexivo: Em um mundo carente todos(as) são chamados à plenitude da vida.
5. Estratégia metodológica: Providenciar gravuras de jornais, de revistas, manchetes de jornais, de revistas, fotos e músicas apropriadas com o tema. Espalhar pelo chão as gravuras, convidar a todos(as) a caminhar em volta das gravuras. Cada um escolhe uma gravura que tem a ver com a pessoa ou com o tema, sentando-se em círculo, refletindo sobre a gravura. Contemplam a gravura pensando: o que esta gravura ou este símbolo significam, ou questionam a vida?  
 Enquanto isso, escutam músicas sugestivas. Após um tempo de reflexão, dá-se um sinal e todos(as) trocam de gravuras: todos(as) passam a gravura para a pessoa do lado direito e pegam a gravura da pessoa do lado esquerdo.  
 Em seguida, favorecer o tempo de partilha em duplas e, depois, em plenário.
  - a) Qual a gravura que você escolheu e por quê?
  - b) Que outras gravuras ou músicas “mexeram” com você? O que chamou a atenção?
  - c) Que outros aspectos chamaram a atenção nessa dinâmica?
  - d) O que essa dinâmica tem a ver com a sua vida?
  - e) Elaborar outras questões sugestivas para maior aprofundamento.
6. Produção e criatividade: Adquirir o hábito de ler. Um bom livro é um manancial perene de alegria, de rejuvenescimento e tranquilidade interior, posto de abastecimento psicológico, espiritual, sabedoria, graça e privilégio especial.
7. Avaliação: Compartilhar de forma oral suas leituras. Para quem não tem contato com a leitura é o momento de buscar essa aproximação.
8. Aprendizagens efetivadas: Favorecer uma partilha no grande grupo, motivar um momento em conjunto, em seguida devolver as gravuras ao centro da sala.
9. Autoavaliação: Ser cada vez mais humano é quando se responde ao compromisso com responsabilidade, sendo expressão de seu amor que habita no mundo.

Todas as aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC devem contribuir para o desenvolvimento de dez competências gerais que se referem a todas as etapas da educação básica. A escolha dos conteúdos no momento do planejamento é de grande responsabilidade do(a) educador(a), mas antes devem passar pelos:


sistemas e redes de ensino, assim como às escolas [...] incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora.<sup>256</sup>

Responsabilidade é cuidar, é o compromisso e a garantia do cumprimento de todas as obrigações e responsabilidades legitimando os atos individuais, contribuindo para o desenvolvimento pessoal no engajamento pessoal e coletivo na comunidade escolar.

<sup>256</sup> BRASIL, 2017, p. 19.

Figura 4: Valor da liberdade<sup>257</sup>

1. Valor a ser trabalhado: Liberdade



2. Objetivo do roteiro: Refletir o valor da liberdade presente na sociedade, questionando se realmente o ser humano é livre e como pode exercer a sua liberdade.

3. Dinâmica de sensibilização: É preciso muita liberdade para renunciar a tudo.

4. Conteúdo reflexivo: Liberdade de escolha é um valor fundamental da vida moderna. As pessoas usam a linguagem da liberdade, mas são escravas de si mesmas. É ser capaz de amar sem pertencer e viver sem dominar. A liberdade desenvolve uma atividade intensa, coloca o ser humano em tensão com os poderes do mundo.

5. Estratégia metodológica: Sugere-se conversar com o grupo antes para sondar o que sabem ou expressam sobre o tema. Ao refletir e discutir sobre o tema proposto, sugere-se organizar-se em grupos para a confecção de cartazes com a temática. Após as produções é preciso organizar a socialização e partilha das produções e depois encaminhar uma exposição dos mesmos.

6. Produção e criatividade: Depois das realizações em grupo e socialização, provocar o grupo e as pessoas a mudarem a maneira de fazer algo que você faz costumeiramente. Preparar um caminho em papel recortado bem comprido. Em seguida, dar a cada participante um pé desenhado e recortado.

7. Avaliação: Apreciação dos cartazes produzidos durante a socialização. Escrever nos pés, uma ação que o torna protagonista. Colocar os pés no caminho.

8. Aprendizagens efetivadas: Todos os dias se deve em liberdade encontrar sentido para realizar algo a favor do outro.

9. Autoavaliação: Só se é quando se doar por alguém! Como sair do seu egoísmo e viver a autotranscendência, abrir-se para o outro, olhar para fora?

A BNCC expressa que, além dos conteúdos e competências na educação básica, cabe incorporar nos currículos e nas propostas pedagógicas das escolas temas regionais e contemporâneos que afetam a vida das pessoas.

[...] a formação de nova mentalidade coletiva para o exercício da solidariedade, do respeito às diversidades e da tolerância. Como processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, seu objetivo é combater o preconceito, a discriminação e a violência, promovendo a adoção de novos valores de liberdade, justiça e igualdade.<sup>258</sup>

<sup>257</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

Vetores de Espírito Santo pássaro *ícone do cristianismo* linha simples delineie ícones de religião. [online].

<sup>258</sup> BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. 5. ed. Brasília: Secretaria em Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2009.

Pode-se atribuir significados distintos para a liberdade, apesar de diversos sentidos, ela pode ser entendida em um sentido amplo, parece designar um desejo comum a todas as pessoas. Refletir, questionar sobre esse valor para que assim cada vez mais se possa assumir de forma livre e espontânea a vivência ética na comunidade escolar.

Figura 5: Valor da prática cidadã<sup>259</sup>

1. Valor a ser trabalhado: Prática cidadã



2. Objetivo do roteiro: Promover a organização dos(as) participantes em torno de um ideal ou de uma causa comum, se possível ampliando o espaço de atuação, estimulando o desenvolvimento de habilidades relacionadas à solução de problemas e a atuação em sociedade, de forma a contribuir para formar cidadão(ãs) ativos e que transformam positivamente o lugar onde vivem. Ampliar a consciência sobre a importância de seu protagonismo na esfera coletiva. Estimular o conhecimento de questões relacionadas à convivência e atuação social. Apoiar as pessoas no processo de formação como cidadão participativo e global, refletindo e escrevendo sobre sonhos e esperanças que alimentam seu viver.

3. Dinâmica de sensibilização: O ser humano se destaca dos demais animais pelo uso da razão! Essa é uma das grandes obviedades da vida e cada um de nós pode experimentar isso a todo instante, sobretudo nas coisas que nos cercam e nos servem.

4. Conteúdo reflexivo: Ser um cidadão global implica reconhecer e apreciar a diversidade social e cultural global, com base em valores e atitudes como interesse, empatia, respeito e engajamento em causas globais, a vivência como cidadãos responsáveis e participativos favorece a elaboração de um projeto de vida, em especial no âmbito social, visando à construção e à manutenção de um compromisso com o bem comum. Respeitar os direitos e deveres definidos em uma sociedade é uma das formas de ser um cidadão responsável. Exercer a cidadania é cumprir com seus deveres e ter os seus direitos respeitados. Ser protagonista da sua história e do seu entorno é ir além dos direitos e deveres, é envolver-se com a sua realidade e transformá-la, há diversas formas de ser um cidadão participativo e responsável: como voluntário, atuando em coletivos ou em outras formas de organização visando ao bem comum.

5. Estratégia metodológica: Conceder um tempo para que cada um(a) reflita e escreva seus maiores sonhos. Formar pequenos grupos para uma partilha dos sonhos de cada um(a), cada grupo, elabora seus cinco maiores sonhos em relação à vida, em relação ao presente e ao futuro. Ainda como grupo, põem esses cinco sonhos em ordem de importância, do sonho mais importante ao menos importante, e explicam o porquê dessa ordem. Desenhar um boneco num grande papelógrafo e escrever: Que valores queremos viver para transformar o mundo em uma bela casa de irmãos?

Encontrar uma forma criativa para apresentar os cinco valores ao grande grupo, que pode ser: em forma de teatro, coreografias, refrões de música, expressões corporais e etc.

6. Produção e criatividade: Os grupos apresentam de forma criativa as reflexões feitas nos grupos, apresentam também seus cinco maiores sonhos e o porquê deles.

<sup>259</sup> Quadro desenvolvido pelo pesquisador, em 2022.

Vetor no Vecteezy 7243625. *Estilo de ícone de cidadania*. [online].



7. Avaliação: Você conhece e exerce os seus direitos e deveres? Você participa de alguma ação de voluntariado? Qual? Por quê? De que forma você pode contribuir com ações voluntárias para a melhoria da convivência e do bem comum no seu entorno?

8. Aprendizagens efetivadas: Investigação crítica, alfabetização midiática, pensamento crítico, tomada de decisão, resolução de problemas, construção da paz e responsabilidade pessoal e social. As ações de voluntariado podem partir de grupos de pessoas em função de alguma demanda social ou ambiental.

9. Autoavaliação: O exercício da cidadania e a participação social local e global podem se concretizar em ações em ambientes físicos e/ou virtuais e individual ou coletivamente. De que forma “eu” exerço a cidadania global? Proposta para que todos assumam um compromisso, que pode ser um compromisso como pessoa ou como grupo.

A BNCC define a competência “responsabilidade e cidadania” como “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, [...]”<sup>260</sup>.

A prática cidadã como o exercício da cidadania que se dá a partir do reconhecimento dos direitos e de sua vivência no meio social, no compromisso responsável e transformador das realidades que circundam aqueles que vem na busca de uma mudança que passa pelo conhecimento de seus direitos para uma melhor visão de mundo e da realização ética na vida de todos(as) que são impactados(as) nesse processo formativo.

A vida se fortalece à medida que há entrega para dar vida aos outros, essa é a verdadeira atitude humana. Para concretização da proposta é importante motivar as pessoas a participarem efetivamente por meio do testemunho de vida, fortalecendo a ação e participação consciente de cada um. Nesse sentido, é importante o trajeto feito até aqui, num processo de imersão em si mesmo através de reflexões, tendo em vista o fortalecimento pessoal para uma melhor existência cosmovisional na perspectiva ética.

A proposta até aqui concentrou na criação e fortalecimento dos grupos de formação de educadores(as) do Ensino Religioso, através das fundamentações e reflexões, com o intuito de despertar para o dom e a beleza da vida, motivando-lhes ao engajamento em expressões e ações, valorizando e fortalecendo as iniciativas criativas como caminho de superação das dificuldades, dos comodismos, dos distanciamentos e das indiferenças,

O desafio dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso é adequar a pedagógica com as experiências formativas e o percurso até aqui construído desenvolvendo todas as suas capacidades e habilidades para lidar com as mais diversas situações, assumindo para si um jeito de encarar a vida e o mundo no contexto da cosmovisão ética, como uma obra de arte que parte da criatividade. A criatividade é a manifestação de comportamentos e ideias, pensando fora de comportamentos limitados.

<sup>260</sup> BRASIL, 2018, p. 10.

Dentro da cosmovisão ética tem lugar para todos e todas e quanto mais grupos forem atingidos pela proposta formativa, mais se chegará à realidade existencial das pessoas para que elas possam conhecer e viver em comunhão com os princípios e valores humanos pautados na perspectiva ética.



## CONCLUSÃO

Uma produção acadêmica é sempre uma chave com a qual se pode abrir uma nova perspectiva de olhar o mundo que o cerca, a partir da cosmovisão ética e com a qual o ser humano poderá construir seu ser, seu fazer e seu pensar.

Diante das perguntas que foram levantadas para o processo da realização dessa pesquisa, frente à problemática levantada, foi possível constatar muitos desafios na formação continuada para educadores(as) do Ensino Religioso da região a que se direciona este trabalho.

Nos estudos que levaram a construção da pesquisa houve o conhecimento do pensamento de vários autores importantes para a compreensão da cosmovisão, assim como a compreensão da ética e dos valores que foram abordados para serem explorados na tarefa formativa dos(as) educadores(as) do Ensino Religioso.

As questões, que ao longo dessa construção foram realizadas para trazer a reflexão sobre o percurso da tessitura dessa caminhada formativa, indicam que se faz necessário trabalhar concretamente, ludicamente e vivencialmente com os pressupostos defendidos pela cosmovisão. Afinal, reconhece-se que o caminho trilhado pelo pensamento, aproxima-se dos valores que são indispensáveis à formação dos sujeitos no contexto de seu desenvolvimento, como foi reafirmado ao longo dos três capítulos.

O primeiro capítulo desta produção apresentou as concepções, princípios, fundamentos e cosmovisão da ética humana, refletiu sobre a ética e os pressupostos do agir e do ser na perspectiva da ética como valor e realização humana, analisou criticamente os teóricos fez um esclarecimento da ética e suas implicações e aplicação desta no Ensino Religioso.

Diante dos desafios do fazer pedagógico, faz-se necessário assumir uma postura ética frente à opção que escolhe viver esse mundo. A cosmovisão ética é a coexistência harmoniosa do ser humano com o cosmo, o mundo e a natureza. É na experiência cotidiana da vida que se dá e se expressa, o encontro com o transcendente, seja para entender a origem das coisas, seja para descrever os eventos atuais.

Com as implicações da falta de ética no mundo e de suas consequências na vida das pessoas, nas suas relações e na busca por uma vida plena, observa-se que não se pode pensar a formação distanciada delas, antes, elas precisam ser discutidas, analisadas e ressignificadas.

A cosmovisão ética suscita o respeito pela criação, traz à tona os valores humanos e espirituais, ou seja, a prática do respeito, à vivência do amor e da justiça na construção de um mundo melhor. É notória a necessidade de que ainda precisa-se avançar na construção de uma

pedagogia que assuma a cosmovisão ética, principalmente, na formação de educadores(as) e é esta constatação o maior desafio do futuro.

Diante dos desafios que se tem, é preciso continuar a discernir e a buscar entre tantos apelos, quais são os valores que devem nortear a vida humana. Há um discernimento que se faz quase espontaneamente, mas é possível proceder de modo mais metódico e sistemático. A formação humana tendo como base os valores éticos, avança no sentido da vivência do amor que está além de toda a compreensão.

O segundo capítulo abordou os valores humanos nas perspectivas da visão de mundo nos modos de ser ético, assim como uma compreensão do termo cosmovisão e sua relação com a consciência na tentativa de compreensão do ser e as subjetividades a partir do sistema de valores, procurando assumir de forma prática dentro de um programa de formação continuada.

O ser humano, na política como nas ciências, deixa rastros de destruição por onde passa, lixo, desperdício e morte, frutos da decadência moral e ética, de um coração frio, indiferente, individualista, à procura da satisfação imediata dos seus desejos. É triste observar que ele, muitas vezes, vem usando o conhecimento adquirido com a inteligência para ser agente da escuridão, do ódio e do infortúnio de muitos.

A cosmovisão permite um diálogo com a espiritualidade em uma abrangência maior, como bem define a experiência mística, que ocorre no contato direto com as obras da criação, pois, como criatura, o ser humano não vive apenas no mundo, mas, acima de tudo, em relação com o mundo. Essa experiência oferece a oportunidade de compreender melhor a importância da preservação e da vida em um mundo ameaçado, no qual o ser humano muitas vezes se torna um predador e destruidor do seu próprio meio.

Hoje, mais do que nunca, é necessário refletir os valores pautados na cosmovisão ética: respeito, fraternidade, amor, responsabilidade, liberdade, prática cidadã e o sentido da vida. A cosmovisão abre os olhos, pouco a pouco, e observa em seu interior o apelo para discernir, em liberdade e com coragem, descobrir e fazer um itinerário de sua vida, mesmo que seja difícil encará-la, pois todos e todas têm uma missão de vida. Por isso, precisa cuidar do que faz, ter paciência e coragem de viver, perseverando no caminho.

O terceiro capítulo trouxe o itinerário por meio dos quadros dinamizando para formação continuada dos(as) educadores(as) do componente curricular Ensino Religioso, apresentou os níveis da pessoa no reconhecimento da concepção que pauta a vida humana. A proposta trouxe desenvolvimento do itinerário pedagógico, contendo reflexões e dinâmicas sobre a formação de valores humanos pautados na dimensão ética, para a capacitação dos(as) educadores(as).

Decidir nessa trajetória é investir o melhor de si mesmo, do intelecto, da vontade e do coração, no crescimento nessa caminhada com os olhos fixos nesse ideal e pés plantados no chão da realidade. Quando um grande ideal empolga e seduz, os horizontes se alargam, as perspectivas se aproximam e não se perde tempo em coisas insignificantes. Os empreendimentos duradouros exigem um preço, sempre um esforço diário, vontade de acertar, organização, disciplina, objetivos definidos, fidelidade até o fim.

O ser humano é chamado a prosseguir na caminhada, desenvolvendo suas potencialidades. Assim, prosseguir com esperança é fundamental. O valor da sua existência está em deixar, em algum lugar, os frutos do amor, da doação, da partilha, da solidariedade. Contagiar as vinte quatro horas diárias com o perfume de um sorriso, com a vivência da fraternidade.

Diante deste compromisso com o ser e o fazer pedagógico, destaca-se a relevância desta pesquisa para a formação ética que pauta todas as ações humanas, assim como a vivência dos valores como um exercício diário comprometido com a formação de si e do outro aqui aprofundados, acreditando que se trata de um itinerário em construção possibilitando uma maior abertura para o acolhimento do outro e para o compartilhamento das experiências vivenciadas na responsabilidade, na valorização e principalmente no respeito aos valores que promovem a vida.

O itinerário percorrido no ato de fazer esta pesquisa deu forma e consistência à proposta de construção do itinerário formacional. Foi um processo feito passo a passo, através estudo, investigação e sistematização das ideias e de modelos já vivenciados no campo pedagógico.

Em afirmação ao fazer pedagógico está a BNCC como base às várias mudanças para as escolas de todo país. As mudanças impactaram as práticas pedagógicas, com foco no desenvolvimento de competências e o compromisso com a educação. Uma postura do(a) professor(a), contribuindo com novas práticas, valorizando a participação ativa dos(as) alunos(as), conduzindo a uma releitura do papel do professor, incentivando a proposta de trabalho interdisciplinar, facilitando na contextualização dos conteúdos com a realidade do(a) aluno(a).

O Ensino Religioso vem construindo muitas experiências na valorização do trabalho pedagógico dos(as) professores(as), na vivência profissional e nas relações estabelecidas no dia a dia da sala de aula, que devem ser o ponto de partida para qualquer tipo de formação.

Ainda é necessário avançar na valorização e na capacitação do tema aqui abordado, para as escolas e educadores(as) do Ensino Religioso, mesmo assim, não se pode fechar os olhos e não perceber a necessidade de avaliar a influência nos avanços até aqui construídos.

Os métodos que serão utilizados no alcançar das pessoas dependem do momento, da organização e da disponibilidade das escolas e das possibilidades existentes, por isso não se pode engessar o processo, pois depende da atuação e da disposição a ser construída na parceria, no foco e na crença do valor que se tem e desperta para um viver mais autêntico.

É um desafio permanente quando se pensa a educação e em especial para onde se projetou esse projeto de formação continuada, aos professores(as) do Ensino Religioso do município de São José em Santa Catarina, que vem passando por muitas tentativas de qualificação da educação na superação no modo de atender à demanda de uma cidade em expansão e no fortalecimento de uma rede pública de ensino, mais inclusiva e democrática.

Para esse fim e diante da diversidade os educadores(as) precisam reafirmar a cosmovisão ética em seu fazer pedagógico, pois é ela que vai refletir e influir de forma direta na vida dos(as) estudantes. Uma proposta de ensino fundamentada em princípios que tem como base os ensinamentos e valores éticos exige que os(as) educadores e educadoras estejam cada vez mais qualificados(as) para a sua atuação de maneira ética nas escolas com um olhar mais preparado na perspectiva da cosmovisão ética.

A compreensão da cosmovisão ética é o modo de manter o ser humano dentro do grande plano valorativo para com a humanidade, mas só isso não basta, é preciso renovar esse olhar na dinamicidade do mundo e dos avanços do conhecimento e como este se faz conhecido e acessado pelas pessoas. A educação é o grande espaço privilegiado de sistematização dessa possibilidade de compreensão do mundo, e a cosmovisão ética se faz necessária, como fundamento dessa compreensão de mundo.

Educação e cosmovisão ética devem caminhar lado a lado em um diálogo constante diante dos novos desafios e das novas realidades que, permanentemente, despontam e desafiam para novos rumos e diante de uma "simbiose" dessas realidades, não se pode perder de vista os valores como projeto humanizador.

Assumir, em favor do ser humano, a formação de valores é primordial no desenvolvimento desse projeto e na atualização e formação continuada dos profissionais que nela atuam. O compromisso e a missão de ensinar e formar as novas gerações para cumprirem em suas vidas e que de algum modo venham a ser protagonistas de sua própria história, é o desafio que se apresenta e que se assumido poderá fazer a diferença na vida daqueles(as) que serão alvos deste ensino.

As percepções dos(as) professores(as) sobre os movimentos de mudanças tão essenciais para construir melhores práticas pedagógicas para todos, são evidenciadas no dia a dia no interior do chão das escolas, principalmente aos(as) professores(as) do Ensino Religioso que



convivem com a falta de interesse perpassado pelas mais diferentes instâncias da educação, família alunos(as), professores(as) de outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, a proposta aqui trabalhada se faz pertinente no trabalho de formação do(as) educadores(as) deste município.

Foi com esse fim que essa proposta foi construída e reafirma seu compromisso com a realização prática da mesma e de um maior fomento no processo de ensino e aprendizagem de todos aqueles(as) que serão imbricados nesse neste itinerário, tendo como base a cosmovisão ética.

Conclui-se que essa abordagem da cosmovisão ética, enquanto modo existencial de ver a vida, a realidade e tudo que os cerca, se faz necessária e continuará sendo até que se construa uma sociedade mais igual para todos e todas. Para quem já está engajado, continue a fazer melhor o que se faz, recriando sempre. É importante, sim, a persistência na forma de prosseguir o crescimento pessoal e na intimidade do ser com aquilo que se crê.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ALVES, Vicente Paulo. *A religião e o seu ensino: Práticas de ensino e relação interpessoal com os alunos*. Brasília: Universa, 2004.
- AQUINO, José Moacir de. *Educação, emancipação e corresponsabilidade em Karl Otto Apel*. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Departamento de Educação, São Paulo: s. n., 2017. 378 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 20 set. 2022. Acesso em: 28 fev. 2023.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARICÓ, Carlos Roberto. *Arqueologia da ética*. São Paulo: Ícone, 2002.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ARREGUI, Jorge Vicente. *Acción y sentido en Wittgenstein*. Espanha: Ediciones Universidad de Navarra, 1984.
- ARRUDA, Maria Cecília Coutinho; WHITAKER, Maria do Carmo; RAMOS, José Maria Rodriguez. *Fundamentos de ética empresarial e econômica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA-RS. Comissão de Direitos Humanos, p. 1-26, Porto Alegre, 1982, 10. Disponível em: [www.al.rs.gov.br](http://www.al.rs.gov.br). Acesso em: 31 jan. 2022.
- ASSMANN, Hugo.; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BELLO, Susan. *Pintando sua alma: métodos para desenvolver a personalidade criativa*. Brasília: UnB, 1998.
- BERTI, Anélio. *Diagnóstico empresarial: teoria e prática*. São Paulo: Ícone, 2001.
- BITTAR, Eduardo C. B. *A justiça em Aristóteles*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BORIN, Luiz Cláudio, *História do ensino religioso no Brasil*. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. 5. ed. Brasília: Secretaria em Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Temas contemporâneos transversais na BNCC*. Brasília: CNE/CEB, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 25 fev. 2023.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Ministério da Educação Nacional, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de implementação da Base Nacional Comum Curricular*: orientações para o processo de implementação da BNCC. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/guia\\_BNCC\\_2018\\_onlinev7.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/guia_BNCC_2018_onlinev7.pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 2, de 22 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BROTTO, Julio C. de P.; STEPHANINI, Valdir. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 12, n. 1, p. 61-79. 2021, p.77. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br>. Acesso em: 16 jul./2022.

BROTTO, Júlio C. de P.; STEPHANINI, Valdir. Ensino Religioso: por uma prática que promova conscientização. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 106-121, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BUNGE, Mario Augusto. *Dicionário de filosofia*. Trad. Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAMINHEIRO. Astúlio de Nunes. COMEP, São Paulo: 1980, 03 min 16s., (canção).

CANDAU, Vera M.(org.). *Reinventar a escola*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARON, Lurdes (org.) e Equipe do GRERE. *O Ensino Religioso na nova LDB*. Histórico, exigências, documentário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, Celso. *Evolucionismo cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CATÃO, Francisco. *Curso de Ensino Religioso escolar*. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1987.

CHAUÍ. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHUEIRE, Lucia. *Religiosidades africanas e ameríndias*. Curitiba: Intersaberes, 2021.

COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Promoção dos valores éticos*. CNBB, São Paulo: Folha de São Paulo, 8 de maio de 1993.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

CRUZ, Therezinha M. L. da. Cidadania e interdisciplinaridade do ensino religioso. *Diálogo: Revista de Ensino Religioso*, São Paulo: Paulinas, n. 1, p. 31-41, mar. 1996.

DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura? Explorações: Ensaios de Sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELMONDEZ, P. & PAULINO, L. H. C. Z. Sobre identidade e diferença no contexto da educação escolar indígena. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), Brasília: UnB, 2014, p. 632-641. Disponível em: <https://www.scielo.br> Acesso em: 02 mar. 2023.

DEMO, Pedro. *A educação do futuro e o futuro da educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.

DILTHEY, Wilhelm. *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Covilhã: Lusofonia, 2008.

Disponível em: <https://relal.org.com.br>. Acesso em: 12 ago./2022.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Uma análise introdutória sobre a importância da significação no ensino bíblico. *Revista Teológica*. Curitiba, n.36, dez., 2017, p. 71-90.

DOMINGUES. a proposta da cosmovisão cristã, a formação humana e a ética no processo formativo. *Revista Eletrônica do Curso de Teologia*, Curitiba, n. 4, out. 2014. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com>. Acesso em: 03 set. 2022.

DULLIUS, Paulo. Nossa vida como irmãos. *RELAL, revista lassalista eletrônica*, 2017.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino Religioso no Brasil: Tendências, Conquistas, Perspectivas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

FIGURA 1. *Valor do respeito*. Vetor para download gratuito. *Ilustração de aperto de mão*, PNG. Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 09 out. 2022

FIGURA 2. *Valor do cuidado*. Vetor no Vecteezy 3353045. *Silhueta de mão recebendo com o planeta Terra*. Disponível em: <https://pt.vecteezy.com>. Acesso em: 08 out. 2022.

FIGURA 3. *Valor da responsabilidade*. Digital Marketing. *Responsabilidade Social*. Elemento Digital. Disponível em: <https://www.elementodigital.com.br>. Acesso em: 07 out. 2022.

FIGURA 4. *Valor da liberdade*. Vetores de Espírito Santo pássaro *ícone do cristianismo* linha simples delinee ícones de religião. Disponível em: <https://www.istockphoto.com>. Acesso em: 30 set. 2022.

FIGURA 5. *Valor da prática cidadã*. Vetor no Vecteezy 7243625. *Estilo de ícone de cidadania*. Disponível: <https://pt.vecteezy.com>. Acesso em: 01 out. 2022.

FLEURI, Reinaldo M. Intercultura e educação. *Revista Grifos*, n.15, p. 16-47, mai/2003.

FLEURI, Reinaldo Matias.; CECCHETTI, Elcio.; OLIVEIRA, Lilian B.; HARDT Lúcia S.; KOCH, Simone R. *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli tutti*. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. doc. 210. São Paulo: Paulinas, 2020, FT, 89.

FRANKL Viktor. *A verdade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor. *Retrouver le sens de la vie*. Trad. Georges-Elia Sarfati. Paris: Inter Éditions, 2017.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FROMM, Erich. *Análise do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

GADOTTI, Moacir. *Diversidade Cultural e Educação para todos*. Juiz de Fora: Graal, 1992.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1994.

GANDHY, Piorski A.; GOMES, Eunice S. L. A cosmovisão como fundamento no ensino religioso: apontamentos da pedagogia Waldorf. *Revista Pistis Praxis., Teologia. Pastoral*. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 549-562, jul./dez. 2013.

GANDIN, Luís Armando. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. In: REGO, Teresa Cristina. *Currículo e política pública educacional*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 23-49. (Coleção Pedagogia Contemporânea).

GARCIA, Emerson. A moralidade administrativa e sua densificação. *Revista da EMERJ*, v. 6, n. 21, 2003. p. 211-234.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GOHEEN, Michel W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Associação Brasileira de Educação e Pesquisa em Educação, set/dez, n. 021, 2000.

GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HIEBERT, Paul Gordon. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JULIATTO, Clemente Ivo. *O horizonte da educação: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida*. Curitiba: Champagnat, 2009.

JUNQUEIRA, S. R. A.; CORRÊA, R. L. T.; HOLANDA, A. M. *Aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007.

JUNQUEIRA, Sérgio R. Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Educação e História do Ensino Religioso, *Pensar a Educação em Revista*, Curitiba: Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 5-26, jul-set/2015.

JUNQUEIRA, Sérgio R. Azevedo. Formação do professor de Ensino Religioso: Um Processo em Construção no Contexto Brasileiro. *REVER, Revista de Estudos da Religião*, junho/2010 p. 62-84.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1988.

KANT, Immanuel. *Über pädagogik* (Sobre a pedagogia). 2. ed. Piracicaba: Unimep, 2002.

KERKHOFF, Francinne de Oliveira. *Ensino Religioso no Brasil: tensões e desafios da diversidade entre formação, história e prática profissional*. Dissertação (Mestrado). Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC Lages, SC, 2016.

KOHAN, Walter Omar. ¿Para qué hacer filosofía con niñas y niños en América? *Iberoamericana*, v. XXXV, n. 2, jul./dez. 2013.

KÜNG, Hans: *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.



LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. (Coleção Questões da Nossa Época): v. 67. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LORSCHIEDER, Aloísio. Apresentação. In GONÇALVES, Paulo. S. L.; BOMBONATTO, Vera. I. (org.). *Concílio Vaticano II*. Análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: Uma questão pública*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MELLO, Thiago de. *Faz escuro, mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Fenomenologia da Experiência Religiosa. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 2, n. 2, p. 65-89. Juiz de Fora, 1999.

MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Universitária, 2014.

MESLIN, Michel. *A experiência humana da divina: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MILLER, Darrow L. *Discipulando nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003.

MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORRA, Gianfranco. *Filosofia para todos*. São Paulo: Paulus, 2001.

MOVIMENTO PELA BASE. *Critério da Formação Continuada* dos referenciais curriculares alinhados à BNCC. [s. d.]. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br>. acesso em: 01 mar. 2023.

NAUGLE, David K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília: Monergismo, 2017.

NOVAES, Regina. Juventudes, diversidade e participação: desafios para os governos e sociedade. [Entrevista concedida ao] *Jornal do Brasil*, Caderno B, 9 set. 2001.

OLIVEIRA, David M. de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Ateo*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, mai./ago. 2016, p. 307 - 337.

OLIVEIRA, David M. de. *O agir de Deus nos Andes: Diálogo e missão com os quéchuas*. 2013. 230 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

OLIVEIRA, L. Blank.; JUNQUEIRA, Sérgio.; ALVES, Luiz e KEIM, Ernesto. *Ensino Religioso: no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2007.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas*. In: SENA, Luzia. *Ensino religioso e formação docente: ciência da religião e ensino religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo do seu cativo cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PEGORARO, Olinto. *Ética e Justiça*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PERIN, Adriano. Kant e a estratégia metodológica da crítica da razão prática. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Universidade Federal de Pelotas-RS (UFPel), n. 29, p. 201-225, Pelotas: 2009, Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8828/5836>. Acesso em: 20 out. 2022.

PILETTI, Nelson. *Sociologia da educação*. São Paulo: Ática, 2004.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. 3. ed. Belém: UFPA, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ/SC (PMS). *Proposta curricular de São José*, 2000, p. 29. Disponível em: <https://www.saojose.sc.gov.br>. Acesso em: 20 mai. 2022.

QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. *El País*, 9 jan. 2016. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_67885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_67885.html) Acesso em: 4 mar. 2023.

RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Paulus, 2014.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*, v. 3 ed.. São Paulo: Paulus, 2004.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *A dimensão ética da aula ou o nós fazemos com eles*. São Paulo: Unesp, 2010, p.108. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/26>

ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Revelação e vulnerabilidade: caminhos para uma hermenêutica da revelação a partir da presença-ausência*. 2015. 250 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RUEDELL, Pedro. *Trajetória do Ensino Religioso no Brasil e no Rio Grande do Sul: legislação e prática*. Porto Alegre: Sulina; Canoas: Unilasalle, 2005.

SÁ, Antônio L. de. *Ética profissional*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SÁ, Arnaldo Vicente Ferreira de. *Os Fundamentos do Ensino Religioso*. São Paulo: Eges, 2015.

SANTA CATARINA, *Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na Educação Básica*. Florianópolis: SED, 2014.

SANTA CATARINA. *Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense*. Florianópolis: SED, 2019.

SILVA, Maria J. L. As exclusões e a educação. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; SANTOS, Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

SILVEIRA, Denis. *As virtudes em Aristóteles*. s/d, p. 2. Disponível em: <https://core.ac.uk>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SIMÕES, Júlio Assis; GIUMBELLI, Emerson. *Cultura e alteridade*. (Coleção Explorando o Ensino). MORAES, Amaury César (coord.). p. 187- 206, Brasília: MEC, 2010, p. 188.

SIRE, James W. *Dando nome ao elefante*. Brasília: Monergismo, 2012.

SIRE, James W. *O Universo ao lado*. São Paulo: Hagnos, 2004.

SOARES, Afonso M. de Ligório. Criados para trabalhar? As questões trabalhadas entre nós e os deuses. *Diálogo: Revista de Ensino Religioso*, São Paulo: Paulinas, n. 12, p. 38-39, out. 1998.

SOARES, Afonso M. de Ligório. Educação e religião na escola pública: direito do educando e do educador. *Direcional Educador*, v. 72, p. 10-13, 2011.

SOARES, Afonso M. Ligorio. *Religião & educação: da ciência da religião ao ensino religioso*. (Coleção temas do ensino religioso). São Paulo: Paulinas, 2010.

SOARES, Afonso M. de Ligorio. Perspectivas para o Ensino Religioso: A Ciência da Religião como novo paradigma. *REVER - Revista de Estudos da Religião*. Ano 16, n. 01. jan./abr. 2016.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial? Um estudo pastoral sobre Pequenos Grupos em Igrejas Batistas do Estado do Espírito Santo*. 2016, 326 f. Tese (Doutorado) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Carlos Flávio. *Teologia e filosofia*. Engenheiro Coelho: Academia Teológica, 2015.

TEIXEIRA, Rafael Oliveira. *Sentimento de pertença à escola, sentimento psicológico de comunidade e expectativas educacionais*. Dissertação (Mestrado), Instituto Universitário 2019, 105 f. Lisboa: ISPA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TIBURI, Márcia. *Filosofia prática*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

USARSKI, Frank. (Org.) *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALLS, Álvaro Luiz. Montenegro. *O que é ética*. (Coleção Primeiros Passos, 177). São Paulo: Brasiliense, 1994.

VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia II - ética e cultura*. Rio de Janeiro: Loyola, 1995.

VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2002.

VAZ, Henrique C. L. *Ética e direito*. São Paulo: Loyola, 2002.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

WEFFORT, Madalena Freire. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

X ANPED SUL, *O caráter arquetípico da vocação: (re)pensando as nossas escolhas a partir do imaginário e da (auto)formação humana*. José A. Celório e Lúcia M. V. Peres. Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://xanpesul.faed.udesc.br>. Acesso em 22 set. 2022.

ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

ZILLES, Urbano. Projeto de uma ética mundial. *Telecomunicação*. Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 223-229, jun. 2007.